

ARVORE NOVA

REVISTA DO MOVIMENTO CULTURAL DO BRASIL

ANNO I

RIO DE JANEIRO — SETEMBRO DE 1922

NUM. II

SUMMARIO :

O mysterio de Lohengrin — Renato Almeida

Um escultor argentino — Enrique Loudet

Dansa barbara (versos) — Cecilia Meirelles

Estrada antiga (versos) — Galeão Coutinho

Beethoven (versos) — Ildefonso Falcão

Exhortação á noite (versos) — A. Damasceno Vieira

Curva de mar... (versos) — Hollanda Cunha

Sobre Antonio Carneiro — Redacção

Totemismo — Pontes de Miranda

A glorificação de Castro Alves — Redacção

Alfonsus de Guimaraens — Mario Mendes Campos

Mayorino Ferraria — Saul de Navarro

Mahrata — Carlos Frederico

“Cousas do tempo” — Antonio Salles

A escola para todos — Carneiro Leão

Enrique Loudet — Redacção

Ha cem annos... — Redacção

CHRONICA DO MÊS:

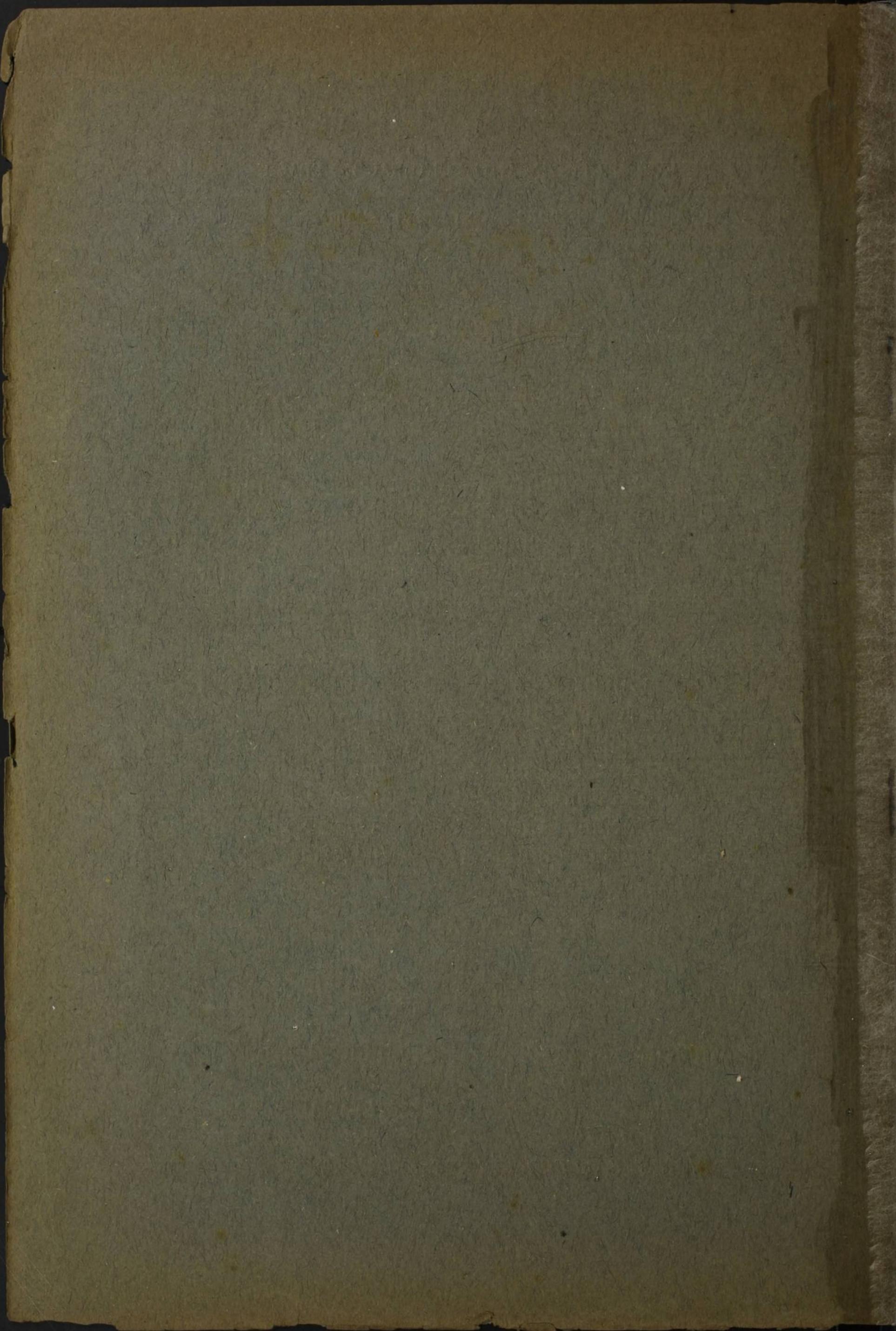
Artes : O expressionismo — S. B. Hollanda
Livros — T. S.

Musica: O snobismo — Andrade Muricy
Juizos criticos — Weingartner

As duas mascaras — Peregrino Junior

Os homens e as cousas — Redacção

Notas e commentarios — Redacção.



ARVORE NOVA

Broad & Cia.

Rua de S. Pedro, 39 - Sobrado

Telephone: Norte 5731

Endereço telegraphico: NAPIVO

Importação - Exportação - Representações

Representantes da

Terra-Film Aktiengesellschaft

Sascha-Film

Foreign Films Corporation

Whisky - "Golden Star" — Pianos: Ritmueller

e Marquardt

Cimento "Kronsberg"

Sociedade Armazens Geraes - Brazil

Cáes do Porto

Armazens e Trapiches:

Avenida Venezuela, 254 a 264

Telephone: Norte 6594



Escriptorio:

Rua de São Bento, 18 - Sobrado

Telephone: Norte 6199

Endereço Telegraphico: RHO

ARMAZENS GERAES

e Trapiches para cargas e descargas
de mercadorias de navios e vagões
das Estradas de Ferro Central, Leo-
poldina Railway e da Compagnie du
Port do Rio de Janeiro.

Recebe em deposito mercadorias na-
cionaes e estrangeiras. Emitte War-
rant (Dec. n. 1.102, de 21 de Novem-
bro de 1903). Adeanta dinheiro para
pagamento de fretes e outras despezas
precisas para receber nesses armazens
as mercadorias conduzidas pelas Es-
tradas de Ferro e Emprezas de Na-
vegação.

RIO DE JANEIRO

ARVORE NOVA

PREPARADO PHARMACEUTICO DE ORLANDO RANGEL

O MAIOR TONICO DA
= FADIGA NERVOZA, =
DA FADIGA CEREBRAL,
DA SURMENAGE EM
===== GERAL =====

Dóses: 2 a 4 colheres das
de chá por dia, puras ou
diluidas em meio calice
d'água.



KOLATENO.



E' o summum dos principios activos da Noz de Kola Fresca, a que se acham associados o Matte e o Phosphato de Sodio.

Depositarios: RANGEL COSTA & C.

83, Rua da Assembléa, 85

RIO DE JANEIRO

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
"STELLA"
Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

Séde: RUA SILVA JARDIM, 16
Caixa do Correio 1243
Teleph. Central 5383
Endereço Telegraphico «COSTELLA»
Rio de Janeiro

CAPITAL
Rs. 1.000:000\$000
REALISADO
Rs. 500:000\$000
DEPOSITO NO THESOURO
200:000\$000

DIRECTORES
Oscar Rudge Leonidas Garcia Rosa
CONSELHO FISCAL
Dr. Raul dos G. Bonjean
Octavio Correia Dias
Euclides Nascimento

Agentes em todos os Estados e principaes cidades

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
NORDSKOG & CIA.

Rua dos Ourives, 32—Sobrado
Telephone Norte 3985 — Caixa postal 236
Rio de Janeiro

Filiaes em:
CHRISTIANIA, LONDRES e MELBOURNE

Importadores e Exportadores
de
papel de todas as qualidades e
para todos os fins

Os mais antigos fornecedores de
papel em bobinas para todos
os principaes jornaes
do Brasil

Sempre grande stock de papel
para jornaes

ARVORE NOVA

Machinas e Ferramentas para Industria

MATERIAES PARA

Estradas de Ferro, Marinha e Obras Publicas

O. Waehneldt & Co.

Importadores

Telephones: Armazem N. 1503 — Escriptorio N. 1174

Endereço Telegraphico: WALDO — Rio — Caixa do Correio 1804

— 113, Rua General Camara, 113 —

Rio de Janeiro

Serraria a Vapor

Pinho de Riga, branco, sueco, canella, cedro, peroba, serrados e apparelhados ou em grosso, e vigamentos de lei.

♦♦♦ Tratam-se esquadrias ♦♦♦

Telha Franceza e Nacional, Cimento, Cal de todas as qualidades, Ladrilhos nacionaes e estrangeiros, e outros artigos de construcçao.

Luzes, Souza & C.

Rua Senador Pompeu, 46 a 58

Escriptorio: Telephone Norte 6672
Serraria: Telephone Norte 2111

Filial: Rua da Misericordia, 35
Telephone Central 2838

RIO DE JANEIRO

Meanda Curty & Co.

Engenheiros e Empreiteiros

Especialistas em Cimento Armado

Construcçao geral de edificios, Obras de Saneamento, Portos e Canaes, Estradas de Ferro

DEPARTAMENTO COMMERCIAL
E SECÇÃO D'ARCHITECTURA

S. José, 78

1.^o e 2.^o andares

Officinas de: Carpintaria, Marcenaria, Serralheria e Deposito de Materiaes

Frei Caneca, 450

TELEPHONES

Escriptorios: Central 4426
Officinas: Villa 5597

RIO DE JANEIRO

ARVORE NOVA

ARVORE NOVA

Revista do Movimento Cultural do Brasil

Redacção e Administração

Rua dos Ourives, 29-2.^o andar - Teleph. Norte 1756

Director-Gerente: SYLVIO PEIXOTO

Assignaturas:

NO BRASIL:

Anno	18\$000
Semestre	9\$000
Numero avulso .	1\$500
Num. atrasado .	2\$000

NO EXTERIOR:

Anno	24\$000
Semestre	12\$000
Numero avulso .	2\$000

Annuncios e demais publicações mediante prévia combinação

Arvore Nova só publica ineditos

Pastex

Tintura de Água Fria

Produçōo infi-
ramente inglez.
Não se deve
ferver.
Vendese
nas bôas
casas de
Armarinho.



"Pastex" restaura e faz voltar á sua cōr primitiva
qualquer artigo de seda, lan ou algodão. Dá novas
cōres suaves á roupa branca. E' imprescindivel
para renovar blusas, meias, luvas e demais peças
de vestuario, que precisem de cōres delicadas.
"Pastex"—a tintura instantanea de agua fria—
facilita manter como novas as blusas finas, a rou-
pa branca, de algodão ou seda, e os colletes, em
fim todo o vestuario de uso domestico. Econo-
mia segundo o diccionario, quer dizer "boa or-
dem no governo e administração da casa," e o
resultado favoravel do uso do "Pastex" é uma
expressão de economia.

Novidades Literarias

De Silveira Netto:

Ronda Crepuscular

Poemas

(Edição do "Annuario do Brasil")

De Andrade Muricy:

O suave convivio

Ensaios

(Edição do "Annuario do Brasil")

De Tasso da Silveira:

A Egreja silenciosa

Ensaios

(Edição do "Annuario do Brasil")

A alma heroica dos homens

Poemas

Brevemente:—(Edição da "Arvore Nova")

De Tasso da Silveira e Andrade Muricy:

Anthologia brasileira

de poetas e prosadores contemporaneos

RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1922

ARVORE NOVA

ANNO I

DIRECTORES:

Rocha de Andrade e Tasso da Silveira

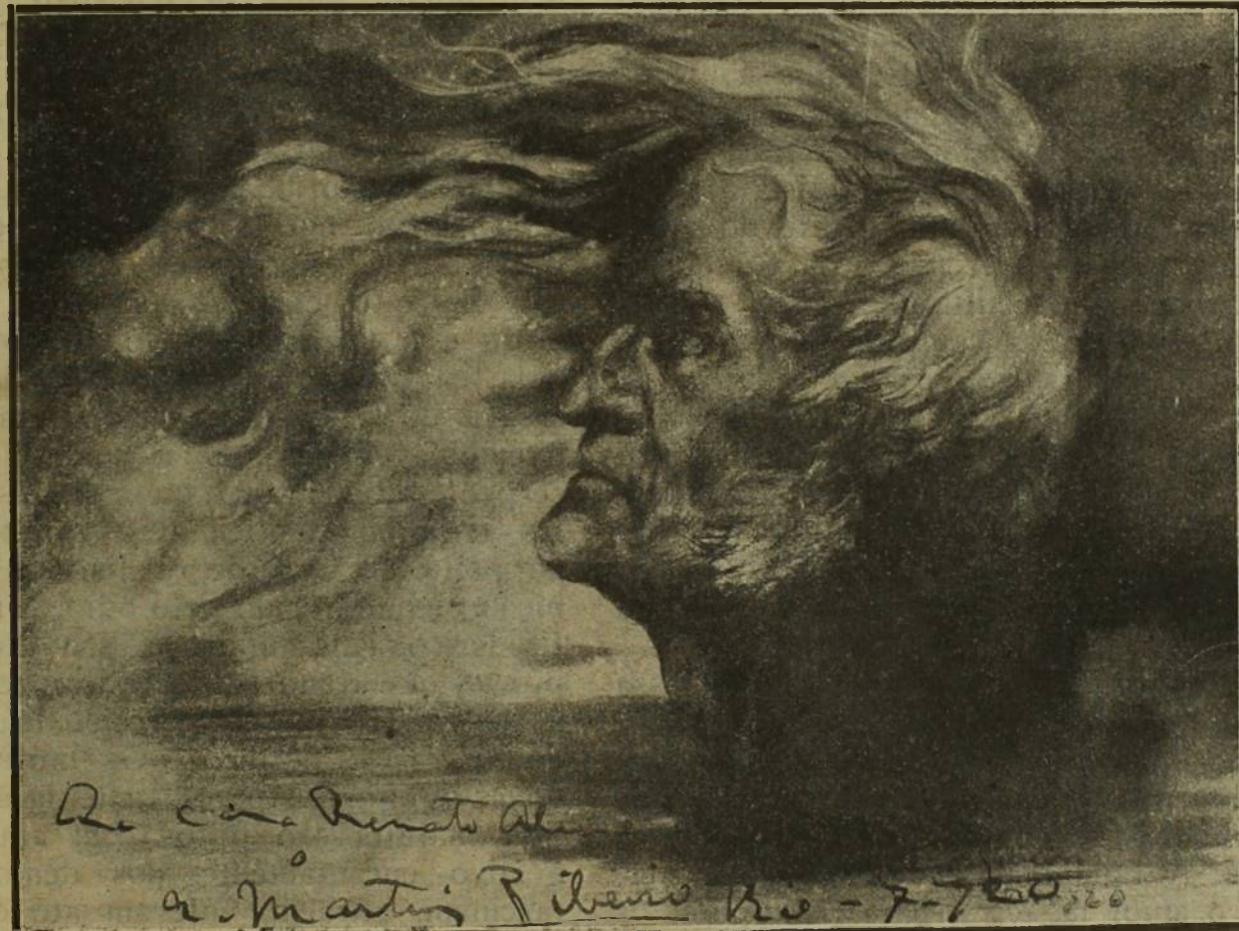
NUM. II

O MYSTERIO DE LOHENGRIN

É a obra mais triste de Wagner, observou um seu commentador illustre — A. Ernst — aquella em que, no momento sublime do encontro do elemento idéal com a criatura, a imperfeição desta torna impossivel a fusão dos dois principios,

outra obra a paixão foi tratada numa melodia mais humana e calma, que nos envolve num suave enlevo de abandono.

Mas, na vida, não ha alegria que não seja cotejada com desillusão, nem virtude que não tenha o vicio por sombra escura,



O GENIO DE WAGNER — Desenho de Martins Ribeiro

obrigando o primeiro a revelar o segredo augusto, que os afastará. No *Lohengrin*, o genio do musico de Beyreuth conseguiu como indicou o luminoso Schuré, realizar em certos pontos uma obra-prima, pelo sentimento e pela pureza das linhas, ainda que sem a força de *Tristão e Isolda*, a riqueza dos *Mestres Cantores*, ou a expressão formidavel do *Niebelungen*. É que Wagner não podia conceber o espirito da musica senão unido ao amor e em nenhuma

nascendo desse contraste a harmonia de existencia ligeira, que levamos sobre a terra. Está tudo bem repartido e, ou por não compreendermos as coisas, ou por lhes esconderem os deuses avarentos a essencia, o certo é que nos não contentamos nunca com o quinhão recebido e nos revoltamos contra os altos designios, cuja intelligencia passa todos os dados humanos. O pessimismo é, ás mais das vezes, a solução espiritual para essa dúvida interior,

em que a alma renuncia a vida, com desespero, ou pela contemplação melancólica. A este estado é que nos transporta o simbolo do *Lohengrin*, em que o cavalleiro perfeito não pode permanecer entre os homens ao revelar-lhes o segredo de sua terra e de sua estirpe, e os deixa numa tristeza immensa, que domina e aniquila.

Lohengrin desce das regiões misteriosas de Montsalvat, onde irradia fulgurante a graça do sangue de Christo e da lança que lhe feriu o coração, immolado pelo amor aos homens, para salvar Elsa de Brabande, da negra accusação de Frederico Telramund. O cavalleiro do cysne vem de uma mansão, cuja sublimidade avulta no Preludio, em que o thema do *Graal* é desenvolvido pela orchestra, em sua grandeza mystica e surpreendente, levando o espirito áquella ebriez, «onde paira uma casta e intensa felicidade», até findar suavemente nos violinos. Por um alto poder de suggestão, Wagner eleva-nos a uma atmosphera superior, de pureza e encanto, de onde o filho de Parsifal descerá á terra. Quando, ao primeiro alto, se inicia a accção dramatica, encontramo-nos diante do mundo e seu tumulto infrene: e da tranquillidade baixamos á confusão. Agora, são os homens em luta, as competições em jogo, a ambição que surge, com a mentira acolado, a cobiça com a traição, o poder com a fraquesa, a innocencia com o temor, enfim todo esse incerto ondular de massa humana, na travessia pelo mundo. O contraste choca. Da serenidade perfeita do *Graal* á confusão descompassada de um imperio em luta.

Nem tudo, porém, é esse horror, essa disputa perpetua e feroz, em que os homens se matam por um pouco de pão, que não alimenta, e um pouco de gloria, que não rebrilha. Nem tudo, felizmente, é essa miseria. A Divindade, que nos criou, permitiu o amor na terra, para retemperar os corações, dando-lhes animo para lutar a dura peleja e esperança, para vencel-a. Foi essa impressão que Wagner marcou no motivo de *Elsa*, aparecendo á sua entrada em scena, quando accusada por uma bocca maldita. Mas ella encontra fé, para resistir ao terrivel embate, no seu proprio interior, e se recorda do sonho, que tivéra, com um cavalleiro de armadura reluzente e espada invicta, a quem evoca e invoca, para seu defensor, enquanto repontar os motivos vibrantes de *Lohengrin* e de *Gloria*.

Wagner vai assim despertando as emoções de divino, de tumulto, de amor e de gloria, com que comporá, juntamente com

os de confiança, de enlevo, de mysterio, de dúvida e de perfidia, a opera grandiosa, inicio da segunda feição do genio, quanto se libertou, segundo confessou, das influencias fórmicas, integrando o espirito na sua direcção propria. No *Lohengrin*, posto ainda haja vestigios dos moldes da opera italiana, já se sente o formidavel poder de expressar e idéalizar nossos sentimentos, de modo que nos toquem num estado de sub-consciencia. Não é assim que nos impressiona a despedida de *Lohengrin* do cysne amigo? É um canto «transbordante de infinito», de uma suavidade magica e uma melancolia indefinivel...

Começa então a divina missão de *Lohengrin*. Salvará Elsa e será seu esposo feliz, mas é preciso que a muito amada nunca o interogue, nem se inquiete com sua origem, seu nome, ou com sua raça, nem queira saber de que paiz longinquamente veio. O segredo — elle o impõe e Elsa promette enlaçando-o nos braços e ouvindo de sua bocca a confissão de amor, numa scena maravilhosa e apaixonada. Segue-se a luta, a victoria, o applauso da multidão e a gloria, que a orchestra desenvolve, findando no motivo de *Lohengrin*.

Entre o elemento superior de sabedoria e o terrestre de fé, intervem a dúvida, cuja accão corrosiva deve aniquilar a crença do coração humano, para perdê-lo irremediavelmente. E' a velha historia da serpente do Paraíso que, depois de muitas encarnações, tem um symbolo novo no peito de Ortrude, violentado pela ambição e ennegrecido pelo odio. A mulher de Frederico Talramund, na sua inveja insopitável que como serpente traíçoeira enlaça a doçura de Elsa, cujas resistencias findam, dominadas e perdidas. Os motivos pelos quaes Wagner expressa a tentação da mulher maldita são feitos com aquelle sugestivo encantamento dos demonios que fascinam, attráem, elevam até dominar a vítima, esmagada debaixo de sua irreparável desgraça. Entre *Lohengrin* perfeito e Elsa pura e confiante, a sombra de Ortrude é a maldade que insinúa, no coração da esposa apaixonada, a curiosidade pelo segredo do amado, até dirigir-lhe a pergunta fatal, na scena da camara nupcial.

Elle responderá. Sua palavra reveladora fulminará a infame Ortrude, mas o afastará para sempre da doce Elsa. Dando aos homens o segredo divino, o iniciado de São Graal não pôde permanecer entre os homens, nem realizar seu amor. Desvendando o mysterio, que o encantava, deve desapparecer; o cysne já volve man-

samente pelas curvas do Escalda e sobre a cabeça de Lohengrin pousa a pomba enviada de Montsalvat, cujo motivo resurge, imponente e grandioso. E, assim, Lohengrin deixa os homens, ensinando-lhes que a sabedoria passando da bocca perfeita para seus ouvidos profanos, não resolve o problema da felicidade humana, que deve ser feito de fé e de crença e não de desejo e de ansia, armas negras da perdição. Pela fé devemos renunciar o conhecimento, por-

que o homem é fraco e não pôde penetrar nos misterios eternos. Querendo possuir-os, perde a ventura, que reside na confiança.

Eis o symbolo da grande obra de Wagner que, embora sem a força de expressão das demais que a seguiram, encerra um sentimento perfeito e sublime, que os homens contudo não hão de aprender.

Triste cegueira a nossa...

RENATO ALMEIDA

UN ESCULTOR ARGENTINO AMIGO DEL BRASIL

LUIS PERLOTTI

Luis Perlotti, no obstante su sincera modestia y el silencio meditativo en que trabaja, es un hombre destinado a la publicidad; no por él, por cierto, sino porque sus obras lo llevan fatalmente a esa popularidad, quizas a la fama, — que, como se sabe está reñida con la modestia de los hombres que quieren y viven en su torre de cristal.



LUIS PERLOTTI

Quien lo ha visto trabajar, ha observado y sentido a la vez que la inspiración que lo anima, el entusiasmo comunicativo que bulle en su interior.

Se dijera que sus ojos luminosos y sus pupilas inquietas y brillantes, todo quieren verle y descubrir la linea armoniosa que ha de fijar aquello que busca su espíritu selecto. Por ello, a veces, después de haber moldeado con su pulgar la curva que anhelaba, se retira, y entornando los párpados como para reconcentrar mejor su

pensamiento, mira desde lo hondo la linea trazada, y... así sigue acumulando oscuro barro que al adherirse y tomar forma, parece que se lleva un pedazo del alma del artista, y es que ese barro, un rato antes muerto e informe, se ha llenado de vibración y vida al solo contacto de sus dedos.

Esa dama joven de 1820 que titula, tan acertadamente «Serenidad», es esplendida.

No se sabe que elogiar más, si la expresión de beatitud que campea en su semblante con una tenue sonrisa angelical que apenas se dibuja, si esa mirada tranquila y lejana que pareciera haberse detenido a soñar en lo porvenir descansando plácida en el horizonte donde vaga un ideal, o las armoniosas líneas que forman esos brazos, cruzados con una naturalidad encantadora, y esas blancas manecitas apreciopeladas de princesa — tan puras en su concepción y ejecución, que invitan a un madrigal o a dejar un beso sobre ellas.

El cuello tiene un trabajo maestro que completa la sensación de tranquilidad, casi diría misticismo amoroso, que envuelve toda la obra, y denota en el autor un profundo conocimiento anatómico en la misma limpidez con que se halla modelado.

El tocado, — que para quien no se ha familiarizado con los peinados de la época, dá una impresión decorativa — está cincelado con conciencia y fina soltura, y lo completa el hermoso y clásico peinetón que tanto usaron nuestras viejas matronas, aun en los tiempos cruentos de la sangrienta tiranía.

El vestido es tambien un traje de la época con su «miriñaque» moderado y gra-

cioso que, aunque cortado, se deja adivinar en su caída.

«*El Tambor de Tacuari*», figura en bronce, de 1,70 metros y que hace poco fué inaugurado en el Colegio Militar de la Nación, en el llamado «Patio de los tambores», sobre un pedestal de más de 2 metros de altura, es sin duda una ejecución felísima.

La sola contemplación de la fotografía, — que provocara del talentoso Cupertino del Campo, insustituible director del Museo Nacional de Bellas Artes — la expresión de «aquí hay vida» la sola contemplación de la figura, digo, nos eximiría de mayores comentarios si no nos animara el propósito de señalar algunos de sus rasgos salientes.

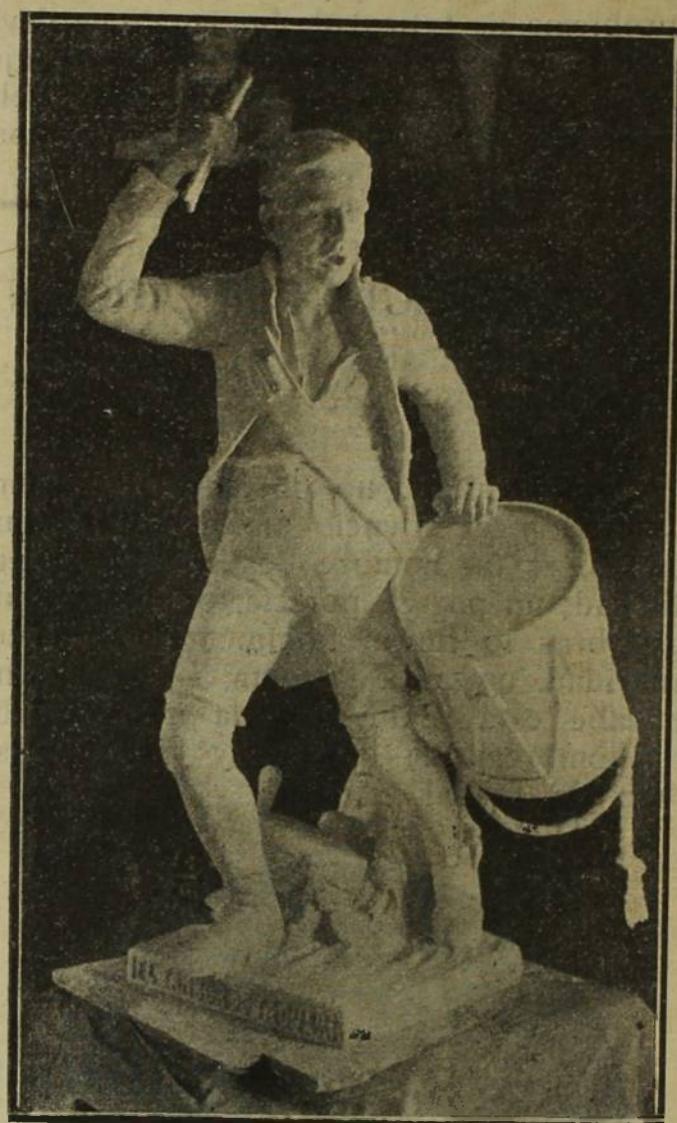
Concebida e inspirada su ejecución en la leyenda histórica del tamborcillo que en



SERENIDAD

el campo de Tacuarí como en Maipo y en Junín hiciera batir el parche con el redoble de la victoria, el pequeño héroe está tomado en una actitud original: el artista ha imaginado al valiente pequeño, avanzando, sustituyendo la actitud del redoble con un espontáneo — aunque bien

estudiado gesto — en que el niño aparece gritando, animando, alto el brazo, crispado el puño, olvidándose de batir el parche, porque lo reemplaza la voz — seguramente aguda y vibrante — de quien, por la patria no trepida en ir a la muerte.



EL TAMBOR DE TACUARI

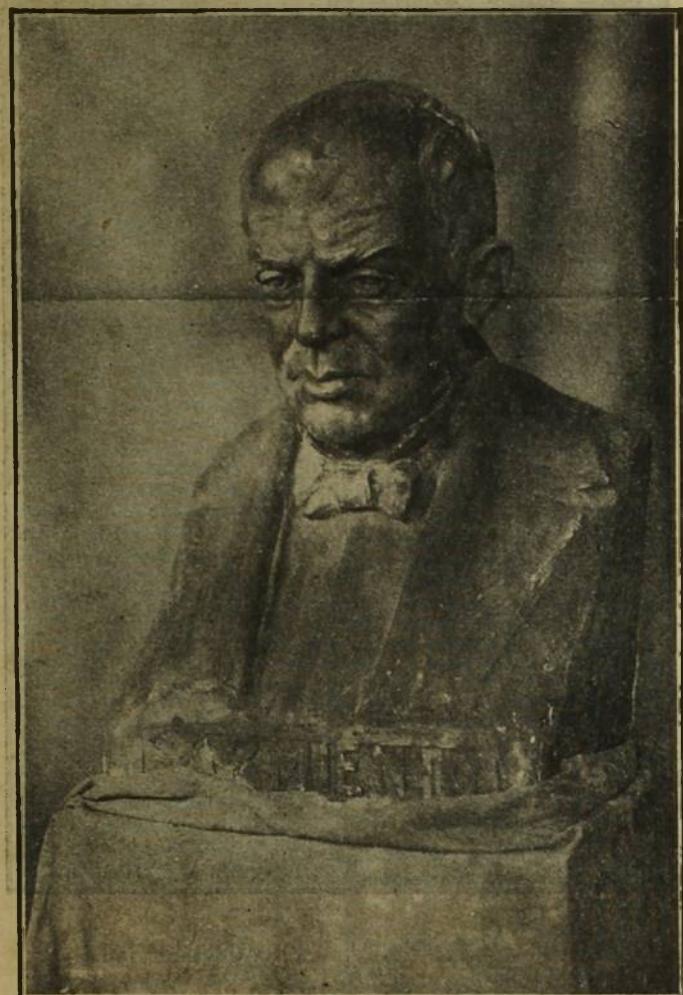
Da la impresión de que dice «ADELANTE!»

Todos los detalles han sido prolijamente estudiados: la casaca — desabrochada *ex profeso* — dejando ver el pecho y dando ocasión al artista para lucirse, en la ejecución del cuello; el tambor; el morrón caído, en todo dá la sensación de que ese muchacho anda, grita, avanza, triunfa!

Esta obra de aliento, llena de sana emoción, ha sido recibida por la crítica artística con unánime aplauso. Presenta al pie, sobre el pedestal, en una placa de bronce, la vibrante estrofa del gran poeta argentino Obligado que dice:

«Y se cuenta que de ahí
por América cundieron
hasta en Maipo, hasta en Junín,
los redobles inmortales
del Tambor de Tacuari!»

Luis Perlotti es autor de numerosas obras escultóricas, algunas exhibidas y premiadas en exposiciones diversas, otras expuestas a la contemplación del público de Buenos Aires adquiridas por instituciones oficiales como el busto del sabio Ambrosetti en la Facultad de Filosofía y Letras,



SARMIENTO

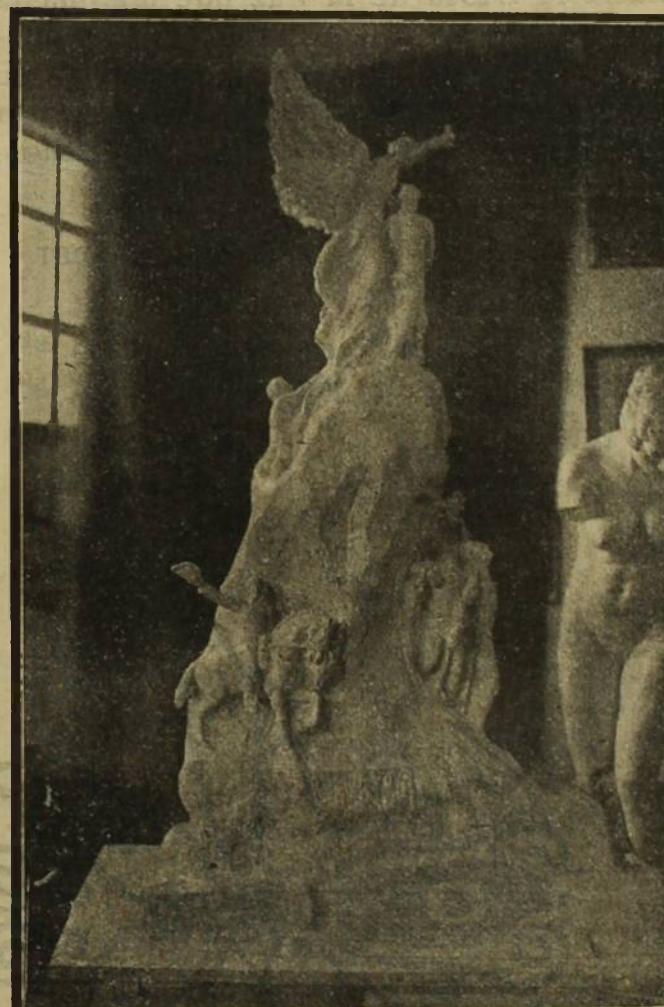
el del general Pueyrredón en la escuela y colegio nacional del mismo nombre, etc. etc.

Amigo sincero del Brasil, — cuyas manifestaciones artísticas sigue de cerca, no hace mucho le escribí unas líneas en las que le decía que en ocasión del próximo aniversario secular de esta República hermana, y ante la casi seguridad de mi viaje a Rio, me sería muy grato obsequiar — en nombre de la Comisión Nacional de Homenaje a la Independencia del Brasil, — a la escuela Sarmiento de esa bella, incomparable Rio de Janeiro, con un busto del «padre de la Escuela Argentina» y Perlotti, respondiendo una pregunta que le formulaba me respondió: «Tu idea la considero esplendida y confundiéndose con ella mis aspiraciones de rendir un homenaje a aquel país amigo te digo que tratándose de un obsequio para la Escuela que en Rio de Janeiro lleva el nombre de nuestro gran Sarmiento, el busto no tiene precio:

es obsequio y homenaje y como tal, debe serlo desde su modelado».

Y heme aquí, en nombre de la Comisión Nacional Argentina de Homenaje al Centenario del Brasil, que preside el benemérito apostol de la confraternidad argentino brasileña Dr. José León Suárez, trayendo ese busto, obra artística realizada con inspiración generosa e idealista en el más alto sentido de la palabra. Quizas por ello la propia mirada del genial Sarmiento se halla impregnada de una bondad verdaderamente sugestiva.

Hay más, Perlotti se ha presentado al Concurso organizado por el Comité de la Juventud Pro Monumento a Brasil con un trabajo que no es difícil obtenga el sufragio de los miembros que forman el jurado encargado de discernir los premios, trabajo que tengo la satisfacción de ofrecer fotográficamente a los lectores de *Arvore Nova*.

MAQUETTE PARA EL MONUMENTO
AL BRASIL

Sobre una inmensa mole de granito (12 metros de altura) dos hombres vigorosos, fuertes y sanos que simbolizan al Brasil y a la Argentina se estrechan la mano, mientras sobre ellos la diosa de la Paz, a manera de angel de la Guarda,

con las alas abiertas, los brazos extendidos y las manos juntas pareciera bendecirlos desde la altura.

Ambos sostienen los escudos de sus respectivas nacionalidades y se lee debajo el tan popularizado pensamiento de Saenz Peña — «TODO NOS UNE, NADA NOS SEPARA».

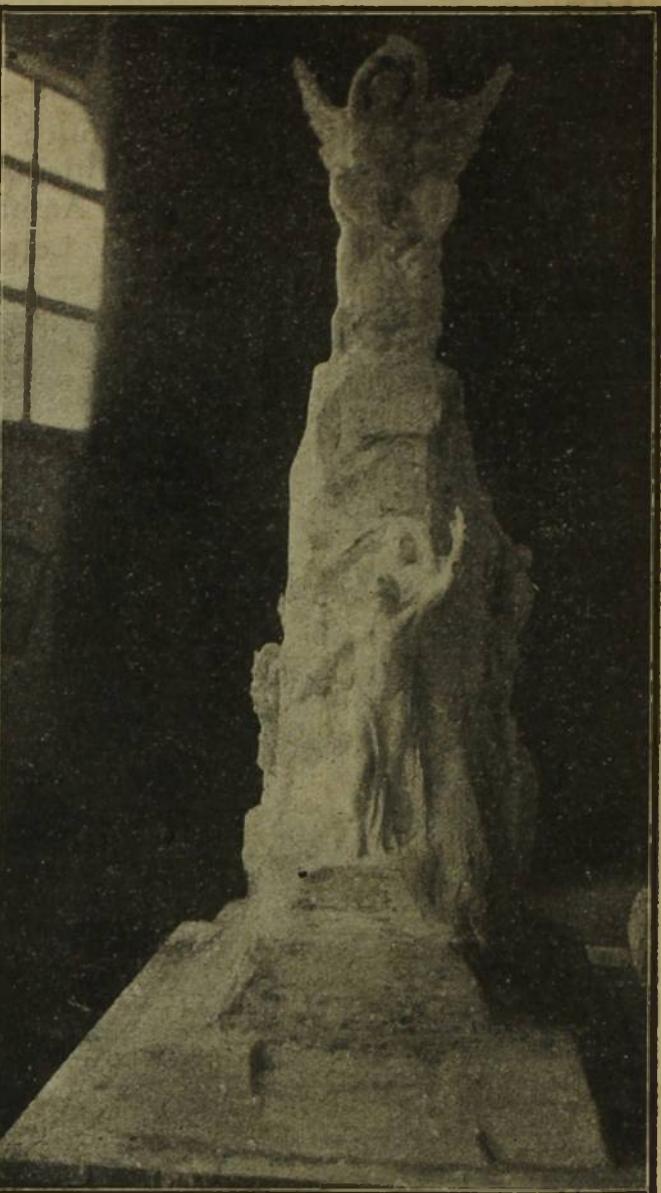
Al pié del monumento y al frente, un notable grupo escultórico representa la Independencia, distinguiéndose la figura central que la constituye un hombre que en un gesto supremo acaba de romper las cadenas.

A la derecha del monumento la estatua ecuestre del Emperador Don Pedro I, presenta a este en un gallardo ademán con su brazo extendido, dando su histórico grito de — «INDEPENDENCIA O MUERTE».

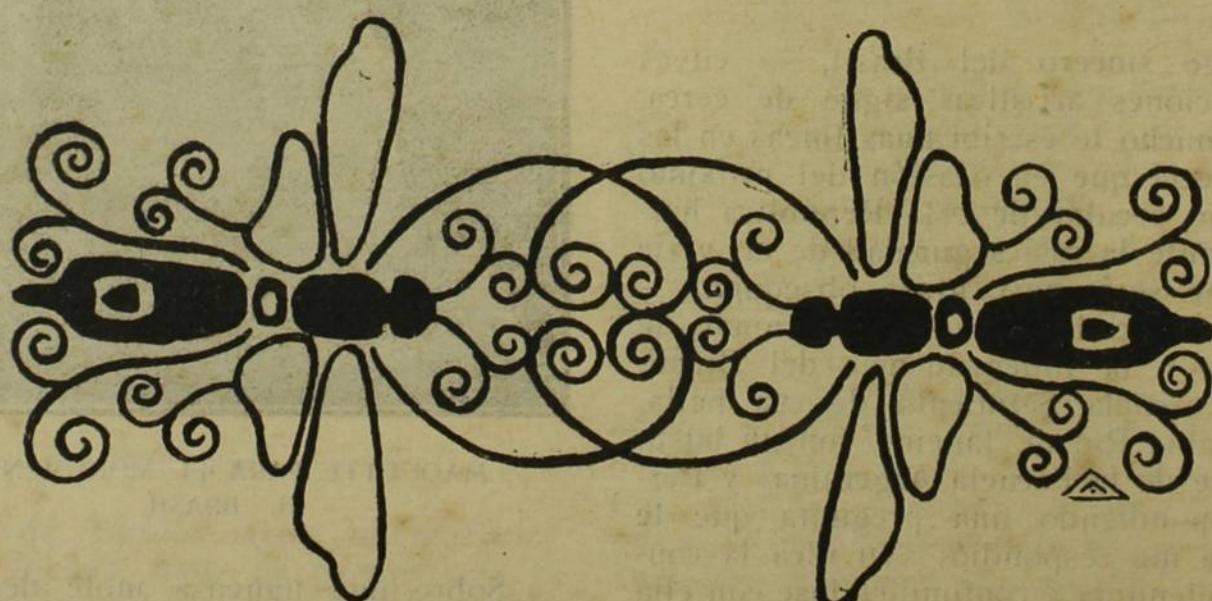
A la izquierda rodeando la mole de granito un hermoso grupo de pueblo ascende hacia la Diosa de la Paz que domina la altura simbolizando la voluntad de los pueblos en un ansia de confraternidad y de concordia base firme sobre la que descansa el porvenir y el progresso de los pueblos.

ENRIQUE LOUDET

A bordo, en viaje a la encantadora ciudad de Rio de Janeiro.



MAQUETTE PARA EL MONUMENTO
AL BRASIL



DANSA BARBARA

NA alta noite deslumbradora,
Ouve-se a barbara cadencia...
Uma cadencia imorredoura...

Rythmos de magua em somnolencia...
Saudade amarga e aniquilante
Do além do sonho e da existencia...

Vozes ondeando... Alguem que cante?
— Unicamente o choro morto
De um triste amor, muito distante...

E, ao luar parado, ao luar absorto,
Têm sonoros encantamentos
Essas vozes de desconforto...

Na convulsão dos movimentos,
Sentem-se géneses lascivas,
Com vertigens e estoncamentos

De naturezas primitivas...
Rhapsodias congas e hottentotes,
Extraordinarias e excessivas...

À luz fantastica de archotes,
Cresce e decresce o estranho rito,
Em que ha virgens e sacerdotes...

E nada existe mais afflito,
Mais singularmente profundo,
Que a repercussão, no infinito

Desse bailado mcribundo...
Selvagem, funebre apotheóse
Do á quem do mundo ao além do mundo...

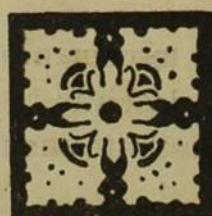
Intuições de metempsychose
Na rudeza do fetichismo...
Embriaguez da primeira hypnose,

Mãe do eterno somnambulismo...
Morbidez de clarividencia...
Antevisão do mysticismo...

Ouve-se a barbara cadencia:
Sons em alternativas de eclipse...
E é tal qual a voz da inconsciencia

Interpretando o Apocalypse!...

CECILIA MEIRELLES



ESTRADA ANTIGA

VELHA estrada que busco á luz do poente!
Por dar allivio ás minhas vans canceiras,
A contemplar-vos fico, horas inteiras,
Saudosamente, evocadoramente...

A estirar-se por montes e vallados,
Ninguem, ao certo, vos conhece o termo:
Ora, sombria, vos perdeis no ermo,
Ora, serena, atravessaes os prados.

Já não florescem tufos de boninas
Em vossas rudes margens mal cuidadas
E dos regatos frios, nas baixadas,
Não vos banham as aguas crystallinas.

Quando, ao luar, se unge a terra de esplendores,
Já não se ouvem, nalgum casal distante,
Cães a ladrar ao pobre viandante,
Enchendo a noite calma de rumores.

Por vós, estrada de emoções antigas,
Nas horas vesperaes e religiosas,
De longes campos vindas, laboriosas,
Não mais oiço cantar as raparigas.

Trilharam-vos variados caminheiros,
No perpassar monotono dos annos:
Pacificas manadas de ciganos,
Legiões atropeladas de guerreiros.

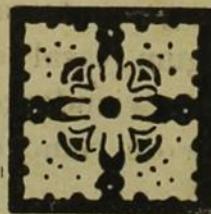
E a quantos peregrinos o chão duro
Vos pisaram, em busca de outra plaga,
Sempre fostes, a todos, a presaga
Sombra interrogativa do futuro.

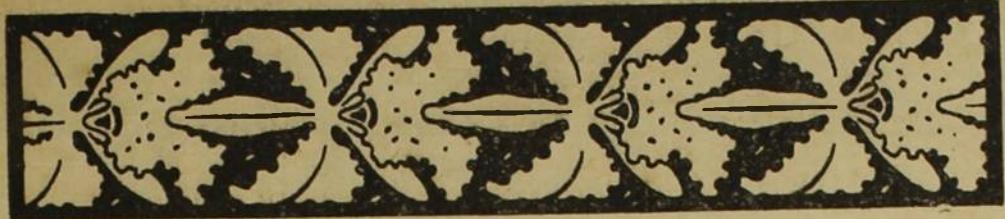
Mas, nem a tudo alheia vos mostrastes;
 Bem vos lembraes daquella que, commigo,
 Se expunha, nos barrancos, ao perigo,
 Para as flores colher nas finas hastes.

Bem vos lembraes da levida serrana
 Que foi o vosso encanto e a minha vida,
 A qual em outra terra anda perdida
 Entre gente viciosa e deshumana.

Por isso não mais canto e, abandonadas,
 As vossas margens não produzem flores:
 Sou agora o mais triste dos pastores,
 Sois agora a mais triste das estradas.

S. GALEÃO COUTINHO.





ESTRADA

BEETHOVEN

(Versión de Angelica Ferraria)

BEETHOVEN es tormenta, angustia, asombro, grito,
océano que ruge, es frémito y tortura...
Reál, imenso intérprete del Alma y de Infinito,
Beethoven es caricia, es piedad, y es dulzura...

Lo triste de la Vida y el dormido conflicto
de pasiones humanas, y el dolor, y amargura
la voz le trasmudaron en clamor de proscrito
que, de ideal sediento, quiere escalar la Altura.

En la sombra, el piano evoca: Una sonata,
extraña, emocionante, en que ansias y delirios
sobre un lugar se agitan, que es de ensueño y de plata...

Oid: y es tempestad armónica que crece...
Oid: y es un deshoje sonámbulo de lirios,
y éxtasis, y sollozos y un susurrar de preces.

ILDEFONSO FALCÃO.



EXHORTAÇÃO Á NOITE

O olhar ancioso para vós levanto.
Ah, bem pudéreis
Lançar um raio da Infinita Luz
Sobre a estrada embebida em sangue e pranto,
Aspera estrada que nos conduz
Por entre paixões estereis.
Vós sabereis o Maximo Segredo.
Presenciastes a Origem,
Conheceis o Final, o vasto enredo
Da sombria Tragedia allucinante.

Tomados da vertigem,
Na febre da voragem delirante
Os Astros—Mundos, Sóes, visiveis e invisiveis—
Pullulantes de vidas, sem repouso,
Libram-se em vosso largo seio nebuloso
Sob Leis inflexiveis!

Vós, ó Noite, sabeis
Que Intelligencia guia as cegas Leis.

Bastaria uma só palavra... Então seguros,
Em seus revelados destinos,
De posse da Verdade,
Os Homens — como irmãos —
Illuminados e puros
Fundiriam os seus corações crystallinos
No Amor — synthese da Bondade!

Esquecidas atraz as tortuosas estradas
Nas Trevas, no Erro, percorridas,
As mesmas rijas mãos,
Hoje pelo Odio e pelo Orgulho armadas,
Deixariam cair, inuteis, as espadas
Para se entrelaçarem commovidas!

Bastaria uma só palavra...

No infinito

Dos céos, a Noite, austera e casta,
Como sem nada ouvir, silenciosa, labuta
Na genese de sua Obra vasta...

— Dizer o que já foi milhões de vezes dito?
O que só o Homem não comprehende ou não escuta? —
Silenciosa e solemne, a Noite, como Céres,
Pela seara fecunda os Sóes consigo arrasta,
Semeando o germinal de Universos distantes...

As Cousas, mudas, fitam-na confiantes...

Quanto esta humana Inquietação contrasta
Com a tranquilla Certeza dos mais Seres!

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA.





CURVA DE MAR

N
ESSA curva de mar que é a vida, ainda me illude
A miragem feliz de um bem!... Tudo me affaga
Nessa estranha illusão de ignota longeza,
Que me attrahe para além dessa linha presaga!

E singro! Aguardo a vez, que esse horizonte mude,
Sempre nú... Sempre vâo... entre a bruma e entre a vaga.
E os annos, como os sóes do meu destino rude,
Choram todo signal de terra que se apaga!

Sempre mar! Mar e céo... Sempre essa imagem turva!
— E o que vês, coração, nas vergas e nos astros,
Que não mudas o rumo e não sahes dessa curva?

Assim, homens e náus vão com a Saudade, a esmo:
— Sulcam as crestações no velame e nos mastros...
E o sonho é o mesmo... E a vida é a mesma!... E o amor é o mesmo...

HOLLANDA CUNHA.

SOBRE ANTONIO CARNEIRO

Desde ha vinte annos que Antonio Carneiro é considerado um dos mais distintos e cultos pintores de Portugal. No começo de sua carreira, para completar e apurar a superior visão artistica com que veiu, transportou-se a essa metropole espiritual do mundo, que é a Paris maravilhosa, onde se extasiou na contemplação das obras-primas dos grandes mestres. Mereceu-lhe ahi carinho especial a obra formosissima de Puvis de Chavannes, que, no dizer de um dos mais autorizados criticos, «pela sua composição magistral, pela sua serenidade superior, pela harmonia absoluta entre as personagens e a natureza que as envolve, occupa em nossa lembrança lugar ao lado das pinturas monumentaes mais altamente consagradas pela admiração do Passado».

A influencia de Puvis de Chavannes sobre seu espirito foi, como elle proprio confessa, decisiva, embora em nada tenha perturbado as linhas essenciaes de sua inspiração original.

Após esse deslumbramento em Paris, fixou Antonio Carneiro residencia na cidade do Porto, passando largas temporadas em Leça da Palmeira, onde o prendiam as mysteriosas manhãs de névoa, a areia subtil de suas marinhas, banhadas sempre do gentil idealismo do mais idealista dos pintores-poetas.

Expôs varias vezes em Lisbôa e Porto. No principio da guerra, visitou o Brasil, realizando antigo desejo. Esteve demoradamente no Rio de Janeiro e em Coritiba, capital do Paraná, trabalhando intensamente em ambos os lugares e nelles produzindo algumas de suas mais formosas aguarellas. Em nossa natureza tropical bebeu Antonio Carneiro inspiração para trabalho de grande folego que pretendia executar, — a ilustração do *Inferno* de Dante em magestosa serie de quadros a oleo.

De sua passagem pela nossa terra levou o admiravel artista o encantamento de uma paisagem multipla e excepcional, e a lembrança de amizades profundas que ainda agora perduram.

Carneiro chegou a ser professor da Escola de Bellas-Artes do Porto, transmitindo a seus discípulos preciosos ensinamentos de sua estética altamente concebida. Complicações burocraticas, no entanto, desviaram-no da cátedra, deixando-o a sós com a sua Arte. Hoje, á volta dos cincuenta annos, com dois filhos artistas, uma galeria de bellas pinturas, e a mais encantadora serie de retratos-desenhos, sem que a

vida lhe tenha sorrido sempre, gosa elle da beatitude serena de um grande nome, estimado e admirado por quantos o conhecem.

É-nos grato reproduzir aqui um artigo de Manuel Laranjeira, publicado nos *Serões*, de 1907:

ANTONIO CARNEIRO

Esboço para o estudo de uma obra através de um temperamento

A quem olhar, mesmo de relance, a obra que este artista realisou n'estes ultimos annos, avulta desde logo á evidencia um avanço evolutivo verdadeiramente inesperado.

E já não quero referir-me aos progressos



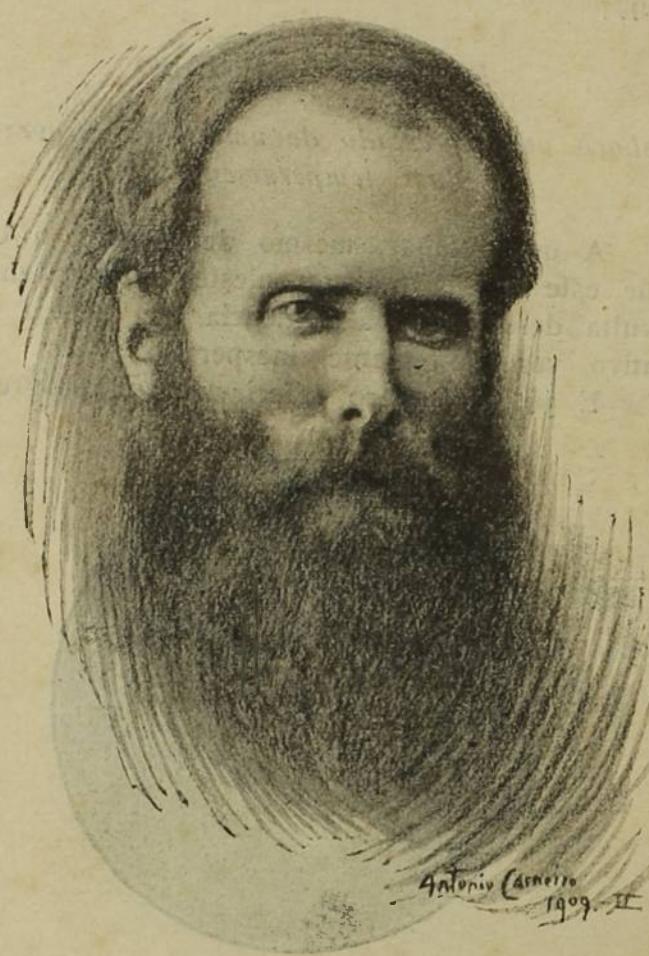
ESTUDO

da technica, ao que poderia chamar-se evolução da forma. Essa, como em todos os artistas de raça, produziu-se n'um sentido já previsto, o da maxima simplificação e sobriedade. Quero sobretudo referir-me ao avanço evolutivo no domínio concepcional. Ahi é que a evolução se fez n'um sentido absolutamente inesperado.

Eu me explico.

N'uma exposição que Antonio Carneiro realisou ha quatro ou cinco annos, o seu temperamento artistico parecia definitivamente polarizado. N'esse momento, que parecia marcar d'un modo decisivo a sua orientação, o artista poderia definir-se como sendo um pintor retratista, que de quando em quando pintava paisagens d'uma grande intensidade emocional, mas ainda pelo mesmo processo que pintava retratos, porque eram paisagens onde a expressão de estados subjectivos era a nota predominante.

Então, quem comparasse um dos muitos retratos que o artista expunha com uma das telas chamadas de composição, não deixaria de notar uma desproporção, flagrante, enorme. Ao passo que os retratos revelavam um artista próximo da maturidade, prestes a attingir uma perfectibilidade inconfundivel que é o cunho de todos os grandes artistas quando estão plenamente possuidos de todos os recursos da sua arte, — os seus quadros de composição pareciam dizer d'um modo iniliudivel que esse seria um genero de pintura em que o artista estava condenado a falhar sempre. Depois, a



ANTHERO DO QUENTAL

tornar mais nitida e accentuada esta desproporção, vinha juntar-se o facto de certos estudos que o pintor fizera para esses quadros serem obras notaveis de retratista, ou pedaços magnificos de natureza, coados sempre, é preciso não esquece-lo, atravez do temperamento pessoalissimo do artista e por conseguinte impregnadas d'uma emião intensamente subjectiva.

Os estudos para o «Baptismo», mais do que uma acção onde o homem é sempre a figura central, eram um pedaço expressivo de paizagem vaga, onde as figuras fluctuavam fundidas na mesma luz silenciosa e indecisa das cousas e pareciam irromper do sólo como vultos de árvores. A «Rachel», mais do que a evocação d'um trecho biblico, exprimia a sensação d'um trecho melancolico de paizagem: um dorso de collina banhada pela claridade baça da lua nascente á hora tranquilla do anoitecer. Os estu-

dos para a «Ceia», esses então eram d'uma precisão demonstrativa. Essas cabeças d'apostolos, tão humanamente plebeias, vistas destacadamente, em estudos, tinham uma tal intensidade de expressão, eram desenhados com uma tal larguezza e segurança, e sobretudo tinham uma tal individualidade, de tal modo viviam em si mesmas, que a ninguem (ou quasi ninguem) era possivel ver n'esses fragmentos de vida outra coisa senão retratos, esplendidos retratos de tipos rudes, de fé rude, é certo, mas retratos todavia. Depois esses estudos sobrepujavam de tal maneira a tela definitiva, que não só era legitimo, mas era forçoso concluir que Antonio Carneiro era essencialmente um pintor de retratos.

Pois bem: essa desproporção desapareceu; o domínio concepcional do artista amplificou-se na sua faculdade de traduzir e amplificou-se até á qualidade maxima, typica do genio creador, que é o poder de crear figuras syntheticas, attingindo a generalidade de symbolos humanos e de realizar n'uma expressão a synthese d'uma infinitude de expressões. E para certificar d'um modo absoluto e claro de quanto o genio creador de Antonio Carneiro é capaz de realizar, bastaria apontar essa tela prodigiosa, inolvidavel como uma obsessão, — o «Christo» — onde o artista n'uma figura isolada conseguiu exprimir a synthese d'um grande drama colectivo.

Antes de mais, é preciso friza-lo bem, o «Christo» não é uma tela religiosa, banhada de fé e espiritualidade christans. Tão pouco é, como á primeira vista poderia suppor-se n'um artista d'estes tempos de enfebreido atheismo, uma tela anti-religiosa, depreciativa, condamnatoria d'esse conjunto de factos que foi a irrupção original do Christianismo. É sobretudo — uma tela humana. Em qualquer dos dois sentidos, o Christianismo é um thema d'arte definitivamente esgotado. Já não pode inspirar senão obras d'arte hybridas, deficientes, incompletas. Para ser fecundo, como thema d'arte, é preciso ser encarado pelo seu lado exclusivamente humano. E assim, o Christo doentiamente bondoso, avido de soffrer pelos outros, que se fez matar n'uma crise de passividade, n'uma ancia exagerada, pathologica, de amor ao proximo, o Christo-deus, vestido com os lendarios esplendores do mytho solar da redempção — para o conceber, sentir, realizar, seria preciso que revivescesse a crença morta das gerações extintas ha séculos já. O outro Christo, tal como era concebido no polo opposto da religiosidade mystica e christan, o reivindicador da plebe, o fanatico criminoso da ralé, o apostolo da abjecção humana das coleras nietzscheanas, podia ser e foi um thema da arte de ha algumas dezenas de annos. Hoje não. Hoje o Chis-

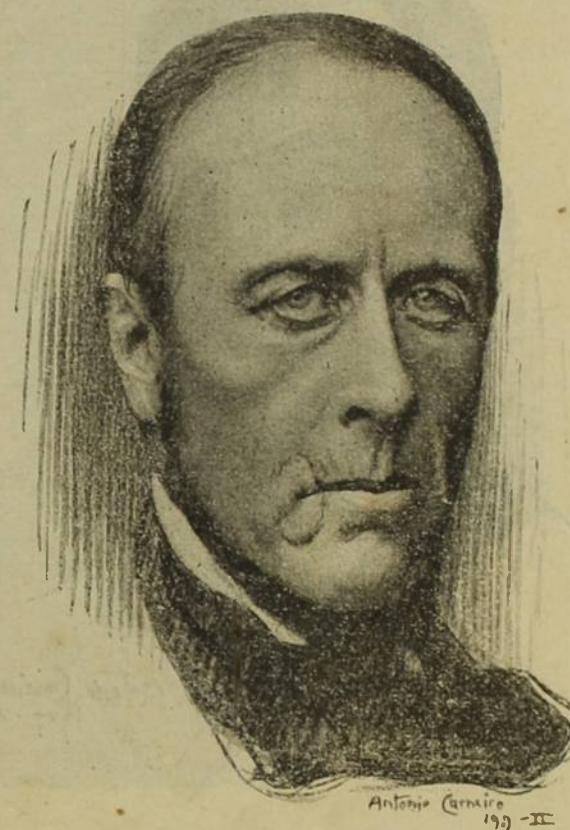
to é apenas um symbolo humano, na expressão de Emerson — *um representative man*. Elle foi o Homem, o Homem que representou a humanidade atravessando uma crise lenta de transformação, o homem collocado no espaço liniar que separa dois mundos, um mundo que desaba em ruinas e um mundo que se forma. Simplesmente o Christo assim concebido, em vez de viver alguns annos, viveu alguns séculos.

Não será bem, como Carlyle pretendia para o mytho scandinavo d'Odin, um heroe real, um homem de carne e osso. Uma humanidade de carne e osso indubitavelmente foi-o. Foi uma ideia viva e como tal abrange a latitude d'um symbolo humano. É esse homem-ideia que é a figura central d'um grande drama, mixto de lenda e de realidade, drama de quasi tres séculos, que a humanidade viveu ha perto de dois mil annos. Consequentemente, essa figura resume condensadamente em si toda a acção d'esse drama complexo: ella é o symbolo vivo d'uma das mais bellas ondulações do pensamento humano. É assim despojada de todos os accessórios lendarios, das alegorias mysticas e depurada de todos os traços defeituosos que a realidade historica parece attribuir a certo agitador da Gallileia, essa figura adquire um relevo maximo. Fica mais abstracta, é certo, mas tambem fica mais largamente humana, porque abrange uma maior porção de humanidade. É que deste modo esse Christo-ideia é simultaneamente o Homem, resumo d'uma humanidade de tres séculos.

Eis o fundo concepcional da tela de Antonio Carneiro. A dentro d'esse drama estranho, o artista escolheu o episodio nodal, aquelle em que a acção parece concentrar-se e aquelle que, sendo de todos os tempos e de todos os logares, é por conseguinte o mais humano. É aquelle em que o imperador romano, collocando o gallileu, manietado, em face dos que o accusam, diz: — *eis o homem*. O Homem de facto: o Homem que é réu d'um crime monstruoso, absurdo, o — crime do ideal. É claro: o que avulta menos é o caso historico: o que avulta essencialmente é o facto humano. Para o ponto de vista artístico, o que importa menos é saber se ha perto de vinte séculos um gallileu sobre-humano era accusado por uma multidão fanatica e enraivecida de andar a semear um ideal novo: o que importa principalmente é o conflicto do Homem, messianico e incomprehendido, com os homens, porque d'esse conflicto depende o destino da humanidade. A intensidade emocional d'esse drama do passado não deriva senão do quanto n'elle existe de drama quotidiano. Não se trata só d'um episodio dramatico da vida de Jesus: trata-se sobretudo d'um episodio dramatico da vida do Homem que ul-

trapassa a humanidade do seu tempo, do Homem que no dizer de Nietzsche é Sobre-homem.

Poucas telas conheço onde um assumpto esteja realizado com tanto vigor. O desenho, a expressão, a attitude da figura são d'uma sobriedade magistral, d'uma unidade perfeita e sobretudo d'uma pujança emocional obsessiva, inolvidável. O corpo erecto, envolvido n'uma luz diffusa, ou, como diria Leonardo da Vinci, «illuminado peia luz universal do ceu e pela sombra universal da terra». A cabeça n'um gesto de activa tranquillidade. Os olhos fundos, serenos como consciencias sem medo, desfocados, ou melhor — abrangendo (e reflectindo-o até)



*Antonio Carneiro
191 - II*

ALEXANDRE HERCULANO

todo um mundo vasto que o condemna e o não comprehende. Em summa: a expressão e attitude estoicas do homem que se coloca orgulhosamente acima de si mesmo, á altura do seu Ideal, do Homem que no espelho da propria consciencia se sente e vê — Sobre-homem.

Eu disse que em Antonio Carneiro se operou uma evolução *inesperada*. Não quer isto, contudo, significar que essa evolução não seja explicável. É-o até bem singelamente, hoje sobretudo e principalmente para quem, como eu, conhecer bem o artista, o seu temperamento, o seu processo de trabalho e a sua obra. De resto, explicar essa evolução é uma coisa que resulta mais do conhecimento do temperamento do artista do que do conhecimento da propria obra.

Diz-se que «a obra d'arte é sempre um pedaço de natureza atravez d'um temperamento. É exacto. Simplesmente ha temperamentos que

reflectem a natureza depois de elaborada e haos que a reflectem apenas: n'um caso a obra d'arte é a expressão subjectiva da natureza, n'outro caso a sua expressão objectiva. É Antonio Carneiro um artista que só realiza quanto sente e pensa e não apenas quanto vê. É um subjectivo, em summa, e para elle a obra d'arte é a expressão d'um estado subjectivo. A criação esthetica, em Antonio Carneiro, não resulta apenas d'um acto unico — reflectir; mas sim d'um trabalho duplo: interpretar e exteriorizar. Em face da natureza, antes de tudo elle sente necessidade de a interpretar. Inter-



OLIVEIRA MARTINS

pretar a natureza é descobrir-lhe uma lei modeladora. Para o artista essa lei chama-se alma (pouco importa o termo) e interpretar a natureza é buscar, por entre as formas, a expressão reveladora d'essa alma. Uma vez interpretada, uma vez achada a alma (ou lei) que a modela, começa para o pintor um outro trabalho de elaboração intima, de gestação silenciosa, de verdadeira criação interior, que consiste em converter a expressão esthetica, tornando-a evidente e sensivel aos que d'antes a não viam ou não sentiam, em summa em traduzir a natureza em obra d'arte.

Em face d'isto, toda a obra de Antonio Carneiro se explica natural e espontaneamente. Sendo n'elle a obra d'arte o resultado directo d'um estado subjectivo, o valor esthetic de cada tela explica-se e pode medir-se até pelo grau de intensidade emocional creadora e pela qualidade da emoção que o assumpto produziu

na alma do artista. Demais, apezar de Antonio Carneiro conhecer maravilhosamente todos os recursos technicos da sua arte, na sua obra nunca a expressão technica consegue ultrapassar a emoção creadora. Elle não sabe á custa d'um excessivo poder de realização encobrir uma emoção apagada. É um artista que apenas realiza como sente. E assim se explica o facto paradoxal de certos estudos, da «Ceia» e do «Baptismo» por exemplo, serem d'um valor artistico bem superior ao da tela definitiva.

«Ceia», abstrahindo mesmo de que ella significa um traço mythico das religiões primitivas, afflorando em pleno Christianismo, e encarado á luz da philosophia christan, é um assumpto gasto e não pode agitar fortemente a sensibilidade d'um artista de hoje. O mesmo não aconteceu com os estudos para esta tela. Pedaços da vida real, da vida de hoje, o artista tratou-os com todo o carinho de quem está inteiramente possuido d'esses temas fragmentarios, esquecido da emoção que devia imprimir á tela definitiva a sua unidade, sentindo-os em si mesmos, desligados do conjunto que deviam formar. A integral-los no assumpto central da tela que o artista não podia sentir fortemente, porque representava uma emoção extinta, transplantou-os para uma outra luz, para uma outra vida, e toda a harmonia expressiva que elles continham isoladamente, na luz do seu meio, dentro da sua vida, se perdia, apagada, abafada, como n'um ambiente de asphyxia. Claramente: esses estudos são bellos pedaços d'arte, porque o artista os sentiu, porque os foi buscar e escolher á vida; a tela definitiva fica muito aquem d'estes estudos, porque o artista não podia sentir, ou, quando muito, sentia fracamente, esse velho assumpto d'uma religião morta.

No «Baptismo» semelhantemente. Ha a acrescentar que no «Baptismo» a emoção creadora, dominante, era principalmente uma emoção contemplativa: uma emoção de paisagem biblica. Mais do que uma acção dramatica, o pintor evocava um trecho da Palestina, onde os vultos das figuras, indecisas e esbatidas como vultos de arvores, se perdiam na luz frouxa e triste do entardecer á beira do lago adormecido. Quando o artista quer recortar e perspectivar a acção, a dentro d'esse ambiente de luz vaga banhando um pedaço de natureza silenciosa, elle não faz senão afrouxar o que a emoção contemplativa creou.

Mas mesmo no pintor retratista se observa um phänomeno identico da criação subjectiva: são sempre mais perfeitos os retratos em que o artista está senhor do assumpto. O assumpto, n'um retrato, é, claramente, a personalidade do retratado. Sendo Antonio Carneiro um artista que se conhece a si mesmo, que se

interpreta, que se explica, um consciente da propria individualidade, logicamente conclue-se que o melhor de todos os retratos seria o que elle pintou de si mesmo. De facto é uma tela notavel, da qual Guerra Junqueiro me dizia «ser uma obra d'arte que lembrava e valia qualquer das melhores telas dos grandes mestres hespanhoes». Esse retrato, d'um caracter accentuadamente contemplativo na sua tonalidade vagamente melancolica, reflecte intensamente a ultima phase, sonhadora, idealista, da mocidade do pintor.

Mas rigorosamente documentativos, sob este ponto de vista, são os dois retratos de Anto-

retrato d'un homem: é a expressão plastica d'um tipo humano. E é singela a razão da distancia que vae d'un retrato ao outro: é que não só o pintor evoluiu, mas tambem, na epocha em que pintou o primeiro d'esses retratos, elle conhecia deficientemente Antonio Patrício, ao passo que, ao tempo que desenhou o segundo, já não conhecia a mesma coisa. E para isso creio ter concorrido poderosamente o facto de Antonio Patrício, durante o intervallo de tempo que vae de um retrato ao outro, ter publicado o «Oceano», livro que, alem de ser uma especie de autonographia psychologica do poeta, feita em linguagem d'arte, é tambem a expres-



ESTUDO

nio Patrício, que o artista fez em epochas diferentes, separados pelo intervallo espacoso de alguns annos. Esses retratos dão simultaneamente a medida da amplificação evolutiva do artista e do seu processo de trabalho. O primeiro d'estes retratos, posto que não seja uma obra mediocre, e já accuse uma maneira de pintar francamente pessoal, não é todavia de molde a sustentar uma comparação com alguns retratos que Antonio Carneiro pintou por essa epocha, menos ainda com os que executou depois, como é o de Dona Beatriz Mourão, e até nem mesmo com alguns que o artista pintara anteriormente, como o de Alfredo Coimbra, apesar de este retrato se resentir ainda da influencia de alguns pintores hespanhoes, de Ribera sobretudo. Porém, o ultimo retrato de Antonio Patrício é uma obra perfeita, completa, uma d'estas obras d'arte que, vistas uma vez, não esquecem mais. Esse retrato é mais do que o

são subjectiva, intensamente sentida, d'uma grande crise da alma contemporanea. E é por isso mesmo que esse retrato, como obra d'arte, atinge a latitude d'un typo humano.

De resto, é esta a qualidade predominante de Antonio Carneiro e aquella que revela accentuadamente o seu genio creador, mesmo como pintor de retratos: é retratar individuos, dando-lhes ao mesmo tempo, sem lhes apagar o caracter que lhes imprime individualidade, a maxima generalidade possível de tipos.

Cada homem abrange em si e representa uma porção de humanidade: cada individuo contém em si um typo. Antonio Carneiro, nos seus retratos, não exprime exclusivamente a individualidade do retratado, exprime tambem a amplitude representativa. Isto, que affirmo, podia ainda ser exemplificado com o retrato do snr. Francisco Cardoso, — uma obra d'arte poderosa, impressiva, que diríeis desenhada com

uma sobriedade leonardesca. De resto, o «Christo», que é senão um retrato ideal d'um homem universal, que abrange e representa uma humanidade, o retrato do Homem?

Como paizagista, é ainda e sempre o mesmo subjectivo: mais do que pedaços da natureza, o artista pinta sobretudo as proprias sensações, o que vulgarmente se chama estados d'alma. Fitae de relance uma d'essas paizagens: a natureza em si parece perdida n'uma 'bruma longinqua e o que avulta e resalta vigorosamente é a sensação do artista, o seu estado subjectivo no momento da criação artistica. As paizagens de Antonio Carneiro são notaveis sobretudo pela luz. Ellas não emocionam principalmente pelo desenho, pela linguagem simples das linhas, emocionam sobretudo pela linguagem luminosa. E comprehende-se que assim seja. A luz é a mais expressiva linguagem das coisas. O mesmo objecto, illuminado diversamente, exprime coisas diversas, falla de coisas

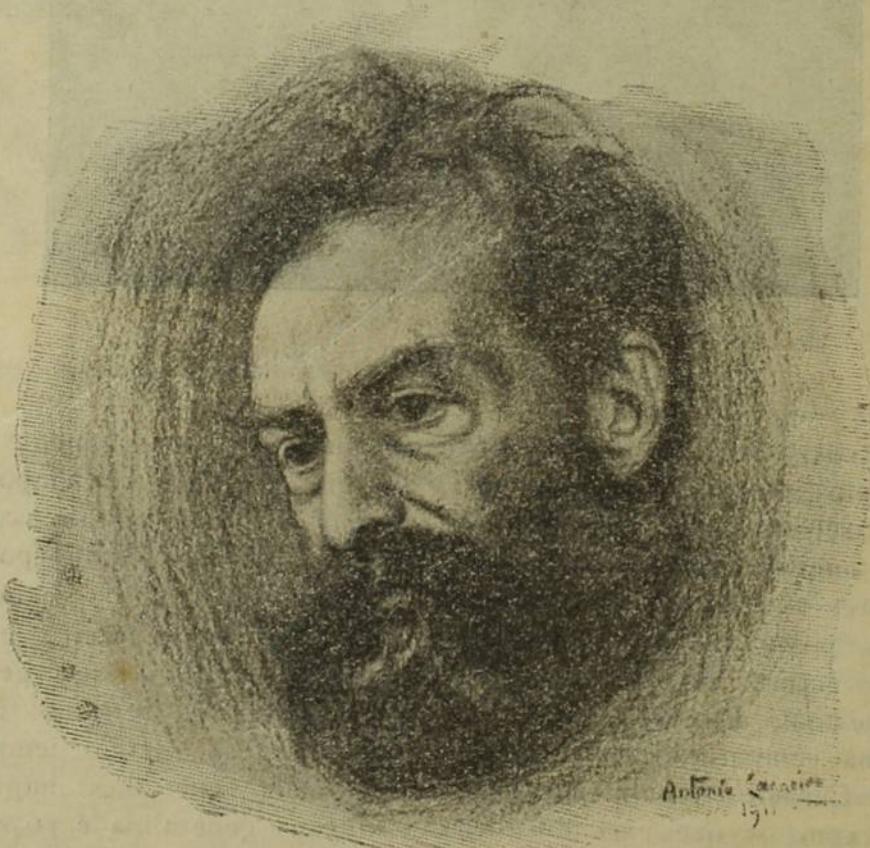
diversas, desperta sensações differentes. Esta afirmação minha tornar-se-ha evidente um dia breve em que o artista expuser uma soberba collecção de marinhas, pintadas ultimamente, surprehendentes pelos effeitos de luz.

Se na trajectoria evolutiva d'este artista as telas e os desenhos definitivos marcam os pontos essenciaes d'essa evolução, os estudos — sobretudo os desenhos — representam nas suas minudencias toda a linha evolutiva do artista.

Eu creio poder dizer, sem receio de que me accusem de hyperbolico, que em Portugal se não desenha melhor.

E a demonstra-lo melhor do que eu — está ahí toda a sua obra, desde os estudos da «Ceia» até aos retratos de Antonio Patrício e do snr. Francisco Cardoso, onde Antonio Carneiro attingiu a plenitude da perfeição.

MANUEL LARANJEIRA.



JOÃO DE DEUS

CONDIÇÕES EXIGIDAS A UMA BOA THEORIA DO TOTEMISMO

*Memoria apresentada, discutida e aprovada no XX Congresso International de Americanistas
(Notas sobre a generalidade e a relatividade na sociologia)*

As sciencias progridem no sentido de maior generalidade. Einstein sobreponde-se a Newton, que representa para os seus antecessores grau apreciavel de desenvolvimento e de generalização. A sociologia tem de progredir (e até hoje não aconteceu outra coisa) pelo descobrimento de constancias dos phenomenos sociaes, isto é, de leis. E a sua meta é encontrar os principios mais geraes que sejam possiveis. O que hoje se contradiz, como, antes da recente theoria da relatividade, ocorrria na physica, pode coexistir na sciencia, mercê de novo descobrimento de lei que synthetize.

Passemos a ver como, na investigação sociologica, se attende ao principio da relatividade, e quanto as explicações ganham em generalidade á medida que se confirmam e accentuam. Trata-se de simples exemplo. De 1791 até hoje não têm cessado os apparecimentos de theorias referentes ao totemismo, que é o phenomeno que tomamos para exemplificar. J. Long criou a do individualismo totemico que, mais tarde, encontrou novas formas, como a de A. Fletcher, a de Hill Tout, a de Hose e Mac Dougall. Vem, no começo do seculo XIX, a de Thavenet (familial, psychologica, utilitaria). Mac Lennan e Herbert Spencer perseveram na subordinação do totemismo ao culto dos animaes (theoria zoolatrica de Mac Lennan), como forma posterior ao culto dos antepassados (theoria ancestrolatrica de Spencer). Para Max Müller, o totem é signal, depois nome, em terceiro lugar nome de antepassado do clan, finalmente objecto de culto (theoria emblematico-heraldica). Vêm depois outras: a evhemerista-nominalista de Lord Avebury (John Lubbock), a nominalista de A. Lang, a sacrificial de Robertson Smith, a ancestrolatrica reincarnacionista de Wilken, a da primeira phase de Frazer (alma exteriorizada), a heraldista de Keane, e outras. Não ha negar a continua abrangencia de maior numero de factos, a maior generalidade. O apparecimento da theoria matrimonial de Boas, em 1916, deve ser considerado por mero recuo que não modifica o curso do pensamento scientifico. Como a resuscitar a de Max Müller, pensam Pikler e Somló¹, criadores da theoria pictographica, que o homem primitivo, desejoso de de-

senhar o grupo, só o poderia conseguir com a reprodução de objecto, e este havia de ser, principalmente, o animal ou a planta, mais facilmente desenhaveis. Em Wilken, Wundt e outros ha compromissos, como em N. W. Thomas, Van Gennep e nos demais: é possivel reviver, mas não se podem mais reproduzir, integralmente, as concepções já vencidas. É exemplo disto W. H. R. Rivers, com a sua nova these reincarnacionista², que de certo modo se ajusta ás observações de Wilken e de Hose e Mac Dougall. O que mais admira é que se pretenda atribuir effeitos totaes ao que é apenas aspecto, como faz Durkheim em relação á religião, e, quanto ao lado economico, e até digamos alimentar, Haddon, Loisy e John R. Swanton. Dentro da propria theoria economica ha diferenças, gradações. E. Reuterskiöld representa a maior generalidade: a necessidade de civilização (*Kulturbedürfnis*) é a razão profundissima para o laço entre o clan e o totem³.

¹ Julius Pikler und Felix Somló, *Der Ursprung des Totemismus*, Berlin, 1900, pgs. 7 e 8. Na exposição, que vae seguir, não mencionamos as theorias ou conclusões meramente conjecturales: seria demasiado para os limites, necessariamente estreitos, desta memoria. F. B. Jevons, por exemplo, attribue a domesticação dos animaes ao costume, que tinham os povos totemicos, de conservar em captividade o animal (*Introduction to the history of religion*, London, 1896, pags. 120-121), o que foi contestado por L. Marillier, *La place du totémisme dans l'évolution religieuse*, na *Revue de l'histoire des religions*, vol. XXXVI, pag. 365 e seg. Não satisfeitos com a procura conjectural de causas do totemismo, entenderiam enveredar pela atribuição de effeitos ao phenomeno totemico.

² W. H. R. Rivers, *The history of Melanesian society*, Cambridge, 1914, vol. I, pags. 343 e 359.

³ E. Reuterskiöld, *Till fragan om uppkomsten af sakramentala mältider, med särskild hänsyn till totemismen*, Upsala, 1908. Em alemão, — *Die Entstehung der Speisesakramente*, Heidelberg, 1912, pags. 88-89. O caracter do totemismo é, de certo, a primeira questão religiosa, que nos depara a historia universal (Josef Kohler, no volume *Allgemeine Rechtsgeschichte*, em *Die Kultur der Gegenwart*, hrsg. von Paul Hinneberg, Berlin, 1914, pag. 5); e não é com o pensamento de hoje que ha de resolver-se, salvo se

De certo, não será *a priori* que se construirá a theoria, ou, pelo menos, não será com dois ou tres factos dispersos. A tentativa de S. Freud, o sabio inventor do methodo da psychanalyse, pertence a este numero. É possivel que algo se tenha passado á maneira do que elle diz, mas é inverificavel o que affirma: não se trata de lei scientifica, que é o verdadeiro resultado desejado pelas sciencias, mas de interpretação da historia, o que a isto não equivale e será constantemente rectificavel: para o sabio austriaco, na vida individual pode dar-se retorno infantil, que corresponda ao totemismo, com os phenomenos de zoophobia e identificação entre criança e animal. Este é o campo das suas investigações e dellas conclue que o totemismo é, segundo o criterio psychanalytic, explicavel e claro; combina os dados da theoria de Lang e Atkinson sobre a formação dos grupos primitivos, a partir da hora patriarcal (?), com os factos neuropathicos de zoophobia e animalismo psychico e com a theoria sacrificial de Robertson Smith¹. A theoria pode parecer phantastica, mas offerece a vantagem de estabelecer unidade até então não suspeitada entre series de phenomenos antes considerados como independentes. Pensamos que os dados de psychologia individual possam ser uteis, pois que a ontogenia reproduz a phylogenia; mas Freud não parou aí, foi além, e a engenhosa exposição que fez é cheia de phantasia; onde devia limitar-se a procurar dados comprobatorios ou, quando muito, auxiliares, considerou-os constructivos. É o que veremos adeante.

Para James Frazer, autor da theoria conceptionista do totemismo, em que, ainda recentemente, insiste, é o totem classe de objectos naturaes, as mais das vezes especie animal ou vegetal, com a qual se identifica o selvagem, a crer que elle e todos os membros do clan são, para fins praticos, cangurus, ratos, etc. A chave do mysterio seria ministrada pela crença australiana relativa ao nascimento e á reincarnação. Em condições favoraveis, pode transformar-se em culto dos antepassados e este em pan-

conseguirmos impor a nós mesmos assombrosa objectividade sociologica. O jurista alemão explica a escolha dos animaes como variavel nos motivos, ora a parecenza, ora o trato com certos animaes, e assim por deante; reputa natural, isto é, justificavel e comprehensivel, o totemismo, porque a concepção devia ser a do homem parte da natureza. A utilidade não deve servir para o caracterizar, porque, não raro, o totemismo protege o totem, e não o homem. Mas, convenhamos, ainda aí não desaparece a utilidade, que pode ser indirecta.

¹ Sigm. Freud, *Totem und Tabu, einige Uebereinstimmungen im Seelentheben des Wilden und der Neurotiker*, Leipzig und Wien, 1913, pags. 101-110, 123-132.

theon de typo organizado¹. A theoria de Frazer foi miudamente criticada por Goldenweiser² e outros censores surgiram, como W. Heape³, para quem, se os grupos ou individuos crêem em *lucina sine concubitu*, estaria nisto crença magico-religiosa, ou superstição, fundada, não em falsa interpretação dos factos reaes, mas em *a priori*: seria impio discutir; todavia, em verdade, elles conheciam a relação *verdadeira* entre o acto sexual e a fecundação. Para Goldienweiser, totemismo é socialização especifica de certos valores emocionaes: os totens, como as crenças, ceremonias, representações artisticas, etc., que os acompanham, socializam-se no interior das unidades sociaes. A socialização especifica de qualquer crença ou acto é evidentemente processo psychologico no espirito dos individuos, que constituem a unidade social; durante o periodo de formação do complexo genetico, tal processo deve effectuar-se no decurso de *certo tempo* (algumas gerações), mas, em *communidade totemica desenvolvida*, pode ser *curto* o tempo necessario para a socialização de novos elementos totemicos⁴. As idéas de Swanton não precisam ser lembradas⁵; talvez sirvam apenas para o totemismo americano (socio-institucional). Aquella actuação do tempo vae ser notada por E. Durkheim, ao versar o mesmo problema, porém é á sociedade que attribue toda a influencia (isto é, digamos em linguagem matematica, não á quantidade diferente do mesmo elemento *t*, mas ao mundo «espaço-tempo» ou complexo, o que, aliás, elle deturpou): o reine social é reino natural, que sómente differe dos outros pela complexidade; a sociedade é realidade especifica, faz parte da natureza, possue tudo quanto é preciso para despertar nos espíritos, sómente pela acção que sobre elles exerce, a sensação de divin⁶. No conceito do tote-

¹ James G. Frazer, *The belief in immortality*, London, 1913, vol. I, pags. 95 e 115. Veja a critica de algumas pseudo-theorias scientificas, relativas ao totemismo, em Vilfredo Pareto, *Traité de sociologie générale*, Paris, 1917, vol. I, pags. 390 e seguintes.

² A. A. Goldenweiser, *Methods and principles, review of J. G. Frazer's Totemism and Exogamy*, em *Current anthropological literature*, Lancaster, Pa., 1913, vol. II, pags. 199-212.

³ Walter Heape, *Sex antagonism*, London, 1913, pags. 181-184.

⁴ A. A. Goldenweiser, *Exogamy and totemism defined; a Rejoinder*, em *American anthropologist*, 1911, vol. XIII, pags. 595-596.

⁵ J. R. Swanton, *The social and the emotional element in totemism*, em *Anthropos*, 1914, pags. 289-299.

⁶ Emile Durkheim, *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totemique en Australie*, Paris, 1912, pags. 25, 297 e 297. Cf. as criticas de Sidney Hartland, *Ritual and belief studies in the history of religion*, London, 1914, pags. 124-128; — e de Alfred Loisy, *Sociologie*

mismo, não podemos acompanhá-lo, pois que a redução a phenomeno religioso como que absorve o dado social, que nos apresentam as manifestações totemicas. A theoria nominalista e a emblematica, para as quaes seria o totem nome ou emblema, e seguidas, uma por Herbert Spencer e Andrew Lang (segunda phase), e outra por Diodoro de Sicilia, Max Müller e A. H. Keane¹, são estreitas e artificiosas. Não restringem, como a de Durkheim, que *a priori* admite a identidade do social e do religioso (o que mostraremos ser absurdo no capítulo referente à materia social), — deformam o real. A theoria de Lang procura traço geral, — atribuição do nome pelos pequenos grupos locaes uns aos outros: recebem-no, e surgem então os *credos totemicos*²; o que podia ter nascido de injuria talvez constitúa, no interior do grupo, orgulho e honra, signal de cohesão collectiva. Ora, tal explicação é da phase anterior ao phenomeno totemico, de modo que não fere de frente o problema sociologico. A vantagem que apresenta é a de esclarecer como effeito de contacto com outros factos a coloração religiosa de certos casos de totemismo. Não devem colher plena aceitação theorias, como a economica, a psychologica, a biologica, a novi-naturista do padre Schmidt, que são aspectos do phenomeno e não recomposição scientifica do proprio phenomeno. Poder-se-ia com igual credito criar a mecanicista, a «impressionista» e outras. A localista, que distribue os totens segundo os animaes ou vegetaes que localmente predominam, não pode lograr inteiro apoio. Quem sabe se, na origem, havia nos lugares sagrados³ o mesmo predomínio ou approximação dos animaes escolhidos? Procuram os sitios onde não ha perigo para elles. As theorias mais geraes, como a de E. Westermarck ou a de Richard Karutz⁴, são mais interessantes, por isto mesmo que são relativas, isto é deixam lugar para os phenomenos especiaes como o totemismo. Para

Dussaud, o principio da vida é que interessa (theoria novi-vitalista): a humanidade imaginou diversos systemas, como o totemico e o egypcio¹. São esforços para conciliar os dados esparsos e discordantes, esforços que, partidos de pontos diversos, sómente podem ter bom exito se enunciarem o principio da relatividade; quer dizer, se adoptarem posição tal que permita verificar a mesma forma para as leis sociaes concernentes a esses factos, como, para as leis physicas, proclamou Lorentz. É a Saintyves que vem caber a missão de combinar as duas formulas, — dynamismo magico-religioso e totemismo territorial: o *mana* é, para elle, a doutrina das forças cosmicas diffusas no universo e personificadas, para os primitivos, nos elementos, nos animaes, plantas e mineraes, e no homem².

Não se contenta com isto Reuterskiöld: funde as quatro principaes explicações (psychologica, dynamista, utilitaria e localista); para elle, se se quer comprehendêr como se formou o totemismo, é preciso considerar-se a *relação de identidade* entre a especie animal e o clan humano (ambos têm o mesmo nome); pouco importa que lhe viesse de fóra ou não a designação totemica, — é o proprio clan que deve ter-se sentido tal, se percebida pelos estrangeiros a identidade³. São os animaes que concorrem para o homem primitivo com a maior parte das coisas que lhe são uteis (dentes, ossos, chifres, pelles), com que fazem armas, instrumentos e cabana. Comprehende-se o interesse que inspirava tão immediato valor da vida material. É *Kulturbringer*⁴, o que traz a cultura, a civilização (concepção mais vasta que a utilitaria, ali-

¹ René Dussaud, *Introduction à l'histoire des religions*, Paris, 1914, pag. 29, «... c'est parce que les espèces animales, et accessoirement les espèces végétales, sont considérées comme possédant une vitalité, une puissance supérieures, et, par le fait de la perpétuité de l'espèce, indestructible, que les hommes répartis en clans se les sont donnés comme totems» (pag. 22); «car, dans le totemisme un fait est acquis, duquel on peut partir, c'est qu'un même principe de vie circule dans le clan et dans l'espèce-totem» (pag. 21).

² P. Saintyves, *La force magique; du mana des primitifs au dynamisme scientifique*, Paris, 1914, pag. 47: «une sorte d'activité universelle, ou de vie cosmique, de nature mystérieuse; cette énergie diffuse dans l'univers est particulièrement manifeste dans les éléments; on peut d'ailleurs considérer ces derniers comme des états plus ou moins condensés de la force magique ou *mana*».

³ Edgard Reuterskiöld, *Till fragan om uppkomsten af sakramentala mältider, med särskild hänstyr till totemismen*, Upsala, 1908. Em alemão, — *Die Entstehung der Speisesakamente*, Heidelberg, 1912, pag. 86.

⁴ E. Reuterskiöld, *Die Entstehung der Speisesakamente*, Heidelberg, 1912, pag. 89.

et religion, na *Revue d'histoire et de littérature religieuses*, 1913, pags. 45-76. K. Vold, *Naturdyrkelse (totemismus) i de gammelsemítiske Religioner*, Kristiania, 1904, tem o totemismo como forma pela qual o homem primitivo procura representar a divindade, de modo que os deuses são anteriores aos totens.

¹ A. H. Keane, *Ethnology*, Cambridge, 1896, pag. 11.

² Andrew Lang, *Theorie of the origin of exogamy and totemism*, no *Folklore*, 1913, pag. 165.

³ Arnold van Gennep, *L'état actuel du problème totemique*, Paris, 1920, pag. 81.

⁴ Richard Karutz, *Der Emanismus, ein Vorschlag zur ethnologischen Terminologie*, na *Zeitschrift für Ethnologie*, 1913, vol. XLV, pags. 546-611.

mentar, de Haddon). Thurnwald intenta combinar a teoria de Lang e Atkinson sobre a herda patriarchal primitiva e a theoria concepcional de Frazer¹. E assim tambem Torres², que se propôs fundir as idéas de Frazer, as de Lang e a theoria pictographica dos hungaros Pickler e Somló, tambem chamada materialista, que via na necessidade de designar o grupo (forçosamente por animaes ou plantas, pois que seria mais facil) a primeira phase do totemismo, vindo depois a da confusão entre o signal e o grupo. É esta, como, bem notou Lang³, nova feição dada á theoria emblematica de Max Müller. Se bem analysarmos os trabalhos executados e as proprias elaborações theoricas, veremos que ainda ha muito por fundir e conciliar. *E o problema é mais complexo do que parece, posto que não seja impossivel a formula que o simplifique, por isto mesmo que se sobreponha a todas, como mais geral e mais profunda.* A localização dos diferentes grupos totemicos, — facto que, por si só, decidiu de tantas theorias, — passa a ser estudada mais scientificamente: depende de diferenças perceptiveis de clima, solo, fauna e flora. Os grupos trocam o superfluo e a ceremonia de *intichiuma* vem tornar licito o uso do objecto com o intuito de melhora economica⁴. O que não se pode negar é a necessidade de abranger todo o phenomeno social, de caracterizar os grupos e de procurar theoria que abranja as convicções parciaes (digamos assim), como, mediante nova theoria concernente ao calculo diferencial absoluto, Einstein escreveu a lei de gravitação sob a forma de equações differenceaes satisfeitas por certos tensores. Em trabalho de Felix Somló, publicado nas Memorias do Instituto de sociologia Solvay⁵, encontramos tentativa neste sentido (purramente restricta aos australianos): ha estreita relação entre os diversos systemas totemicos australianos e a base economica da vida social; a organização totemica regulariza o movimento dos

bens no interior de cada tribu ou entre tribus. *Mas a verdadeira theoria ha de attender: á universalidade do phenomeno, que pode não ser o totemismo; aos factores localista, alimentar, economico, religioso, ancestral, etc.* O conjunto de condições que concorrem para a diferenciação, excluido o homem, deve ser tratado como physico, porque de feito o são elles, e o proprio homem rigorosamente não o deixa de ser. Aliás, entre os proprios factores ha certa interdependencia, que quasi os confunde: o rito de multiplicação que, apparentemente, só é facto magico, no essencial é economico. O elemento psychologico, que Freud pretendeu estudar, não é de somenos importancia; em todo o caso, particularizou-o demais o sabio austriaco: a horda primitiva patriarchal, com exclusão dos demais varões; a morte do chefe pelos filhos adultos, o facto de o comer para assimilar a força delle (communhão ceremonial); a commemoração da libertação dos jovens varões, com o devoramento de outro homem, substituido, mais tarde, por animal, sem que a ceremonia perca o valor sacrificial, com o sentimento do remorso suscitado pelo parricidio (e aí intervem a lei da psychanalyse: ambivalencia de cada complexo emocional); a culpabilidade commun, a religião fundada sobre a consciencia do remorso¹, todos esses dados são interpretativos e não devemos pretender a explicação *in minimis* de phenomenos tão remotos. Sou mais inclinado a crer que podia ter sido assim em certos lugares e nouros não. Não é diferente a sorte da theoria formulada por Thurnwald², que pretendeu attingir o substracto real do totemismo. As condições locaes, como a importancia dos animaes e das plantas para a alimentação, não são, para elle, causas primeiras do totemismo, mas relativas ou, como prefere dizer, coincidencias externas. Vão procurar aquellas causas na *Disposition*, que permite o nascimento e desenvolvimento do totemismo. O que as produz são a procriação e a concepção. A preferencia pelos animaes e plantas explica-se pelo chamarem mais atenção que os outros objectos. Na essencia, trata-se de theoria sociologica dos primitivos; o totemismo é a concepção das condições de existencia dos homens em relação á natureza³. A explicação de W. Heape, que considera a exogamia invenção masculina (impulso instinctivo para o maximo de gozo sexual, favorecido pela estranheza e desfavorecido pelo parentesco), tem o

¹ Richard Thurnwald, *Das Rechtsleben der Eingeborenen der deutschen Südseeinseln, seine geistigen un wirtschaftlichen Grundlagen*, Berlin, pags. 18-20: — *Ermittlungen über Eingeborenenrechte der Südsee*, na *Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft*, 1901, vol. XXIII, pags. 328-330.

² L. M. Torres, *El totemismo, su origen, significado, efectos y supervivencias*, nos *Anales del Museo Nacional de Buenos-Aires*, 1911, pag. 550.

³ Andrew Lang, *The secret of the totem*, London, 1905, pags. 117-119.

⁴ Fritz Graebner, *Die sozialen Systeme in der Südsee*, na *Zeitschrift für Sozialwissenschaft*, 1908, pags. 6-8.

⁵ F. Somló, *Der Güterverkehr in der Urgesellschaft*, Brüssel, 1909, pags. 15-6 (quanto aos australianos).

¹ Sigm. Freud, *Totem und Tabu*, Leipzig und Wien, 1913, pags. 131-134.

² Richard Thurnwald, *Die Denkart als Wurzel des Totemismus*, Sitzungsberichte der XLIIen Versammlung der Deutschen Anthropologischen Gesellschaft, in Heilbronn, 1911, pags. 119-125.
³ Richard Thurnwald, *Die Denkart als Wurzel des Totemismus*, Heilbronn, 1911, pag. 124.

totemismo por invenção feminina (no acto sexual o que mais importa á mulher é a maternidade). As duas theorias denunciam a necessidade de levar em conta o elemento económico e o elemento biológico; nenhuma delas tem a verdade inteira. Um facto social é producto de *n* elementos, e não de dois ou tres. Demais cumpre não identificar num só phänomeno, posto que duplo, a exogamia e o totemismo. A posição que toma sir Herbert Risley é mais científica; os indígenas australianos são homens atrofiados e degenerados; a Índia deve ser mais instructiva, porque, em vez de homens primitivos, nos dá usos primitivos, de modo que o totemismo se explicaria como forma da exogamia. Melhor ainda: assim como o phänomeno particular chamado totemismo pode ser escarrado pela lei geral da exogamia, também o pode ser esta, como applicação particular da lei ainda mais geral da selecção natural¹. Não nos parece que haja perfeita causalidade entre a exogamia e o totemismo, mas o que não ha negar é o interesse em ver com melhores olhos o problema: reconhece-se a existencia de leis mais geraes, de maneira que se apontam como relativos aquelles phänomenos. Hewitt como que retrae a formação de theorias, —, é o procedimento mais aconselhavel pela prudencia; Goldenweiser recorre a solução que reputa a mais geral possível², mas o que consegue é simples ensaio para suggerir o mecanismo dos processos totémicos: reconhece que ha parte de verdade em Hill Tou (totemismo derivado dos espíritos-guardiões), em Haddon (utilitarismo alimentar e commercial), em Frazer (crença na concepção *sine conubitu*) e em Lang (nominalismo); o defeito de taes theorias é o exclusivismo. Mais acertada foi a observação de Thurnwald relativa à necessidade de ambiencia favorável; e Goldenweiser refere-se ao complexo totemico, pela socialização de caracteres (donde chamar-se *paternal theory*) no interior dos clans e pela imitação entre estes. Faz lembrar a theoria da convergência de Paul Ehrenreich, segundo a qual phänomenos heterogeneos e independentes tendem a homogeneizar-se, o que devemos aceitar como applicação particular da lei geral de adaptação. Encontramo-la na biologia e, como zoólogo e biologista, comprehende-se que houvesse ocorrido a Ehrenreich.

Está aí o ponto em que se acham as pesquisas e construções concernentes ao totemismo.

Os traços geraes de evolução da theoria são os mesmos operados na physica com a dilatação do principio de relatividade, de Newton a Einstein.

No meu *Systema de Sciencia positiva do Direito*, versei as questões da discontinuidade da materia, da relatividade e do valor geral, estatístico, das leis scientificas. Não proclamamos a victoria dos finistas ou empiristas contra os idealistas, dos pragmatistas contra os cantorianos. Apenas afirmamos que é discontinua a materia e discontinuo é o proprio tempo. Mas isto não quer dizer que havemos de proscrever a noção de continuidade e em todos os casos preferir-lhe a de discontinuo, de partível, de plural. Entre as leis individuaes, correspondentes ao multiplo, ao fragmentario, e as leis de grandes numeros, relativas aos equilibrios estatísticos, não ha a incompatibilidade que se apregoa. Os benefícios do cálculo das probabilidades não desacreditam o cálculo differencial e integral, com que, analyticamente, se traduz o continuo: apenas lhe traça limites e aviva marcos entre a discontinuidade e a apparente continuidade, que tão nitidamente coexistem no painel do universo. A hora é de Boltzmann, mas seria absurdo refutar o que fizeram Lagrange e os demais.

A materia social é tambem discontinua. Bastaria a irredutibilidade pessoal dos individuos para a fazer discreta e espedaçada. Mas ha outros elementos que lhe agravam a discontinuidade, sem que se apaguem os traços geraes, o continuo cognoscivel, que podemos exprimir, como leis, sob a forma de cálculos diferenciaes. O geral do systema é o que lhe dá o caracter de systema. O atomo, a molecule, o animal, o grupo social existem, como degraus, porque ha algo de permanente, de igual, de uno, de geral, a despeito das inevitaveis discontinuidades individuaes. O proprio tempo local, relativo a determinado systema, é, para elle, a feição geral, o uno, o continuo apparente, que a sciencia conseguiu distinguir e estudar. Não nos admiraremos de que algum dia se estude o tempo do electron ou do atomo.

Por agora o que nos interessa é o tempo social ou, mais amplamente, o geral de cada grupo ou circulo.

Este geral differe do de outros círculos e, assim, confirma a discontinuidade, e nos dá o uno de cada systema, o que reforça a noção de continuidade. O mesmo facto comprova o monismo e o pluralismo, o mundo cantoriano e o do mosaico, disjuntivo e multiplo.

Os phänomenos sociaes devem ser estudados como productos dos meios e não independentemente; na analyse do meio totemico é que se poderá encontrar a explicação do totemismo, a explicação causal, científica. Quando se nota, na passagem do systema terrestre para o do éther, a mudança dos eixos *x* e *t* (os de *y* e *z*

¹ Sir Herbert Risley, *The people of India*, second edition, Calcutta and London, 1915, pags. 105-109.

² J. N. B. Hewitt, *Totem*, no *Handbook of the American Indians*, Washington, 1910, vol. II, pags. 787-794. A. A. Goldenweiser, *The origin of totemism*, no *American Anthropologist*, 1912, pags. 600-607.

permanecem com a mesma expressão), o processo (Lorentz) que se tem para abranger os varios casos é obter outro sistema em que a nova quantidade só diffira de t por certo factor (tempo local), salvo se recorrermos ao sistema x, y, z, t , tetradiimensional, de Minkowski¹, ou à concepção da relatividade geral einsteiniana. A analogia é expressiva.

A mesma posição devemos tomar deante dos problemas anthroposociologicos: analysar os elementos constitutivos do meio. Não é a raça que suscita o totemismo e a exogamia: ha populações totemicas, a despeito da diversidade anthropologica. Se pudermos elidir successivamente o que é constante ficar-nos-á o que é variável. O conceito global do que varia dar-nos-á a solução scientifica, perfeitamente geral.

Os circulos sociaes impõem condições especiais, tanto mais expressivas, na sua actuação, quanto mais independentes umas das outras. O individuo figura em varios systemas, como se fossem muitos: ás variações correspondem, nelle, outras tantas modalidades moraes, economicas, juridicas e até de costumes e de crenças. O mesmo homem desempenha, na familia, a missão de membro (pae, filho, parente), a sua função individual, a de individualidade ou cidadão do Estado federado ou província, a nacional, a continental, a humana. No entanto, a diferença qualitativa é resultante de actos, vontades e efeitos de cohesão, no interior, e repulsão, no exterior. A familia é outro exemplo². E exemplos são todas as criações e todos os phenomenos da vida social.

Mas a relatividade não é apenas producto da diferença que existe entre o conteúdo dos circulos sociaes. É uma relatividade (digamos assim) em todos os sentidos. Basta pensar nos valores com que se tessem as organizações sociaes: o divino, o moral, o justo, o bello, são sempre relativos. Religião, moral, direito e arte são criterios interiores de valorização, sistemas de avaliação ou aferição dos factos, sentidos especiais das respectivas ordens de syntheses psychicas. Exigem certa harmonia e empiricamente se desenvolvem por uma especie de percepção de acordo, de conveniencia, de certeza. Bom senso, senso logico, consciencia jurídica, senso pratico, esthetic, juridico, tacto e gosto, sympathia, etc., são palavras vagas e indeterminadas pelas quaes metaphysicamente se

pretendem denominar phenomenos psycho'logicos ainda insuficientemente estudados¹. Recta razão, natureza, razão natural, conformidade com a natureza, vontade divina, vontade geral, a conveniencia de que falava Burlamaqui, a justiça absoluta de Le Mercier de la Rivière, etc., não são de outro estofo. Simples esquemas de sentimento e razão, que servem á constituição de valores. Aqui, o que nos importa é saber que procuramos pontos fixos, afim de interpretar a realidade, que é assaz relativa. Nos proprios systemas absolutistas (como o da vontade divina) parte-se do *a priori*, para que não lhes escape o fio dos factos e seja possível o sistema de valores que possa traduzir, ainda que mal, a ordem social e, simultaneamente, servir-lhe. Nas circumstancias taes ou taes, os actos podem ser bons ou maus; e a bondade pode ser comparativa, porque a acto bom é possível ser bom para dois interesses e assim por deante, até a noção do acto melhor, que é o favoravel a *todos* os interesses. Na vida diária será facilmente encontrado o acto justo, associado ao mais justo, que é o de que derivam maiores consequencias boas. Ser moral é praticar o que em dadas condições e em relação aos interesses presentes, produz o maior bem². Assim, os valores constituem relação em que a consciencia não é o factor unico. Para que surja a moral, é preciso que já exista a personalidade, a que deve corresponder conhecimento específico³. Mas isto não quer dizer senão que houve evolução nas relações dos series de que resultou evolução do conhecimento. Aliás, a liberdade e a causalidade não são noções incompatíveis, como já dissemos; leis physicas e ente livre não se oppõem, e foi o que, com muita precisão, escreveu um dos maiores philosophos norte-americanos: de certo não podemos introduzir na sciencia o indeterminismo, mas negar a compatibilidade das leis naturaes e da liberdade é cair no sophisma de particularidade exclusiva, *fallacy of exclusive particularity*, que exclue a todas as outras relações (ou atributos) e apenas conserva uma, — e o pluralismo (parcial, dizemos nós) do universo também se manifesta nas acções humanas⁴: somos determinados pelas leis do mundo e pelo que

¹ Por exemplo, — Fr. Paulhan, *La perception de la synthèse psychique*, na *Revue philosophique*, Paris, 1921, pags. 27 e seguintes.

² R. B. Perry, *Present philosophical tendencies*, New-York, 1912, pags. 334 e 335.

³ E. G. Spaulding, *The new rationalism*, New-York, 1918, pag. 506.

⁴ R. B. Perry, *Present philosophical tendencies*, New-York, 1912, pags. 341-344.

¹ H. Minkowski, *Raum und Zeit*, Leipzig, 1909, pags. 1 e seguintes, *passim*. A. Pelüger, *Die Einstein'sche Relativitätstheorie*, Bonn, 1910, pag. 15.

² Georg Simmel, *Soziologie*, Leipzig, 1908, pag. 722.

ha dentro de nós. A evolução e a intervenção do eu tornam-se mais comprehensiveis, desde que saibamos que certa parte da energia se gasta inutilmente, ao mesmo tempo que ha certo crescimento nas variações qualitativas, com propriedades novas e mais altas. O principio da conservação da energia e o de Carnot-Clausius sómente se conciliam se recorremos a explicações que correspondam a que é, na pílula ophia, o quantitativismo: a quantitatividade diminue, porque a qualitatividade cresce, e a irreversibilidade traduz a constância das duas mudanças (evolução). O mundo que conhecemos não é

coisa que permanece, mas que segue? Que maior condição para o tornar integralmente relativo?

PONTES DE MIRANDA.

A these que hoje publicamos foi escripta e apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas e sustentada, oralmente, pelo sr. Dr. Pontes de Miranda perante as autoridades norte e sul americanas, européas e asiáticas que representaram naquele Congresso os seus respectivos paizes. A these do sr. Dr. Pontes de Miranda causou excelente impressão e provoou demorada salva de palmas.

A GLORIFICAÇÃO DE CASTRO ALVES

Na vida de Afranio Peixoto, admirável de fecunda actividade e radiosa harmonia, ressaltará como um dos gestos de mais pura nobreza o esforço que desenvolveu pela glorificação definitiva de Castro Alves. A esse esforço devemos os dois grandes volumes em que vem codificada, rectificada e annotada a obra completa do grande aédo dos escravos. Afranio fez ahi obra de Mestre, dando-nos um trabalho que extremamente honra a mentalidade brasileira. Não se limitou, porém, a esses dois volumes a sua iniciativa glorificadora. Todas as comemorações realizadas por occasião do cinquentenario do poeta, em artigos, ensaios, notícias, conferencias e festas varias, foram, por assim dizer, organizadas pelo artista illustre E de Portugal acaba de chegar-nos, em excellente edição, o volume, independente dos outros dois já referidos, em que Afranio traça a biografia e estuda a obra immortal de Castro Alves.

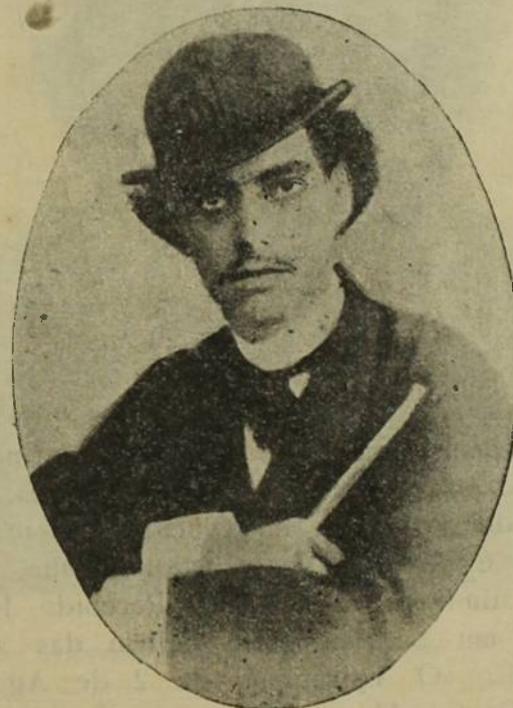
Tardiamente embora, queremos juntar a nossa voz a esse hymno de glorificação. Emprestamos, para isso, palavras do proprio Afranio, reproduzindo aqui a brilhante introdução que elle escreveu para as «Obras Completas» do maior poeta epico que até hoje produzimos. Assim, a homenagem alcançará tambem o escriptor rutilante, que nos é credor da mais viva admiração e reconhecimento.

*

«Cincoenta annos volvidos depois da sua morte, como ainda em vida, continua Castro Alves com a sua causa ganhada perante a opinião publica: desta vez, porém, essa opinião é já a Posteridade.

No seu tempo, a sua formosa mocidade, aureolada pelo genio, e a turba vibratil das academias, do Recife a S. Paulo, passando pela Bahia e pelo Rio de Janeiro, a quem de pre-

ferencia se dirigia, faziam-no, pelas idéas e sentimentos que elle exprimia nos seus poemas arrebatadores, o guia ou o chefe dessa geração, adornada, entretanto, dos mais fulgurantes e

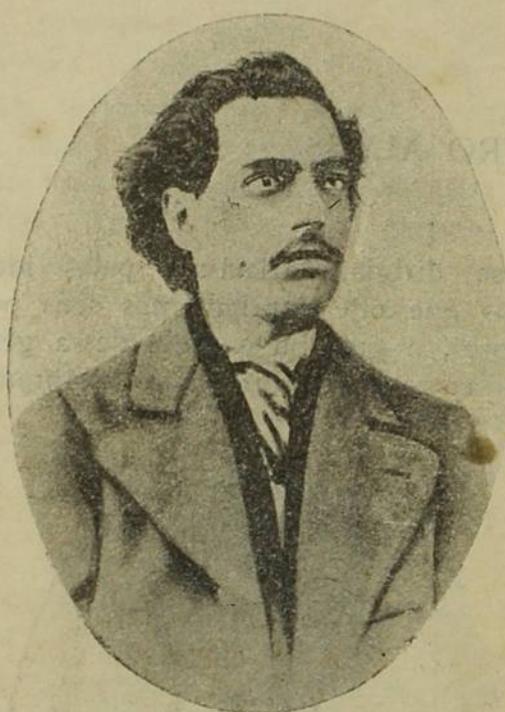


CASTRO ALVES AOS 20 ANNOS

depois consagrados nomes de nossa historia política e social, nesse meio seculo transcorrido.

Quando elle apparecia, nos saráus literarios ou na platéa dos theatros, bello e forte como um jovem heroe, irreprahensivelmente vestido de negro, o que lhe resaltava por contraste a pallidez romantica, saudavam-no aplausos calorosos, e, das mulheres, talvez comovidos; depois, o silencio profundo de uma expectativa ansiosa antecedia os accentos magicos de sua voz harmoniosa e retumbante, «cancão» de um orgão irresistivel, «um desses que transfiguram o orador e o poeta», com que

recitava algumas das suas mais candentes estrophes, preferidas e reclamadas pela multidão. Depõe um contemporaneo: «O grande Castro Alves! como diziam todos, na academia e fóra della», — «toda gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e sympathica pessoa do jovem academicº mais um semi-deus do que um poeta, menos um poeta que um vidente»; «o auditorio sorria ou chorava, permanecia mudo pela commoção fortissima ou prorrompia em bravos entusiasticos». Vinha abajo o theatro, na phrase consagradora desses successos, sob o clamor das ovacões.



CASTRO ALVES AOS 22 ANNOS

Mas não só entre os rapazes predispostos das academias, ou na assembléa confinada dos spectaculos, tambem na praça publica, no tumulto do Povo, ou no concilio dos mais conspicuos e acatados desse tempo, tinha o nosso Poeta admiracão e respeito. Recebido José Bonifacio em S. Paulo, no delirio das aclamações, diz «O Ypiranga», de 2 de Agosto de 1868, Castro Alves «soube, num rapto sublime, manifestar a commoção de quantos acompanham os representantes dos fóros populares». Dias depois, num grande banquete politico, em que falaram José Bonifacio, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, Martim Cabral, Ruy Barbosa, Americo Brasiliense, Barros Pimentel, que saudavam as idéas e os homens de maior vulto do paiz, levanta-se Americo de Campos para brindar a Castro Alves, «como representante do pensamento democratico das provincias do Norte». Tinha elle então apenas os seus 21 annos...

Nessa idade, nenhum dos nossos grandes homens, de pensamento ou de accão, teve tamanhas consagrações do reconhecimento publico. Rarissimos teriam alguma vez na vida

gloriosa: Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco esperariam mais de dez annos; Rodrigues Alves e Aftonso Penna — e cito apenas dentre os seus collegas — chegariam, com a politica, ás alturas do poder, após quarenta annos. Elles e outros, se tivessem passado, como Castro Alves, aos vinte e quatro annos, nem a memoria dos nomes lhes teria ficado: e durante esse pouco tempo, o outro grangeou a fama, dura-doura, de maior poeta do Brasil...

Já o era no seu tempo, como o é ainda agora, não pelo consenso de algum critico parcial, ou pelos concursos literarios — tão parecidos com as outras eleições politicas, falseada a sinceridade pelos corrilhos, excluindo pela inveja, ou adoptando por interesse, — mas pela admiraçao anonyma, e espontanea, dos leitores, que essa é a fama e a posteridade dos grandes escriptores. Os sabios distinguem e julgam, só o Povo ratifica a justiça ou o gosto dessas sentenças. Ainda não faltou a Castro Alves tal confirmação.

*

Não foram, porém, os motivos de consagração os mesmos, hontem e hoje: mas o genio do nosso Poeta bastou, na sua abundancia e na sua riqueza, para satisfazer o espirito diverso dos tempos.

Tivera, além dos maiores, a voz possante de Victor Hugo, echos espaçados em José Bonifacio, em Pedro Luís e outros menores; nemhum, antes ou depois de Castro Alves se pôde alçar ao diapazão daquelles cantos, que constituem a grande poesia heroica contemporanea.

Castro Alves que se inspirou nessa forma épica teve, porém, uma humanidade mais intima e mais ampla, dedicando-a ao serviço da liberdade, com o que, superior ao seu grande mestre, batalhou pela emancipação de uma raça e aspirou á republica para os seus concidadãos. Havia no seu tempo a guerra, no Paraguay, ou entre França e Prussia, mas o assumpto barbaro não o tocou, senão na commovida piedade ás victimas, lembrando «Quem dá aos pobres empresta a Deus», em favor dos orphãos brasileiros, ou, pelos franceses, «No meeting do comité du Pain».

Depois da cessação do trafico de africanos, sonharia certamente o Brasil com a abolição da escravatura, na mente generosa de algum politico sem influencia ou de escriptor sem repercussão, mas tambem sem deixar vinco sequer na opinião publica. Não aparecerá ainda o grande abolicionista que foi D. Pedro II, — a quem o Visconde de Jequitinhonha e Silveira da Motta dariam suggestões e projectos, que foram base de leis ulteriores, — que receberia, pelo mesmo tempo, em 66, o appello de Guizot, Montalembert, Broglie, Henri Martin, Labolaye, Pressensé... da Junta Francesa de

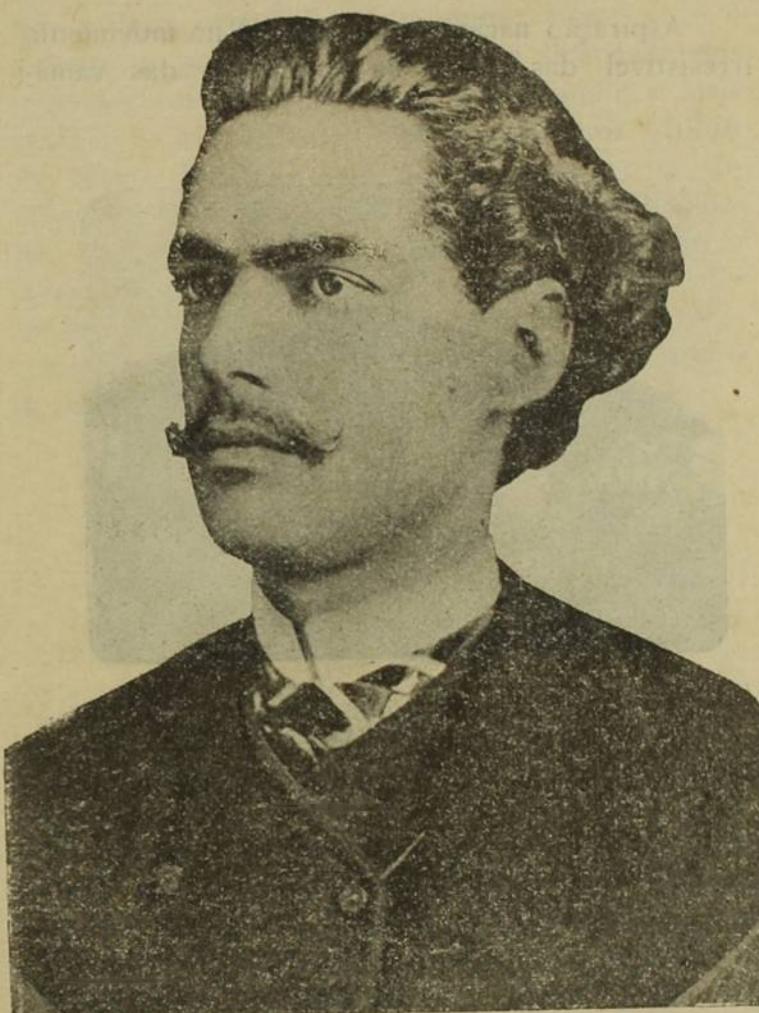
Emancipação e á qual faria responder officialmente que a liberdade dos escravos era uma decisão tomada, que apenas pedia tempo para se realizar — e já nas falas do throno de 67 e 68 se referia ao elemento servil, para em seguida, tentando com Pimenta Bueno, ou conseguindo com Rio Branco, em 71, dar-lhe o primeiro grande golpe mortal, com a lei do ventre livre: não havia entretanto apparécido.

Aliás, apesar delle, o estado de espirito da quasi totalidade dos brasileiros seria, — francamente, aquelle de Silveira Martins, quando disse, mais tarde: «amo mais ao meu paiz, que ao negro», querendo affirmar que o trabalho escravo era indispensavel á prosperidade do Brasil, ou para alguns raros, — hypocritaamente, o de Martinho de Campos, que se enternecia com os seus «negrinhos», mas era «escravocrata da gemma», porque a abolição seria o exterminio dos escravos, «uma hecatombe de innocentes victimas...» Todos estavam com estes e entre estes.

Pois bem, desde 63, principalmente em 65, quando compôs quasi completamente o poema d'*'Os Escravos*, nos annos seguintes em que lhe accrescentou novas poesias, e seria representando o *Gonzaga*, neste tempo, em que as recitou por todas as tribunas cultas ou populares, no Recife, na Bahia, no Rio e em S. Paulo, os centros dirigentes do país, foi Castro Alves o apostolo, incansavel e persuasivo, da liberdade dos escravos. Não convenceria á geração endurecida pelo interesse, dos que governavam e constituiam então o Brasil representativo, mas os seus versos, que commoviam o coração e impressionavam a intelligencia, ouvidos, applaudidos, decorados e repetidos por moços que iam ser donas e varões, e que iriam ainda commover e impressionar a crianças, rapazes e donzelas, prepararam a geração que, vinte annos mais tarde, faria a Abolição. Joaquim Serra, Ferreira de Menezes, Patrocínio... na imprensa, Antonio Bento, João Clapp, José Marianno... nas ruas, Dantas, Nabuco, Ruy Barbosa... no parlamento, a Princeza Redemptora e o Ministerio Libertador... no governo, foram sequazes e collaboradores de Castro Alves, cujos versos heroicos e commovidos, das «Vozes d'Africa», do «Navio Negreiro», d'«O Seculo», do «Adeus, meu canto», da «A Cachoeira de Paulo Affonso», mudaram a alma nacional nesses vinte annos, dando-lhes a sympathia para serem ouvidos, persuadirem e levarem o País até a victoria da liberdade, em 1888. Ferreira Viana, um dos libertadores, dez annos depois da sua morte, dizia delle: «a lyra emmudeceu, mas os sons por ella vibrados ainda rebôam cheios de vigôr, em nossos ouvidos».

Por isso, pelos accentos possantes dessa voz, pelas idéas humanitarias e politicas que

ella exprimia, a geração de seu tempo só viu nelle o poeta social. Nabuco, em 73, ainda sem as razões, bem humanas..., de attribuir á Camara de 1879 (da qual foi figura principal na campanha abolicionista) — o *fiat* creador da Abolição, dizia delle: «Castro Alves foi uma inspiração elevada e uma intelligencia nobre; seu maior titulo é o de ter posto seu talento ao serviço da causa da emancipação, da liberdade e da patria. As suas mais felizes idéas, seus versos mais melodiosos foram-lhe inspirados pela sorte dos captivos». «A idéa abolicionista foi a alma de seu melhor poema...» «Esse



CASTRO ALVES AOS 24 ANNOS

é o titulo serio á gratidão do país... Nunca o poeta subiu tanto como nesses dias, em que... se apoderou resolutamente de uma grande idéa e se deixou dominar por um forte sentimento. É esse o merito que antes de qualquer outro eu queria attribuir ao poeta...» Um de hoje, Amadeu Amaral, pôde repetir: «Elle foi o querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais fascinador, o mais comprehendido dos nossos poetas». Porque «não foi apenas um poeta... foi um apostolo, um propagandista, um luctador, sciente e consciente dos frutos bons e dos frutos amargos de sua semeadura».

A razão dessa investidura sagrada, que o genio de Castro Alves recebera de sua terra e de seu povo, nesse momento historico, dera-a, desde 68, José de Alencar: «Palpita em sua

obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos. Muito mais tarde, José Verissimo diria a mesma coisa: «A sua influencia foi enorme...» «as cousas sociaes e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta», «poeta nacional, se não mais, nacionalista, poeta social, humano e humanitario...»

Por isso, mereceu o nome que lhe deram, por consagração, de «Poeta dos Escravos». É que, disse Ruy Barbosa, em 1881: «Castro Alves escreveu o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração nacional que a tem de resolver.

Aspiração nacional que previu, no movimento irresistivel das ruas, da imprensa, das cam-



CASA NATAL DE CASTRO ALVES

ras, do governo, que a haviam de realizar um dia, tão longe entretanto delle... «A sua grandeza está nisto, diz Euclides da Cunha: elle os os viu antes e melhor do que os seus contemporaneos», chegando entretanto a tempo para o prever, como vidente: «apparecimento... certo, opportuno, como o de todo grande homem...» Aspiração nacional que ajudou ou começou a realizar, podemos hoje insistir, e é ainda por isso que o nome delle «ha de ligar-se indelevelmente a uma das phases mais decisivas da historia nacional».

Mas os trovões que prenunciavam os cataclysmos cosmolicos e sociaes, do outro lado do oceano, com Hugo, esmoreceram, e se pôde com o tempo ouvir os accordes lyricos e apaixonados da voz desse mesmo immenso e outro poeta, e, com ella, outras vozes tão sentidas e delicadas desse tempo, as de Lamartine e de Musset.

Aqui a campanha da Abolição teria o seu primeiro exito em 71, para conseguir todo e definitivo em 88; no anno immediato o Bra-

sil alcançava a Republica. O «Poeta dos Escravos», como o Brasil lhe chamava, o «poeta republicano, como lhe chamaria Nabuco, o poeta nacional que fôra Castro Alves, preencherá o seu destino, attingido esse ideal livre e democratico, exactamente quando a forma literaria desses seus poemas tornara á simplicidade lyrica, ou á perfeição parnasiana.

Foi então, que se começou tambem a ouvir o outro Castro Alves, o definitivo Castro Alves, lyrico e commovido, poeta ás vezes perfeito, sempre original, que cantou o amor e a natureza, com uma sinceridade e uma espontaneidade ainda não conseguidas no Brasil, e que abafara, na sua gloria ruidosa, o poeta social. Ao poeta épico, de cujos alguns poemas pôde Alberto de Oliveira dizer que «exceptas algumas estancias camoneanas não conheço em nosa lingua outros versos tão vibrantes», substituiu-se o lyrico delicioso e íntimo, e este não passará, porque é eterno o sentimento humano e só os grandes poetas o sabem exprimir, para os outros que o sentem e soffrem sem expressão. Mudara Castro Alves de feição, sem deixar de ser o mesmo, e entretanto com aquella originalidade, já proclamada, mas que primeiro lhe viu o difficil juizo de Machado de Assis, quando, em 68, exclamava pelo «Correio Mercantil»: «Achei um poeta original», «a musa do Sr. Castro Alves tem feição propria». Com elle viria a concordar um moderno, José Oiticica, dizendo que criara essas tres coisas que não existiam na poética nacional antes delle: a paisagem brasileira, o estylo brasileiro, o tema social brasileiro. Para o louvar, ou fazelhe apenas justiça, não preciso palavras minhas.

Fez-lhe alguém, inconsideradamente, uma censura, que é o maior elogio que se pode atribuir a um artista: conseguir revelar-se. Seriam as confidencias intimas dos seus versos: «certo que encobriu pouco ou antes nada, de sua alma, aos leitores mais estranhos e indiferentes. A arte é o triumpho esthetic do individualismo; numa fórmula concisa, e persuasiva, alludindo ao que ha nella de pessoal e na scienzia de collectivo, Hugo definiu: — «L'art, c'est moi; la science, c'est vous...» Poesia, então, é essencialmente sentimento e o que podemos exprimir, com sinceridade, será apenas, e quando muito, o proprio. E foi com essa sinceridade de Castro Alves, que «ninguem desferiu ainda mais maviosamente as cordas mais santas do amor humano», e só por isso é que «a natureza sorri, irradia e magôa-se nos seus versos», como afirmou Ruy Barbosa. Aos proveitos como este, contraponho os mais recentes, para provar a concordancia: um jovem critico, Ronald de Carvalho diz de um dos seus poemas: «As admiraveis e perfeitas estrophes da poesia *Sub tegmine fagi*, que é uma das mais

bellas de nossa lingua e onde ha qualquer coisa do melhor Hugo e do mais profundo Lamartine, na sua exaltação religiosa, da arte e da natureza...

Essa perfeição de forma, aliás menos prezada no tempo, de romanticos sem disciplina, o que até forçaria á reacção parnasiana, não era rara nos poemas de Castro Alves, cheios de idéas, de imagens e de apuro de estylo. Escreveu José Verissimo das «Vozes d'Africa»: ha ahi «eloquencia da melhor especie, sentimento, emoção, e sobretudo uma elevada idealização artistica da situação do Continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe attribue. E, com todas essas qualidades, uma perfeição rara de forma». Continua ainda assim, exaltado no louvor, que muitos annos depois será tambem o de Luiz Murat: «Vozes d'Africa» são um primor de forma; não se pôde exigir mais, do gosto e da mestria de um artista». Na sua obra, muitos poemas, e numerosas estrophes, de outros muitos, merecem destes gabos. A prova é que a affirmativa de José Verissimo, que nas *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo, vira «a primeira manifestação da poesia parnasiana no Brasil», oppõe-se Alberto de Oliveira, o maior dos nossos parnasianos, lembrando que as *Espumas Fluctuantes*, em 1870, antecedem de um anno áquelle livro e ahi, nos sonetos d'«Os anjos da meia noite» ia Castro Alves em evolução «para as novas formas do cunho artistico mais leve e delicado da poesia parnasiana». O critico compara dois sonetos, do Castro e do Crespo, e não lhes acha diferença no accento da emoção e no lavôr da forma.

O grande romantico attingia, pois, a perfeição parnasiana, pela primeira vez conseguida no Brasil. Que lhe faltou pois? Apenas tempo, mais edade para polir e aperfeiçoar, o que não saiu perfeito de seu genio apenas mal transposta a adolescencia, nessa mocidade tonta em que a infinita maioria nem tem a consciencia da vida, quanto mais de uma obra a realizar. Emendaria erros, evitaria excessos, talvez repudiasse «as palavras a cavallo», «os palavrões de penacho», como os que o ridículo de Aristophanes denunciava no divino *Eschylo*; talvez, quando lhe fosse escasseando o genio, com a velhice, fizesse pacto com a grammatica, de não a offendere nunca mais, comodidade que, ainda sem talento, confere no Brasil, nessa idade rhetorica que vamos vivendo, fóros de escriptor a quem escreva mal e sem idéas, mas segundo as taes regrinhas; seria tudo o que o genio desabrochado, fecundado, de vez, sazonado, pôde dar de maturidade perfeita e feliz. O que foi, porém, esses poucos annos bastaram para mostral-o, como se a sua compleição extraordinaria não careces-

se de mais. Guilherme de Castro Alves, seu irmão, teria inteira razão de o definir:

Elle era grande e bom: massa p'ra deuses!

*

Intencionalmente, deixei que dissessem dele outros, e os maiores, os mais doutos e mais justos: poeta humano e humanitario, faz-se arau-to e defensor de uma grande causa, e torna-se o poeta nacional, senão nacionalista; a natureza do Brasil retrata-se em suas imagens, como num espelho encantado, e as nossas paisagens e as nossas aspirações cantam nos seus versos incomparaveis; nunca uma furia sonorosa foi tão sublime aqui ou teve mais ternos accentos a lyra commovida do amor; como vate é vidente, e propheta, e annuncia a liberdade dos ingenuos em 71, a Abolição e a Republica mais tarde: — iria adiante, num appello aos «filhos do Novo Mundo», que viriam a salvar a Civilização, nos campos de França, assolados pelos Barbaros em 1914, para se não repetir o crime de 1870; romantico exaltado, tem o cutto da idéa e da forma e avança literariamente, como idealmente, sobre o seu tempo, no apuro de escrever, como no de pensar...

Castro Alves

FAC-SIMILE DA ASSIGNATURA DE CASTRO ALVES

Isto é o que vemos daqui. De além-mar conta-se que, ouvindo Eça de Queiroz ler, a Eduardo Prado «As aves de Arribação», aqui detivera o outro:

Ás vezes quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes accendia...

para exclamar: -- «Ahi está, em dois versos, toda a poesia dos tropicos». Nos outros, em muitos dos outros de Castro Alves, é que os nacionaes e os estrangeiros podem compreender toda a poesia do Brasil.

Um outro grande poeta, á altura de o julgar, Antonio Nobre, viria a dizer delle: «O maior poeta brasileiro»...

A eleição, pelos sabios e doutos, podem engrandecer qualidades raras e de apreço dificil, por extravagantes, por isso nem sempre comprehensiveis; a nomeada, pelo vulgo, de ouvintes e leitores, mesmo quando não seja movida pela paixão do momento, pôde ser o indicio de uma subalternidade que ao nível dos aplausos ponha o applaudido. Se as duas concordam, porém, não ha restrição para o merito devidamente denunciado por uns e justamente consagrado pelos outros.

Castro Alves teve em vida as duas benemerencias; não desmereceu de uma dellas nesses cinquenta annos que decorrem de sua mor-

te; e da outra? Tambem. É a razão de ser desta introduçao bibliographica. Dizia Verissimo, dos delle, que «poucos livros brasileiros e menos de versos tem sido tão lidos». E isso, porque lhe computava as das *Espumas Fluctuantes* em oito ou dez edições. Aqui trago um ról de quasi cincuenta, de todas as suas obras, e, só daquelle livro, «vinte e tres». Nenhum poeta, nenhum escriptor brasileiro, nesse tempo, alcançou sequer de longe approximar-se delle.

Castro Alves, o grande poeta nacional que Alencar, Machado de Assis, Ruy Barbosa, Nabuco, Euclides da Cunha, José Verissimo, tantos e tantos mais.., o escol da intelligencia brasileira exaltou á nossa admiração, foi tambem o eleito do Povo Brasileiro, da innumerable multidão dos leitores que o prefere a todos os mais. O veredicto da Posteridade está apurado: é o primeiro poeta, o maior poeta brasileiro.

A. P.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

A poesia mais legitima é feita de deslumbramentos interiores, de certo modo intraduziveis. É musica intima que sobe dos profundos recessos de nossa sensibilidade, impressionada pelas manifestações da belleza cosmica.

A arte é um reflexo superior, instinctivo porém complexo, sujeito ao processus variavel de synthese mental e modificado ainda por condições psycho-sensoriaes.

As reacções intellectuaes, como todas as formas de energia physiologica, têm differenciações elementares que particúlarisam cada individuo. Por isso mesmo, a biologia humana desmente o fundamento dos preceitos escolasticos, nos dominios da estheticá.

O instincto da arte é um phenomeno da vida interior, é revelação primordial do espirito; mas apura-se de acordo com o nosso patrimonio affectivo e mental.

Ingenieros definiu a arte como sendo a «*vida vivida*, cheia de verdade e beleza, fundindo numa mesma synthese os valores logicos do pensamento e os valores estheticos da forma».

Mas a arte-sonho, a arte que nos liberta dos soffrimentos quotidianos, que é uma arrançada para o infinito, é realmente *vida vivida*, mas vida interior, maravilhosa e imperscrutável em suas creações illimitadas...

Os poetas foram sempre os grandes reveladores da immortalidade, porque conseguiram surprehender e exprimir o mais fielmente possível os abyssos espirituales da consciencia.

Neste sentido, todos os poetas seriam mysticos, isto é, realizariam o que Charles Lalo chamou o symbolo do mysticismo, figurado nessa bella imagem de Novalis: Entre os homens que ousaram contemplar de frente a Deus-a reveladora dos mysterios da natureza, só um conseguiu esse gozo ineffavel. «Mas que viu elle? Milagre dos milagres: viu-se a si proprio».

Poeta, entre os que mais merecem tal nome, Alphonsus de Guimaraens, insulado dentro do seu temperamento de solitario, viveu como eremita da arte, affastado do torvelinho material, voltado para si mesmo.

A vida nos seus mysterios indecifraveis, o sonho e o extase dos momentos de exaltação interior, a agonia das paixões suffocadas, a transfiguração maravilhosa dos scenarios exteriores, o estremecimento intimo das horas felizes, a nostalgia do destino irremediavel, tudo vibrou e soluçou na sua lyra de profunda resonancia.

Na sua essencia a poesia suprema, diz Maeterlinck, não tem outro alvo senão manter abertas as grandes estradas que levam do que se vê ao que se não vê. Outra não foi a poesia do nobre visionario de *Kiriale*.

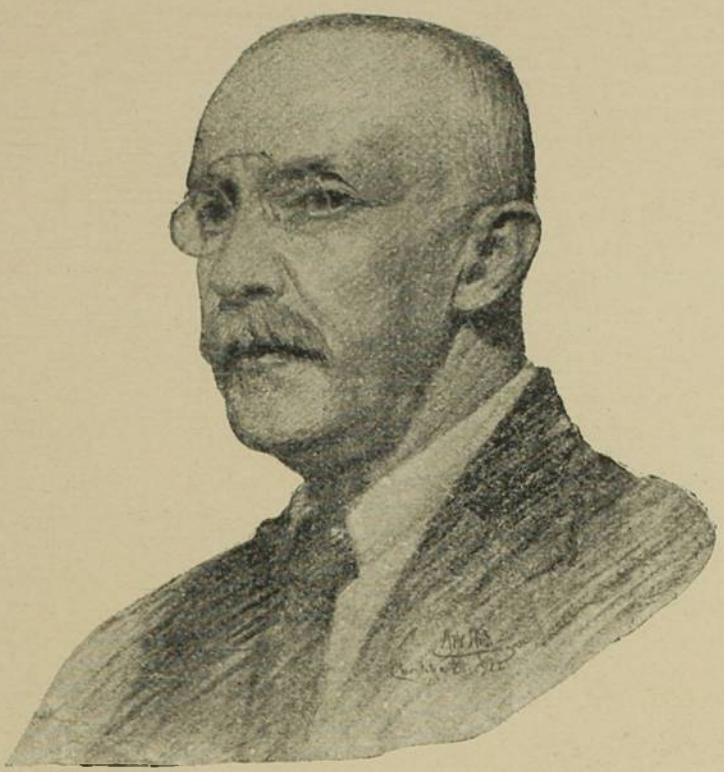
A critica filiou a mystica de Alphonsus de Guimaraens ás influencias de Paul Verlaine, que abandonando por um momento o pendor dos seus instincts sensualistas, fez da sua lyra um sacrario de oblatas mysticas, a que o requinte subtilissimo da forma emprestava algo de profano...

O *tedium vitae*, nas suas manifestações de instabilidade psychica e moral, dominava a religiosidade verlaineana, requintada mas inconsciente, tal como nos apparece na psychologia que lhe traçou a pena de Fierens-Gevaert. Diz elle que em Paul Verlaine revivia a alma dasquelles pobres da Palestina, cheios de imputezas e de culpas, que seguiam Jesus, sem largos raciocinios, simplesmente porque elle lhes parecia bello e falava aos seus pobres olhos.

Mas, deixemos a critica...

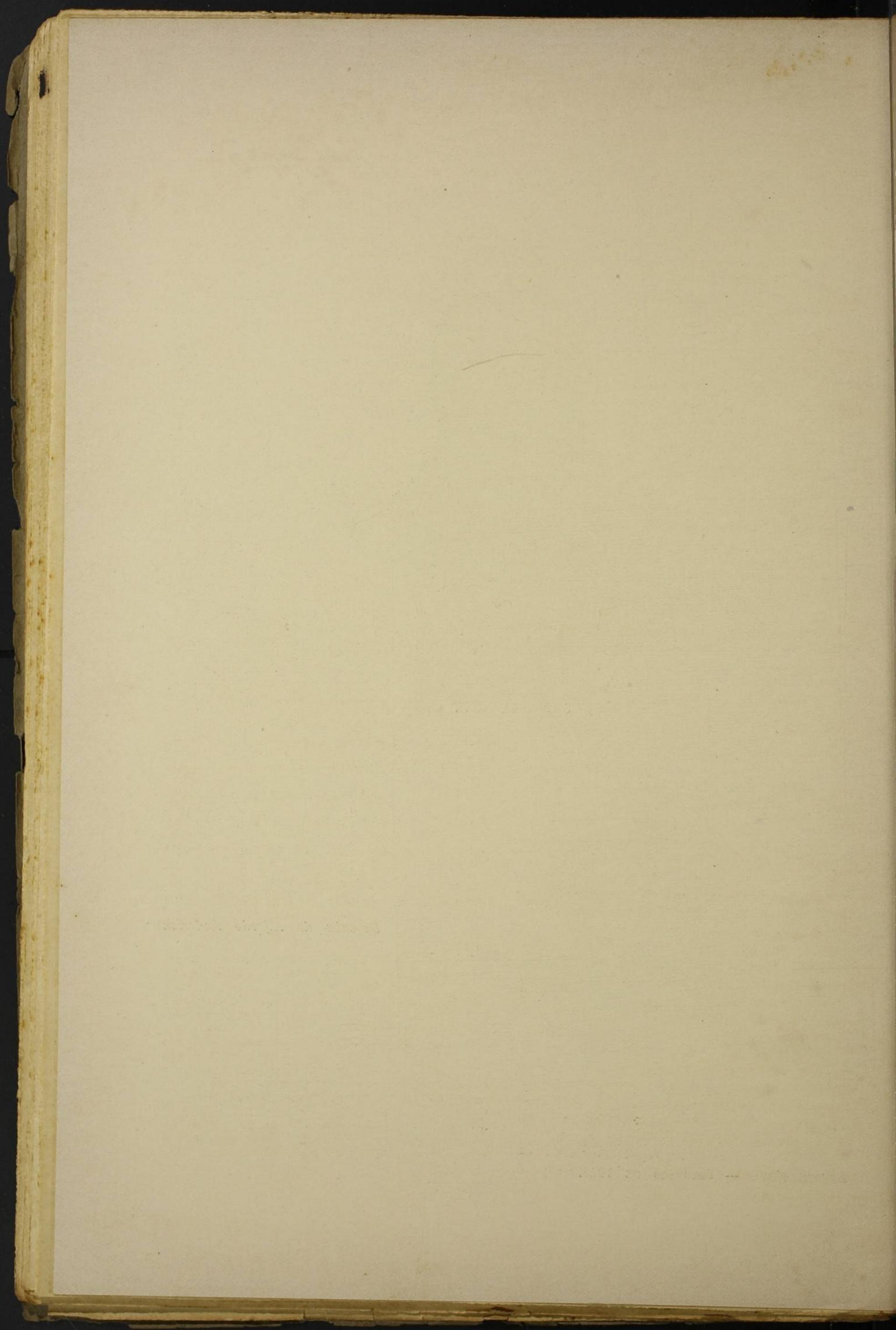
Nos poemas do *Septenario das Dôres de Nossa Senhora*, a effusão mystica de Alphonsus de Guimaraens elevou-se em ondas de ternura commovente aos altos páramos do extase e da fé.

São versos que hão de ficar como modelos de bôa poesia, de poesia que nasce do cora-



SILVEIRA NETTO

Desenho de Alfredo Andersen



ção nas suas horas de belleza interior. São inscrições votivas ou cirios perennemente acce-sos dignos dos altares dos templos.

O mysticismo esthetic de Alphonsus tinha raizes ingenitas no seu temperamento, e foi por isso que elle, solitario por indole, amou o silencio e o recolhimento da sua tranquilla cida-de, onde creou e cultivou o seu grande sonho de arte, que já attingira a suprema espiritualidade.

O amor da solidão é uma dadiva da felicidade, é uma Castalia perenne do ideal, da qual brotam as maravilhas que o sofrimento suggera ás almas superiores.

A felicidade reside justamente na arte, a unica força capaz de remir os desesperos e as dôres da tragedia humana.

São de Graça Aranha, o estheta admiravel, estas palavras oraculares como um signo de fé: «Aquelle que transforma em belleza todas as emoções, sejam de melancolia, de tristeza, prazer ou dôr, vive na perpetua alegria».

Apezar do seu voluntario recolhimento na cidade que, hoje, lhe evoca o nome aureolado, o poeta de *Kiriale* cercou-se sempre de uma atmosphera de admiração e carinho que se alastrava por todo o paiz. A sua nobre figura irradia sympathias, através da sua lyra privilegiada, como se nella resoasse, em profundos e ineffaveis rythmos, a alma religiosa e melancolica da raça.

É que, como ensina o excelso creador de *Jean Christophe*, uma grande alma nunca está só, irradia sempre em torno de si o amor de que está cheia.

E na alma de Alphonse de Guimaraens, o amor, a piedade e a bondade entrelaçavam-se e floriam como flores ideaes que embalsamavam a sua jornada gloriosa.

Poeta de intuição, por excellencia, o nosso grande mystico, apezar do verbalismo sonoro que foi uma das tendencias censuraveis da esthetica symbolista, conseguiu aperceber-se do espírito intimo da reacção neo-romantica, no que ella possuia de mais caracteristico e util e que era justamente o poder de suggestão, mercê do qual abriam-se á arte clareiras luminosas e fecundas capazes de oriental-a para novos destinos.

Como bem assinalou Tasso da Silveira, na soberba pagina em que fez o elogio de Emiliiano Pernetta, o espírito da esthesia symbolista foi precisamente a integração na arte do elemento suggestão, capaz de nos revelar o que escapa á descrição directa.

Sem escolher muito veja-se, por exemplo, em *Kiriale*, a poesia *A cabeça do Corvo*, em que o poeta procurou sugerir a impressão dos momentos de agonia interior em que, presa de

desespero, cada um de nós traz consigo a visão sinistra do corvo que nos vigia, de perto, as horas de tragedia inevitável...

Na poesia *O Leito*, na sombria figura da quelle velho que dentro da noite erma carrega ás costas um caixão de defuncto, ha a sugestão da finalidade humana, o destino irremediavel dos nossos dias de luta, na fatalidade biologica que nos impelle.

Em *Septenario*, a poesia, na sua mais elevada significação, elevou-se a inatingivel transcendencia lyrica.

Os seus versos ungidos de dulcissima harmonia, de rythmos espiritualizados, fazem-nos comprehender o singular conceito do ensaista do *Tresor des Humble*: Todos nós vivemos no sublime, desde que tenhamos um pouco de embriaguez d'alma.

Quem não sentirá nos quatorze versos do soneto *Naufrago* as angustias millenarias da alma humana, a quebrar-se pelos mares da vida, como barco desarvorado, dentro da implacavel noite que nos envolve de assombrosos misterios?

E temo e temo tudo e nem sei o que temo.
Perde-se o meu olhar pelas trevas sem fim.
Medonha é a escuridão do céo, de extremo a [extremo..]
De que noite sem luar, misero e triste, vim?

Amedronta-me a terra, e se a contemplo, tremo.
Que mysterio fatal correja sobre mim?
E ao sentir-me no horror do cháo, como um [blasphem],
Não sei porque padeço, e choro, e anceio assim.

A saudade trita aos meus pés: vae deixando
Atraz de si a magua e o sonho... E eu, misericordando,
Caminho para a morte, allucinado e só.

O naufragio, meu Deus! Sou um navio sem [mastro].
Como custa a minha alma a transformar-se em [astros],
Como este corpo custa a transformar-se em pó!

No soneto *Fatum* perpassa um sopro de alta inspiração, animada de symbolos estranhos que tem qualquer coisa de um côro de tragedia:

De noite, quando o luar scintilla na montanha,
Um vulto ascende á escarpa entre orações secretas.

Clama ao céo lentamente e a sua voz extranha
Tem o mysterio hebreu das vozes dos prophetas.

Chega ao cimo e elevanta os braços: o luar bala
A sua ossea figura: as mãos são como settas
Voltadas para o azul da abobada tamanha,
Onde deixam a luz de duas linhas rectas.

Impreca. A solidão soluça e geme em torno
Da sua alva cabeça hirsuta, onde os cabellos
Se confundem com a prata algente do luar [morno].

É o Fado, Alteia o hercu'eo arcaboiço, amplo e
[forte,
E ergue os olhos ao céo, que todo treme, as
[vel-los,
Amaldiçoando a vida e bendizendo a morte.

Com Alphonsus de Guimaraens, perdemos
um dos mais singulares espiritos de nossa
literatura. A sua vida foi um constante apostolado
de belleza, porque o exelso poeta com-

prehendeu o sentido das suas proprias palavras: «Em relação á eternidade a nossa vida
é um instante doloroso de extase em frente
a um sonho que revestimos de purpura e co-
roamos de myrtos mysteriosos».

MARIO MENDES CAMPOS.

Bello Horizonte.

MAYORINO FERRARIA

Sóou a hora da renovação mental da America, ou melhor, de sua redempçao literaria, tão imperiosa quanto o fôra a politica, no seculo passado, que marca a éra da libertação dos paizes vinculados á suzerania iberica.

Ha, na alvorada do espirito americano, uma clarinada de rebeldia, derrocando as tres metropoles que ainda o aprisionam: Madrid, Lisboa e Paris.

Não é só no Brasil que essa transformação se opera. Na Argentina, por exemplo, essa metamorphose tambem se verifica. É um movimento libertador que vae abrangendo o vasto mundo maravilhoso do pensamento americano.

A nova geração platina assume o seu posto de combate, na vanguarda desse ideal.

Acabo de averigual-o, lendo as produções poeticas de um lyróforo argentino, Mayorino Ferraria, com o seu livro de estréa: *Musica en verso*.

Obra de um neophyto, ainda imprecisa e com arrebatamentos iyricos da edade juvenil, e portanto, com a inevitável influencia de seus mestres ou de seus ídolos literarios, mau grado isso, apresenta a caracteristica desse «espirito novo», a que já me referi.

No *Canto a la juventud*, pagina lyrica em prosa incendiada de entusiasmo, que, á guisa de manifesto, incluiu no fim de seu exuberante livro de versos, Mayorino Ferraria brada a sua rebeldia sagrada:

«Cantemos la juventud, la que es llama que convierte en ceniza los prejuicios; la que es lava que destruye el circulo de hierro de las reglas y los convencionalismos; la que es ola que hace naufragar las creencias tradicionales, la que es ala que hace volar en el mundo azulado de los sueños; la que es músculo y nervio y sudor que hace repletar el vientre fecundo de la madre tierra; la que tiene alas de águila y escala la gloria; la que tiene arrullos de paloma y sueña y canta en el regazo cándido y celeste del amor.

Cantemos la juventud, fuerza nueva, arco

tendido hacia el progreso, boca luminosa que se alimenta en los inexhaustos pezones del entusiasmo; ojo que busca eternamente la luz del ideal.

Cantemos la juventud, porque no petrifica sus ideas, porque ríe cuando todos lloran, porque canta cuando todos enmudecen, porque ama lo que todos odian, porque odia lo que todos aman».

Sentem-se, nessas palavras vibrantes, os impetus de um espirito moço de idéas e de edade.

*

O livro, com finas ilustrações de Romilda Ferraria, que tem o traço alado de uma andorinha do lapis, está todo elle perfumado de belleza e palpito de emoção.

Mayorino é um temperamento delicado de artista, com o requinte subtil do sentimento que se rarefaz no sonho e na caricia:

*No lloro, no, la falta de la suave
Caricia de su mano,
Lloro, porque ha quedado muda y fria
El arpa de mi tacto.*

Espiritualista, levado pelo sabor romântico de sua florescencia vital, ainda o prende a attracção dos motivos religiosos; e, por isso, es envolve em versos suavissimos:

*Oh! monja, pálida rosa
Perfumada de misterio,
Que agonizas lentamente
Lentamente en el ensueño.*

Mas nem assim, a sua musa cæe no logar commum e na toada monotona das beatices poeticas. Vale a pena ouvir-o nestes lindos versos a uma freira, em que ha o protesto de uma consciencia e o grito de um'alma contra o sacrificio inutil, inglorio, de uma vida esteril:

*...En el cuerpo de la monja,
La que comienza a temblar
Y a suspirar soñadora
Y a sentir ansias estrañas
• De abrazar algo. Las rosas
En su orgia de colores*

*Y las aves en sus notas
Y el céfiro en su perfume
Y el firmamento en su gloria
Y el tic-tac de corazón
Y el misterio de la hora
Dicen. Ama, ama, ama!*

Vibra, realmente, uma grande beleza nesses versos brancos, cheios de nervosismos de emoção e de rythmos estranhos, cuja musical dôçura é tanta que não se dá pela ausencia deliberada da rima.

A exhortação continua, num crescendo magico de estrophes:

*Haz de tu cuerpo una antorcha
Y no círio melancólico
Que se consume en la sombra
Ante un Cristo pensativo
De pupilas misteriosas
Siempre fijas, siempre heladas
En una muda congoja,
Que ni comparte tu llanto
Ni te calma en tus zozobras
Ni te besa si lo besas,
Ni te nombra si lo nombras,
Ni te canta si lo cantas,
Ni solloza si sollozas,
Ni late su corazon,
Aunque el tuyo se te rompa!,
Reza reza, pero ama
Ama y la larás la gloria!*

*Haz de tu labio incensario
De puros secundos besos,
Hostia de consolaciones,
Copa de amor y de ensueño.
Sean los círios tus ojos,
Y sea el altar tu cuerpo,
Sea el hombre el sacerdote
Y sea Jehová... Eros.*

Para depois, num surto de belleza e de verdade, concita-a á epopéa feminina, á grande e sacrosanta missão, que deve ser, afinal, a unica para a mulher: a maternidade.

*Morirás sin nunca oír
Que te llamen: madre mia!?
(Oh la palabra ce' este,
Oh la palabra divina!).
Vale un mundo la mujer
Pero después de parida,
Cuándo es madre, cuándo es madre!
(Oh la palabra bendita!)*

E termina o poemeto *Sor Soledad*, com esta exhortação final, que o resume e define:

*Reza reza reza reza!
Pero ama ama ama!
Haz tu templo en un hogar
Y tu Dios en una larga
Familia que te bendiga.
Ser maare, eso es ser santa!*

Ha, evidentemente, mais, multissimo mais, moral christan nesses versos admiraveis e justos que em todos os conventos e mosteiros reunidos, porque estes são uma trahicão á vida, o supplicio chinez de um suicidio lento e horrivel: a mortificação da carne, o repudio ás leis eternas da vida; — o desejo e o fanatismo, num inferno mystico, a queimar, numa combustão prolongada e infinda, as flores capitosas da alma humana!

* * *

Antes, porém, de concluir esta viagem espiritual em torno do livro de Mayorino Ferraria, vou apresentar o poeta sob outras facetas de seu talento e de sua esthesia, numa disgressão, rapida como o aceno de um lenço branquejando o ultimo adeus.

Sensualista, a sua arte tem accordes como estes:

*En la lámpara nivea de tu cuerpo
La llama ardiente de tu sangre brilla.*

Poeta objectivo, pantheista, esboça, numa simples quadra que destaco de uma pintura que faz do crepusculo estival, esta primorosa descripção:

*La rana antimusical
Crea monótonamente,
Mientras murmura la fuente
Su sonata de cristal.*

Revoltado, não explode em petardos poeticos, nem solta bramidos de odio; mas sabe vestir o verso de chamas, como a imagem dantesca:

*Oh poeta que tu testa sea látigo,
Sea látigo de oro
Que haga escáculos al ritmo y a la rima.*

*Orador que tu lengua sea espada,
Sea espada de diamante
Que asesine los bárbaros prejuicios.*

*Pensador que tu pecho sea templo,
Sea templo de granito,
Donde sólo a Verdad se ofrende incienso.*

*Oh mujer que tu alma sea lira,
Sea lira de ternuras
Que la senda nos llene de armonia.*

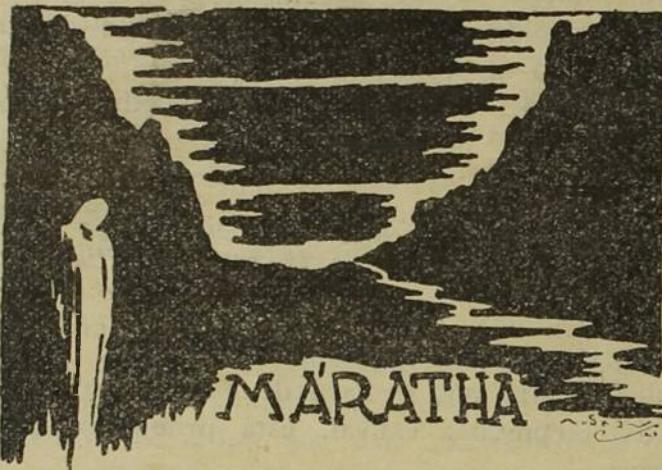
* * *

Eis ahí, numa visão fugaz, ao sabor de versos que rebentam em aromas, como flores da primavera eterna do Brazil, a expressão nova

e forte da literatura americana, que se vae libertando do imperialismo literario da França e da tyrannia sentimental que a peninsula ibérica tem sobre nós exercido até hoje.

No Brazil, como na culta e vigorosa Argentina, irrompe essa manifestação symptomática de autonomia mental, cuja victoria, por toda a America Latina, será o melhor caminho para que os novos Colombos revelem a grandeza de seu pensamento ao mundo!

SAUL DE NAVARRO.



A Rocha de Andrade,

Naquelle valle immenso o silencio tinha docuras de gemidos velados... Montanhas altissimas cercavam o escrinio de relva, onde um molle fio d'agua abria chagas floraes. A mansietude da floresta nova aconchegava extranhos enlevos encantados.

* * *

Máratha — o pastor-sol — vivia na pleina quietude do valle, guardando um rebanho de ovelhas fulvas; mansas como escravas e lindas, como estrellas! Tinha a fortaleza de um tronco de sandalo; o olhar inocente e a voz cariosa.

... A meiguice e a sabedoria da aurora habitavam seu cajado. Seu desejo — uma ovelha perdida...

Uma tarde o valle despertou ao som da guizalhada duma caravan. Vinha mollemente, com cortejo de guardas e cimitarras nuas. Escravos jovens, afagavam tamboris... Parou na encosta, junto do veio de agua soluçante...

Cebriu-se a relva de tapetes e dos palanques, desceram mulheres veladas em véus de oiro.

... Corriam na amplidão nuvens desgrenhadas... E o sol muito meigo acariciava a macieza glauca da relva. Máratha, escutava o maravilhamento dos risos e dos cantos, esquecendo o rebanho. O seu olhar pastoreava aquella visão nunca vista.

Só um palanque não abria as cortinas de purpura. Plumas verdes brincavam no alto da cupola doirada. Um guarda negro velava aquele thesouro mais precioso que o *Taj-Mahal*.

... A luz triste e velha procurava o leito de velludo. Surgiam estrellas... Noite.

... O olhar do pastor era uma ovelha perdida...

— Larga!! — bramiu a voz do palafreneiro de turbante negro! E de novo o riso da guizalhada arabescou a mansietude do valle. E no baloiço molle e cadenciado dos elephantes, a caravan partiu com seu cortejo de guardas e cimitarras nuas.

Era manhã; e o sol tinha inveja do rastro da caravan! Ao longe... muito ao longe, ainda accenavam aquellas languidas plumas verdes. Desappareceram.

Máratha — o pastor-noite — ainda espera o palanque fechado com plumas verdes brincando e guarda negro feroz!

... O silencio daquelle valle é cheio de gemidos vellados d'uma ovelha perdida...

CARLOS FREDERICO.

«COUSAS DO TEMPO»

por Tristão da Cunha.

São paginas ao mesmo tempo suaves, vigorosas e honestas as que formam este volume. A personalidade literaria de Tristão da Cunha se formou á margem do nosso meio, e só n'elle, afinal, se revelou quando carregada das fontes do saber e da experientia. E agora elle nos apparece como um escriptor feito, em cuja obra o pensamento elevado se exprime num estylo preciso, sobrio, pessoal, e, por issò mesmo e'egante.

Tristão da Cunha foi sempre um *distant*, por indole e por educação, e não por timidez e orgulho. Não ha que contal-o entre os *derramados*, tão aborrecidos de Machado de Assis.

Antes de pleitear um lugar entre os nossos escriptores elle se exercitou no officio lá fóra, collaborando por longos annos numa revista francesa, *Mercure de France*, de que foi o correspondente em nosso paiz, e onde escrevia as *Lettres Brésiliennes*. Era um exercicio util á nossa terra e bom para o pensamento, mas improprio e até perigoso para a formação do seu estylo. Mas, afinal, a reversão ao vernaculo se operou com a victoria da sua linguagem, que ganhou em acuidade de expressão, sem nada perder como reflexo do seu sentir nacional.

E que Tristão da Cunha nunca deixou de estar em contacto com o nosso meio, e o fazia por intermedio de espiritos altos e sérios: Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Affonso Arinos. Por isso e pela sua posição em nossa sociedade, alguns achavam-lhe, talvez, uma *morgue* de aristocrata. Qualquer cousa deste genero em nosso meio latino e democratico cheira a impostoria, e Tristão da Cunha tem espirito de mais para ser um *snob*. O que elle é, por temperamento e por gosto, é um *gentleman*, e só ha a lamentar é que todos não o sejam tambem...

Si bem me lembro, foi Rivarol quem nos fez conhecer um ao outro: um amigo commun disse a elle e a mim que cada um de nós amava esse grande espirito e grande caracter frances, e nós nos approximamos naturalmente como fieis ao mesmo culto. Mas eu fiquei sendo um simples devoto, ao passo que o meu confrade tomou ordens e se fez sacerdote da crença rivaloriana. É ver neste livro a segurança com que julga, a graça com que traduz e finura com que commenta a obra ironica, sagaz e profunda de Rivarol! É preciso amar bem um escriptor para bem comprehen-

del-o, que, em letras, o amor não é cego, como na vida. Isso porque o amor intellectual não é um instinto, mas a escolha feita por um espirito em que encontrou, além do valor intrinseco, a attracção irresistivel de uma affinidade.

Desse modo se explicam todos os curtos mas substanciosos estudos contidos em *Cousas do meu tempo*.

Não amo os livros feitos de pedaços, mas este é feito de pedacinhos de ouro, em cada um dos quaes o autor talhou com buril helle-nico as figuras de Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Magalhães de Azeredo, Raymundo Corrêa, José Verissimo, Alberto de Oliveira, Mario de Alencar, ou, em esmaltes a fogo, fixou imagens, gravou disticos, illustrou pensamentos, que fazem destas paginas como que as estantes de um colleccionador que fosse o proprio autor das preciosidades ora proporcionadas á contemplação do publico.

Só uma mentalidade nutrida com o bom leite da loba romana poderia conciliar idéas transcendentais com uma esthetic impeccavel da forma, como se verifica nos ensaios e perfis destes volumes. E todos são apologéticos, porque sua penna não obedece a uma obrigação de criticar, mas á necessidade de plasmar em palavras os assomos de sua sympathia humana. Apologéticos, com as restrições impostas pelo seu bom senso e pelo seu bom gosto. Não sáe armado para combater; sáe de mãos livres para tocar, apanhar e levar aos olhos ou aos labios as flores do espirito que encontra pelo caminho.

E não trabalha só sobre obras e homens; mas tambem, e mais largamente, sobre as idéas geraes de nosso tempo, de que tem um conhecimento vasto e luminoso.

A recente tragedia europea lhe fez insculpir no seu *Caderno de guerra* conceitos verdadeiramente inéditos, tão novos e ao mesmo tempo tão verdadeiros, que não nos lembramos de haver encontrado nada tão perfeito e tão veridico siquer entre os melhores escriptores das nações empenhadas na luta.

Um dos maiores méritos do cantor é a concisão: formada a sua mentalidade, em partes iguaes, na França e na Inglaterra, as virtudes das duas raças se equilibram e se completam no seu espirito em que o coefficiente pessoal se faz sentir, reduzindo os valores a um todo homogeneo e lidicamente brasileiro. Nem li-

vresco nem exótico saiu Tristão da Cunha desse prolongado mergulho nas idéas e nas línguas dos povos estrangeiros: é bem brasileiro no pensar, no escrever e no sentir.

E, pois, uma natureza forte a sua; e digna de ser apontada como um exemplo de probidade e nobreza aos snobs, aos cabotinos que facilmente se desnaturalizam, se desnacionalizam, se mimetizam tomando a cõr dos livros e das paisagens estrangeiras.

Sou um pouco suspeito para falar de Tristão da Cunha: prende-me a ele uma velha

estima, que primeiro se applicou ao cavalheiro e depois se estendeu ao escriptor, à proporção que seu talento se me ia revelando em toda a sua força generosa e bella.

Mas eu creio que não me deixe desviar da linha da justiça louvando *Cousas do tempo* como uma obra preciosa e encantadora de pensador, de artista e de gent'eman.

ANTONIO SALLES.

A ESCOLA PARA TODOS

«The opportunity School», (A Escola para todos), é uma das mais curiosas criações do povo americano. Grande é o numero dos países que tem mandado representantes a Denver, em Colorado, para visitar e conhecer tão interessante estabelecimento de instrução pública.

Sensibilizador já era o cuidado com que esse paiz fundara e dirigia, desde muito antes da guerra, a «Escola Primaria para Estropiados», em Madisson Street, Chicago, e para a qual, ha tantos annos, afflue, diariamente, uma população de aleijadinhos: manetas, pernetas, scolioticos e defeituosos de toda a sorte, transportados em carros especiaes, a expensas do Municipio e accommodados em bancas engenhosas e adequadas ás exigencias physicas de cada qual. Agora, ainda não menos tocante e não menos util é a «The Opportunity School» de Colorado. Mas, que será «The Opportunity School» ou a «Escola para Todos»?

— É um estabelecimento para dar instrução a todo aquele que tenha alguma causa a aprender. Sem programma, propriamente, porque o seu programma é a necessidade ou o desejo do discípulo, essa escola ao envez de traçal-o, pede a cada alumno que lhe diga o que quer aprender e como o quer, para tirar o maximo proveito pessoal. Sem nada solicitar do candidato á frequencia das suas aulas, «The Opportunity School» pergunta apenas: em que tem você necessidade desta casa? Que se pôde fazer aqui, para emprehender ou completar a sua instrução?

A esse respeito Mme. H. Vanderpyl-Angé, em «La Revue Pedagogique» nos cita as seguintes eloquentes frases de Alma e Paul Ellerbe que a visitaram demoradamente.

«À noitinha pôde-se vêr, em Denver (Colorado) uma procissão de criaturas de varias cõres e feitios, marchando apressadamente por uma das ruas da cidade, desapparecer, emfim,

num sombrio e velho predio, em cujo portal em grandes letras douradas, lêr-se-á: «The Opportunity School».

«A irmã do Bispo ali vai aprender dactylographia e a sua cozinheira sueca seguir o curso de inglez; um advogado notavel familiariza-se com o mechanismo do seu automovel de luxo e o rapazola, que lhe vende o jornal, debate-se nas iniciações do ensino primario; um velho cégo ensaia a fabricação de escovas e um grupo de mocinhas da alta sociedade frequenta os cursos de dietética; um rapaz surdo por uma explosão, na guerra, aprende a lêr pelo movimento dos labios, enquanto um jornalista estuda a stenographia, as discípulas de uma escola catholici vão á classe de cozinha e um preto de cabellos brancos começa a lêr e a escrever; pequenos engraxates, velhos judeos, mulheres russas, mineiros austriacos, italiani, japonezes, philipinos, chinezes, croatas, mexicanos, mestiços e toda a casta de americanos frequentam diariamente essa escola».

É essencialmente beneficente esse estabelecimento de educação. Não sómente tudo ali é gratuito, mas ainda aquelles que por faltâ de tempo, ou dinheiro não podem jantar em casa, entre o dia de trabalho e as classes da noite, a escola lhes offerece uma refeição.

«The Opportunity School» — A «Escola Opportuna» ou «Escola para Todos», que chega, segundo a oportunidade, isto é, a necessidade de cada um e para qualquer edade, é realmente uma maravilhosa obra social. Nella nunca é tarde para aprender e a ninguem são fechadas as portas das suas classes. Eminentemente pratica, ella procura apenas corresponder ás necessidades de todos os que a querem frequentar dando, no menor espaço de tempo, o mais completo e mais util conhecimento para a luta pela vida. Vencidos da vida, incorrigiveis, ricos, miseraveis, crianças e anciões, brancos, pretos

e amarellos, todos se acotovelam nas suas aulas para o beneficio proprio e da collectividade.

Dirigida com esse espirito modelar de assistencia a sua accão não se limita á parte da instrucção e educação nas suas bancas, mas estende-se até a um patrocinio activo e salvador, na sociedade, áquelles que della necessitam e a ella recorrem. Miss Griffith é a sua directora. De uma energia sómente equiparavel á sua bondade, culta e activa, solicita e maternal, ella superintende a escola e prolonga o seu raio de accão por todos os meios da vida social, ora visitando industriaes para lhes conhecer as necessidades de mão de obra, com o fim de collocar os seus discípulos, ora para convencel-os a beneficiarem cu aproveitarem melhor um empregado ex-alumno seu. Por toda a parte o prestigio do seu nome é salutar. Até na polícia, se alguem lá chegando mostrar um atestado de conducta dado por Miss Griffith a sua situação será immediatamente melhorada.

O devotamento dessa criatura não tem limites, a todos e em cada situação particular, ella procura advertir e proteger. Verdadeiras regenerações se tem feito na sua escola, sob as suas vistas zelosas e maternas.

Essa instituição glorifica o genio criador americano. Num paiz em que a educação popular é uma das mais completas e mais espalhadas do mundo, mas, no qual uma população de imigrantes de todos os matizes entra continuamente, um estabelecimento fundado para attender immediatamente e com a maxima efficiencia ás solicitações de todos, é uma das melhores garantias de progresso, de paz, de harmonia social. Ella tem mesmo a sua classe de instrucção civica, por cujo intermedio em pouco tempo 1.800 estrangeiros, em Denver, obtiveram, com facilidade, a sua naturalização. Beneficente, instructiva, educadora, moralizadora e patriotica «The Opportunity School» é uma instituição digna de ser imitada por todos os povos. Embora filha de uma civilização vertiginosa, em que a economia de tempo é uma das maiores preocupações do povo e onde a aancia de agir e de produzir é quasi morbida, um estabelecimento cuja finalidade seja elevar as possibilidades de toda a gente a obtenção da cultura, da habilidade, ou da capacidade ambicionada e necessaria, não pode deixar de ser proveitosissimo a todo o mundo.

A. CARNEIRO LEÃO.

HENRIQUE LOUDET

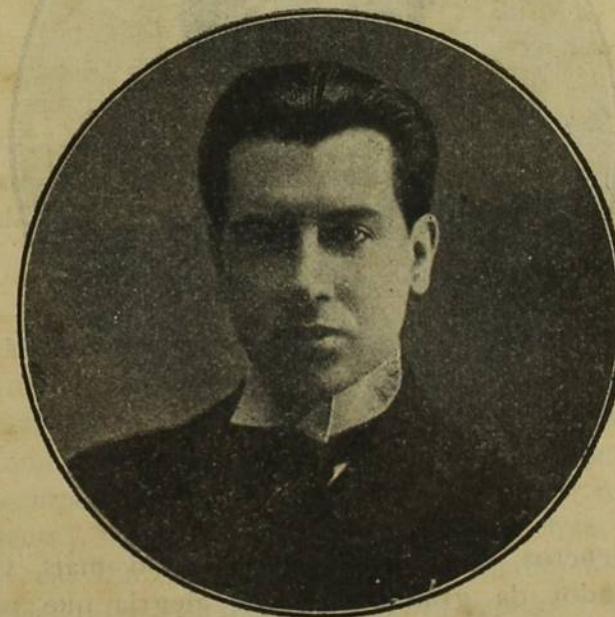
O dr. Enrique Loudet é, dentre os jovens espirites brilhantes da Republica Argentina, o que mais tem trabalhado por descobrir o Brasil no seu paiz, convencido de que um maior entendimento entre os dois povos americanos trará uma corrente mais forte de sympathia e a consequente cordialidade de relações.

Antes de abandonar a «Escola de Diplomacia» da Faculdade de Direito e *Scienças Sociales de Buenos-Aires*, foi o iniciador da adhesão estudantil argentina ao cinquentenario do nosso grande civilista Teixeira de Freitas, iniciativa que completou mais tarde, quando desempenhou, com raro brilho, a secretaria da *Missão Universitaria Argentina ao Brasil e Uruguay*, sendo o portador da placa collocada em seu monumento e finalmente vertendo para o castelhano a biographia do eminente jurista brasileiro.

De regresso, publicou as suas impressões de viagem, em que emitiu juizos altamente elogiosos para o Brasil, para fazer, depois, numerosas conferencias sobre o nosso paiz, suas cidades e seus poetas.

O dr. Enrique Loudet é o Secretario do

Athenaeu Hispano-Americanano, do *Círculo de Estudos Diplomaticos e Consulares*, da *Associação Latino-Americana*, da «Secção de Política Interna»



ENRIQUE LOUDET

*nacional» do Congresso de *Scienças Sociales*, da «Revista Diplomatica e Política», como da «Revista de Direito International», sendo igualmente autor de diversos trabalhos, que a critica*

recebeu com entusiasmo. É um moço eloquente, de larga actividade, que vae vencendo a golpes de talento.

O anno passado, quando os *foot-batters* brasileiros, de volta do Chile, foram insultados, em Buenos-Aires, por um periodico clandestino, em mãos de meia duzia de pasquinos analphabetos e mal-educados, a voz de protesto que primeiro se ergueu foi a do dr. Enrique Loudet, que, no seio da *Escola de Diplomacia*, falou em energico desagravo á Familia Brasileira.

É um apaixonado amigo do Brasil, possuidor de varios titulos honorificos, como os de Socio Correspondente do «Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros», do «Atheneu da Republica de S. Salvador», das Federações de Estudantes do Brasil e do Perú, da Sociedade Juridico-Literaria, de Quito, no Equador, e agora mesmo, em sessão solemne realizada no «Instituto Historico e Geographico Brasileiro», acaba de ser accamado seu Sub-Secretario Geral.

O notavel trabalho que, em outro local, publicamos, expressamente escripto para «*Arvore Nova*», é prova bastante do valor desse moço tão amigo da nossa patria e a quem o Brasil e a Argentina muito devem pela nobilissima obra de confraternização que vem realizando, para um melhor entendimento entre os dois povos vizinhos.

Saudando o illustre dr. Enrique Loudet, que é, por sem duvida, uma das mais bellas florações da intelligencia argentina, os moços da «*Arvore Nova*» extendem sua mão amiga á grande nação vizinha a quem *tudo nos une e nada nos separa*, na phrase immortal do saudoso vulto sul-americano que foi Saenz Peña.

* * *

Antes de deixar o Brasil, de regresso á sua patria, o dr. Enrique Loudet aceitou o cargo de nosso Correspondente Especial em Buenos-Aires.

HA CEM ANNOS...

O Brasil commemora presentemente a mais gloriosa de suas datas historicas, — a da sua definitiva inclusão no gremio das nações livres. Governo, povo, imprensa, instituições de todos



D. PEDRO I

os generos se congregaram para o mais vivo esplendor da grande festa de alegria que para nós representa a commemoração triumphal. E outros povos illustres do Planeta vieram trazer-nos a saudação fraterna do seu regosijo, que indica o quanto já merecemos na admiração alheia por tudo o que realizamos nestes primeiros cem annos de vida independente.

«*Arvore Nova*», ainda a braços com as dificuldades de sua organização, não pôde, como era seu desejo, aparecer em numero especial commemorativo, a exemplo do que fizeram quasi todas as suas congeneres. Não é menor, por isso, o entusiasmo com que se associa ao sentimento de orgulho que faz vibrar a alma brasileira nos dias que vão correndo. E aqui depõe tambem o seu voto de esforço cada vez mais energico pela grandeza do Brasil, esforço que, na sua esphera, desenvolverá como um apostolado de dever e amor extremos.

Como modesta contribuição á commemoração geral, estampamos abaixo alguns documentos certamente do mais alto interesse historico, e relativos todos ao periodo cujo primeiro centenario agora festejamos, e comosco o mundo, na mais viva expansão de júbilo e carinho.

Froclamação de 8 de Setembro

Honrados paulistanos!

O amor que eu consagro ao Brazil em geral e á vossa província em particular, por ser aquella que, perante mim e o mundo inteiro, fez conhecer, primeiro que todos, o sistema machiavelico, desorganizador e faccioso das Cortes de Lisbôa, me obrigou a vir entre vós fazer consolidar a fraternal união e tranquillidade, que vacillava, e era ameaçada por desorganizadores, que em breve conhecereis, fechada que seja a devassa á que mandei proceder. Quando eu, mais que contente, estava junto de

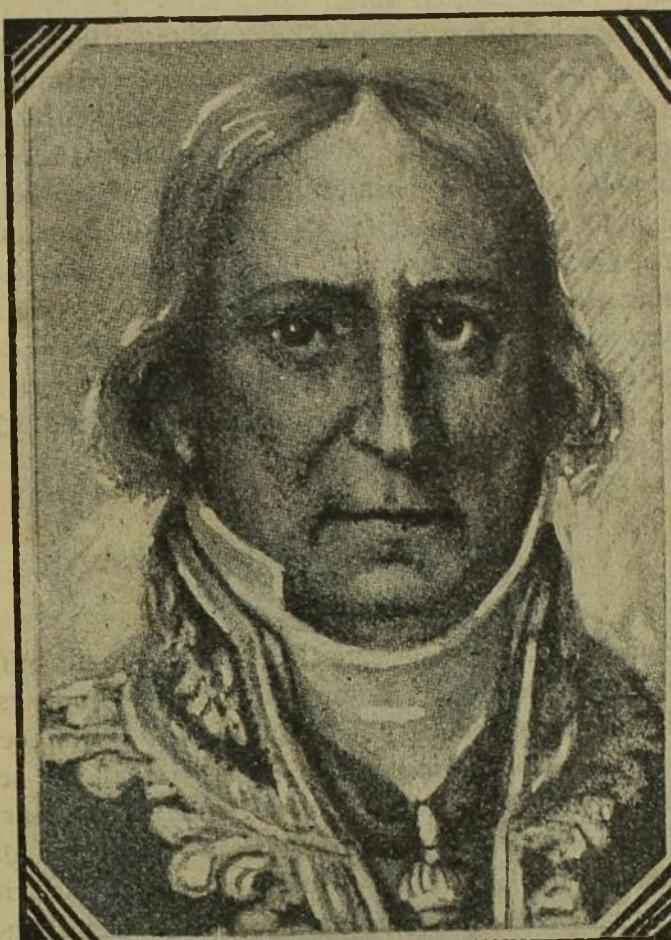
vós, chegão noticias que de Lisbôa os traidores da nação, os infames Deputados, pretendem fazer atacar ao Brazil, e tirar-lhe do seu seio o seu Defensor; cumpre-me, como tal, tomar todas as medidas que minha Real imaginação me suggerir; e para que estas sejão tomadas com aquella madureza que em tæs crizes se requer, sou obrigado, para servir ao meu ídolo, o Brazil, a separar-me de vós (o que muito sinto), indo para o Rio, ouvir meus Conselheiros, e providenciar sobre negócios de tão alta monta. Eu vos asseguro que causa nenhuma me poderia ser mais sensível do que o golpe que minha alma sofre, separando-me de meus amigos Paulistanos, a quem o Brazil, e eu devemos os bens que gozamos, e esperamos gozar de huma Constituição liberal e judiciosa. Agora, Paulistanos, só vos resta conservardes união entre vós, não só por ser esse o dever de todos os bons Brazileiros, mas também porque a nossa patria está ameaçada de sofrer uma guerra, que não só nos ha de ser feita pelas tropas que de Portugal forem mandadas, mas igualmente pe'los seus servis partidistas, e vis emissários que entre nós existem, atraíçoando-nos. Quando as autoridades vos não administrarem aquella justiça parcial, que dellas deve ser inseparável, representai-me, que eu providenciarei. A divisa do Brazil deve ser — Independencia ou Morte. — Sabei que, quando trato da causa publica, não tenho amigos, e validos em occasião alguma.

Existi tranquillos: acautelai-vos dos facciosos sectarios das Côrtes de Lisbôa; e contai em toda occasião com o vosso Defensor Perpetuo. Paço, em 8 de Setembro de 1822. — Principe Regente.

Proclamação de 8 de Setembro de 1822

As convulsões políticas que ameaçavão esta Província, fizerão huma impressão tal em meu coração, que amo verdadeiramente o Brazil, que me obrigarão a vir entre vós fazer-vos conhecer qual era a liberdade de que erais senhores, e quem erão aquelles que a proclamão á seu modo para extorquirem de vós riquezas, não lembrados que vós não serieis por muito tempo soffredores de semelhantes despotismos. Raiou, em fim, a liberdade, conservai-a. Razões politicas me chamão á Corte. Eu vos agradeço o bom modo com que me recebestes, e muito mais o terdes seguido o trilho que vos mostrei. Conheci os mágicos, fugi delles. Se entre vós alguns quizerem (o que eu não espero) empregar novas causas que sejão contra o sistema da união Brazileira, reputai-os imediatamente terríveis inimigos, amaldiçoai-os e accusai-os perante a justiça, que será prompta a descarregar tremendo golpe sobre os monstros que horrorizão os mesmos monstros. Vós sois

Constitucionaes e amigos do Brazil, eu não menos. Vós amais a liberdade, eu adoro-a. Fazei por conservar o socego na vossa Província, de que me aparto saudoso. Uni-vos comigo, e desta união vireis a conhecer os bens que resultão ao Brazil, e ouvireis a Europa dizer: o Brazil he que he grande e rico, e os Brazileiros he que souberão conhecer os seus verdadeiros direitos e interesses. Quem assim vos fala deseja a vossa fortuna, e os que isto contradisserem amão só o vil interesse pessoal, sacrificando-lhe



JOSÉ BONIFACIO

o bem geral. Se me acreditardes seremos felizes, quando não grandes males nos ameação. Sirvamo-nos de exemplo a Bahia. — Principe Regente.

Decreto de 18 de Setembro

Havendo o Reino do Brazil, de quem sou Regente e Perpetuo Defensor, declarado a sua emancipação política, entrando a ocupar na grande família das nações o lugar que justamente lhe compete, como nação grande, livre e independente; sendo por isso indispensável hum escudo real d'armas, que não só se distingão das de Portugal e Algarves, até agora reunidas, mas que sejão características deste rico e vasto Continente; e desejando eu que se conservem as armas que a este Reino forão dadas pelo Senhor Rei D. João VI, meu augusto Pae, na Carta de lei de 13 de Maio de 1816; e ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fora

imposto no seu feliz descobrimento, e honrar as 19 Provincias, comprehendidas entre os grandes rios que são os seus limites naturaes, e que formão a sua integridade que eu jurei sustentar: hei por bem, e com o parecer do meu Conselho de Estado, determinar o seguinte: — Será, d'ora em diante, o escudo d'armas deste Reino do Brazil em campo verde huma esphera armilar de ouro, atravessada por huma cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma esphera de 19 estrellas de prata em huma azul; e firmada a corôa Real diamantina sobre o escudo, cujos lados serão abraçados por 2 ramos das plantas de café e tabaco, como emblemas da sua riqueza commercial representados na sua propria cor, e ligados na parte inferior pelo laço da nação. A bandeira nacional será composta de hum paralelogramo verde, e nelle inscripto hum quadrilatero rhomboidal cõr de ouro, ficando no centro deste o escudo das armas do Brazil. José Bonifacio de Andrada e Silva, etc. Paço, em 18 de Setembro de 1822. — Com a rubrica de Sua Alteza Real o Principe Regente. — José Bonifacio de Andrada e Silva.

Decreto de 18 de Setembro

Convindo dar a este Reino do Brazil hum novo tópe nacional, como já lhe dei hum escudo de armas: hei por bem, e com o parecer do meu Conselho de Estado, ordenar o seguinte: o laço, o tópe nacional braziliense, será composto das cõres emblematicas — verde de primavera e amarelo d'ouro — na forma do modelo annexo a este meu decreto. A flôr no braço esquerdo, dentro de hum angulo d'ouro, ficará sendo a divisa voluntaria dos patriotas do Brazil que jurarem o desempenho da legenda — Independencia ou Morte — lavrada no dito angulo. José Bonifacio de Andrada e Silva, etc. Paço, 18 de Setembro de 1822. — Com a rubrica de Sua Alteza Real o Principe Regente. — José Bonifacio de Andrada e Silva.

Decreto de 18 de Setembro

Podendo acontecer que existão ainda no Brazil dissidentes da grande causa da sua Independencia Politica, que os povos proclamaram, e eu jurei defender, os quaes, ou por crassa ignorancia, ou por cego fanatismo, pelas antigas opiniões, espalhem rumores nocivos á união e tranquillidade de todos os bons Brasileiros; e até mesmo ousem formar proselytos de seus erros; cumpre imperiosamente atalhar ou prevenir este mal, separando os perfidos, expurgando delles o Brazil, para que as suas

acções e a linguagem das suas opiniões depravadas não irriteem os bons e leaes Brasileiros, a ponto de se apear a guerra civil, que tanto me esmero em evitar; e porque eu desejo sempre alliar a bondade com a justiça e com a salvação publica, suprema lei das nações: hei por bem, e com o parecer do meu Conselho de Estado, ordenar o seguinte: — Fica concedida amnistia geral para todas as passadas opiniões politicas, até a data deste meu real decreto, excluidos todavia della aquelles que já se acharem presos, e em processo; todo o Portuguez Européo, ou o Brazileiro que abraçar o actual sistema do Brazil, e estiver prompto a defendê-lo, usará por distinção da flôr verde dentro do angulo de ouro, no braço esquerdo, com a legenda — Independencia ou Morte. — Todo aquelle, porém, que não quiser abraça-lo, não devendo participar com os bons Cidadãos dos beneficios da sociedade, cujos direitos não respeite, deverá sahir do lugar em que reside, dentro de 30 dias, e do Brazil, dentro de 4 mezes nas Cidades centraes, e 2 mezes nas maritimas, contados do dia em que fôr publicado este meu real decreto nas respectivas Províncias do Brazil em que residir, ficando obrigado a sollicitar o competente passaporte. Se, entre tanto, porém, atacar o dito sistema e a sagrada causa do Brazil, ou de palavra, ou por escripto, será processado sumariamente, e punido com todo o rigor que as leis impõem aos réos de lesa nação, e perturbadores da tranquillidade publica. Nestas mesmas penas incorrerá todo aquelle que, ficando no Reino do Brazil, commetter igual attentado. José Bonifacio de Andrada e Silva, etc. Palacio do Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1822. — Com a rubrica de Sua Alteza Real o Principe Regente. — José Bonifacio de Andrada e Silva.

Decreto de 20 de Setembro

Sendo, além de dispendioso, impropios para o Clima do Brazil os uniformes dos meus criados: hei por bem que, da data deste meu real decreto em diante, sejam os referidos uniformes regulados da maneira seguinte: — As fardas pequenas se comporão de casacá verde direita, mas não de corte; canhões e gola com bordadura do padrão antigo das fardas pequenas; calção, meias e colete branco; chapéo sem galão, presilha de ouro, e espadim ao lado com boldrié de cinto: as fardas grandes terão igual feitio e bordadura do mesmo padrão; porém, as nove casas dos botões da frente serão bordadas na mesma igualdade das dos canhões, além de outras nove casas que lhes correspondão em simetria na mesma frente; assim como huma pequena flôr no fechar das abas; e o

chapéo sem galão, e plumas brancas. Os meus Creados de galão de ouro não terão mais de huma farda, da mesma cor e fôrma, de canhões gola das suas respectivas fardas pequenas; calção, meias e colete branco; espadim; e chapéo sem plumas nem galão: o que tudo se acha designado no figurino que se fará público a este respeito; podendo igualmente, ser admittido o uso de botas e de calças brancas. José Bonifácio de Andrada e Silva, etc. Paço, em 20 de Setembro de 1822. — Com a rubrica de Sua Alteza Real o Príncipe Regente. — José Bonifácio de Andrada e Silva.

Decreto de 23 de Setembro

Querendo corresponder á geral alegria desta Cidade, pela nomeação dos Deputados para a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, que ha de lançar os gloriosos e inabalaveis fundamentos do Imperio do Brazil: hei por bem que cesse e fique de nenhum effeito a devassa a que mandei proceder na Província de S. Paulo, pelos successos do dia 23 de Maio passado, e outros que a este se seguirão; pondo-se em liberdade os que estiverem presos, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, et. Palacio do Rio de Janeiro, em 23 de Setembro de 1822. — Com a rubrica de Sua Alteza Real o Príncipe Regente. — Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Provisão de 25 de Setembro

D. Pedro de Alcantara, et. Faço saber a vós, Ouvidor da Comarca da Ilha de Santa Catarina, que, sendo-me presentes, em consulta da Mesa do Desembargo do Paço, as queixas de Francisco Xavier da Fraga, Alcaide da Villa de Nossa Senhora do Desterro dessa Ilha, contra o ex-Governador da mesma Ilha, João Vieira Tovar e Albuquerque; sobre o que mandei informar o então Ouvidor da respectiva Comarca, e o mesmo ex-Governador supplicado, colligindo-se e apurando-se de tudo os seguintes factos: 1º o bando, publicado em Março de 1819, por ordem do ex-Governador supplicado, para cortar os pastos communs da dita Villa e seus arredades, e reservá-los para os cavallos do regimento de cavalleria de milicias, ainda por causa do arrumamento no faustissimo dia 13 de Maio, com a pena hostil da tomada do gado encomiado, da arrematação delle, e da disposição do preço delle a seu arbitrio, contra a lei do liv. 5º, tit. 91, e a do liv. 1º, tit. 66 § 13, em quanto tornou por força a jurisdição da Camara, no provêr as posturas conforme ao

§ 28, a quem o mesmo supplicado, para obter os pastos necessarios ao regimento, devia requerer na fôrma da lei do liv. 2º, tit. 50, e ordens posteriores; 2º, entre outras, a affectiva aprehensão, arrematação, e arbitaria disposição do preço de hum cavallo, pertencente ao supplicante, como incursão na referida pena, cuja violencia he punida severamente pelo artigo 18 dos de Guerra, embora fosse o preço para os soldados; 3º, o castigo de gonilha, mandado pelo supplicado dar a hum Official de Justiça, publicamente no corpo da guarda, em 17 de Setembro do sobreditó anno, façanha arbitaria do mesmo supplicado, que antes parece feita em odio do officio, do que da pessoa do offendido que o escrevia; 4º, outra offensa e injuria contra o Juiz pela ordenação, Francisco Borges de Castro, a quem o supplicante mandára avisar do castigo antecedente, em occasião que o bom Juiz ia advogar pela inocencia do seu official, facto este insultuoso ao Juiz, e não menos escandaloso ás pessoas da governança e povo da Villa; 5º, o castigo de chibatadas em 2 soldados, se ambos o erão. Pedro Rodrigues e Ignacio de Oliveira, que



PADRE DIOGO ANTONIO FEIJO

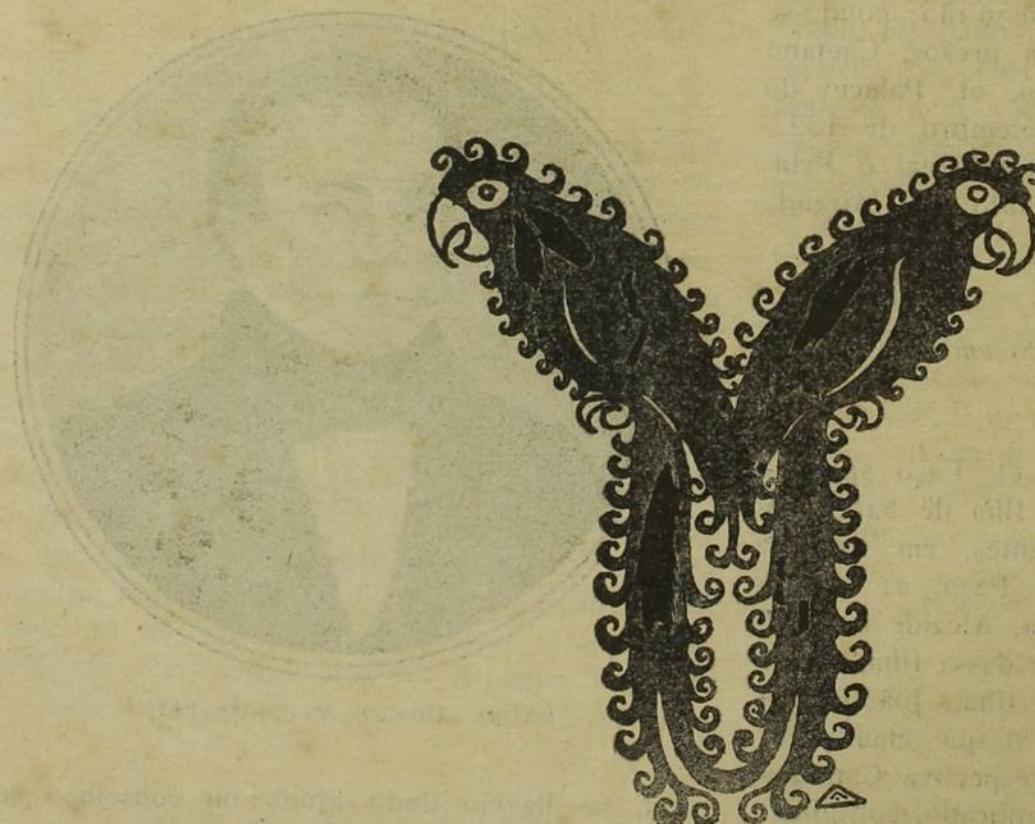
pois, se havião dado ajuda ou conselho para deserções, só lhes devião ser impostos os correspondentes, por sentença do Conselho de Guerra, na fôrma do artigo 14 dos de Guerra; 6º, a ingerencia e intromettimento nos negócios da Justiça, com o pretexto de ser Juiz de Paz, que, para conciliar os litigantes e concorda-los em suas dissensões, he só a autoridade civil, advertida na lei do liv. 3º, tit. 20, § 1º; 7º, outros procedimentos de semelhantes qualidades em menoscabo da Justiça, desprezo e ultrage dos officiaes dellas, e prejuizo no rendimento de seus empregos, de prizões arbitrárias e de potencia a mulheres brancas e de côres, de cujas prizões

se queixou o supplicante que lhe prohibia levar carceragem. E por quanto, tão escandalosos e irregulares procedimentos do referido ex-Governador, João Vieira Tovar e Albuquerque, devem ser especificamente indagados para se conhecêrem, e se lhes dar a merecida imputação, havendo lugar a formação de culpa; e conformando-me com o parecer da mencionada consulta, em que foi ouvido o Desembargador Procurador da Corôa e Fazenda: hei por bem, por minha immediata resolução de 28 de Novembro do anno proximo passado, determinar-los tireis devassa sobre os referidos factos e procedimentos irregulares do dito ex-Governador supplicado, para se tomar delles conhecimentos em Conselho de Guerra. Cumprí-o assim. O Príncipe Regente o mandou por seu especial mandado pelos Ministros abaixo assignados, do Conselho de sua Magestade e seus Desembargadores do Paço. Henrique Anastacio de Novaes a fez no Rio de Janeiro, a 25 de Setembro de 1822. — José Caetano de Andrade Pinto a

fez escrever. — José Albano Fragoso. — Clemente Ferreira França.

Decreto de 29 de Setembro

Tendo, pejo meu real decreto de 20 do corrente mez, reservado a cõr verde para as casacas, capotes e reguingotes das librés da minha real casa: hei por bem ordenar que, d'ora em diante, nenhum particular possa mais usar da dita cõr nas librés dos seus criados, excepto em canhões, forros, meias e vestias; declarando, porém, que, por este meu real decreto, não fica derogado o especial privilegio de que gozão as pessoas com quem tenho devido, de usarem da cõr verde nas librés de seus criados. José Bonifacio de Andrade e Silva, etc. Palacio do Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1822. — Com a rubrica de Sua Alteza Real o Príncipe Regente. — José Bonifacio de Andrade e Silva.





ARTE

O EXPRESSIONISMO

Os movimentos modernistas tendentes a substituir e de certo modo continuar as formas persistentes da arte, já caducas e carunchosas, têm-se estendido nestes últimos 10 anos por todos os países civilizados mesmo os da América Latina.

Ainda agora assistimos ao surto no Uruguai dos ultraistas, com o poeta Alexis Delgado. Entre nós o grupo extremista de Klaxon tem escandalizado alguns homens ingenuos e os 28.000.000 de imbecis que ainda existem em nosso paiz.

De nenhuma nação se pôde dizer tanto como da Alemanha que nella o movimento modernista tenha conquistado toda uma elite intelectual. Ha doze annos que a revista *Die Aktion* e mais *Die Sturm* se têm batido por essa victoria.

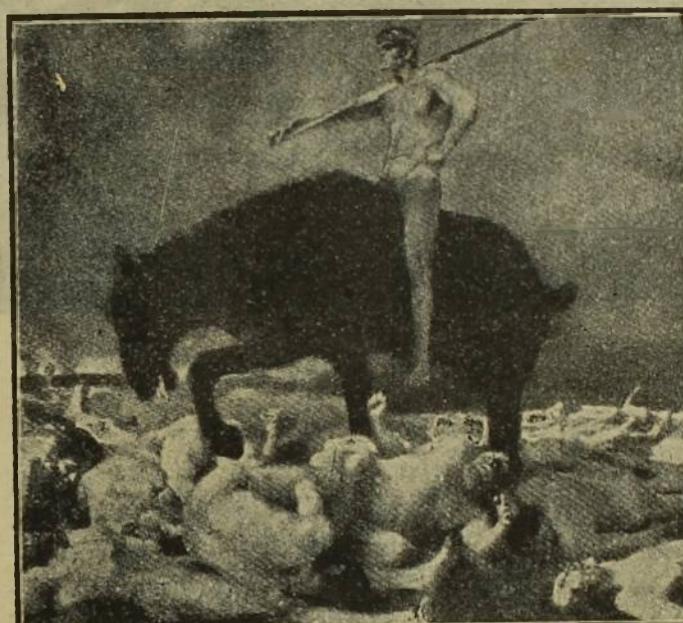
Em 1909 um grupo de artistas italianos capitaneados por Marinetti começou a lançar manifestos estabelecendo dessa maneira as bases do movimento futurista.

A Europa enriquecera-se de mais uma grande sensação, diz Kasimir Edschmid. Na Alemanha o primeiro adepto da nova escola foi Georg Grosz seguido logo por Alfred Döblin. Ao mesmo tempo as revistas de arte reproduziam quadros de Cezanne, Matisse, Picasso e R. de la Fresnaye.

Em musica Schönberg começava a tomar equilíbrio. Em artes plásticas ainda dominava o impressionismo. A luta e a reviravolta foram portanto muito maiores do que se pôde supor. André Lhote definiu muito bem o impressionista como «um homem que não tem memória». A frase de Barrès é typica: «MAS EU PROPRIO NÃO EXISTIA MAIS, EU ERA SIMPLEMENTE A SOMMA DE TUDO QUANTO EU VIA».

Hermann Bahr define o impressionista como o homem rebaixado à categoria de gramophone do mundo exterior. Falta portanto a esse homem o que os alemães chamam *Das Auge des Geistes* quer dizer o fundamento do expressionismo, a escola que acabaria por dominar toda a Alemanha. Começam por importar dois artistas quasi geniaes, ambos russos, Marc

Chagall e Wassily Kandinsky. O primeiro, de uma simplicidade comovente e de uma imaginação espantosa realisa o tipo completo do artista moderno. Kandinsky por outro lado não admite a representação em pintura e considera

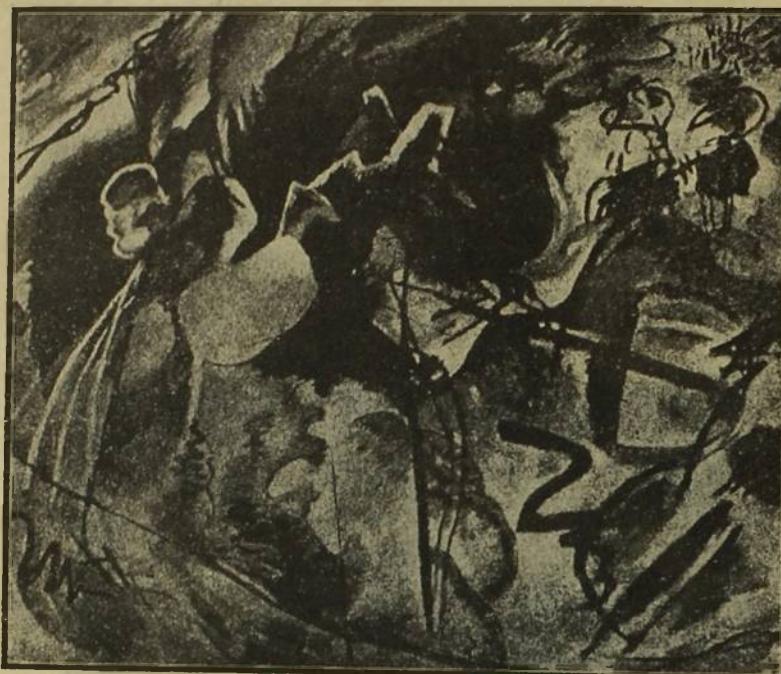


FRANZ VON STUCK — A GUERRA

elemento pictural a idealização no abstracto. Max Pechstein, Emil Nolde, Heinrich Campendonk e Franz Marc acompanham de longe os fauvos e os cubistas franceses assim como os russos. Paul Klee, o mais interessante de todos imita os desenhos infantis com uma graça e um vigor extraordinários lembrando pela ingenuidade certos desenhos do russo Larionov ou mesmo de Georg Grosz. Todos esses elementos tão complexos e tão diversos entre si contribuiram poderosamente para a criação de uma nova tendência e, o que é incontestável deante da anarchia em que as cartas do sr. Vauxcelles coligiram a moderna pintura francesa, a mais legítima entre as actuais tendencias.

Ivan Goll procura resumir em poucas palavras o ideal do expressionismo considerado não apenas como uma simples forma literária e pictural mas como todo um novo sistema de vida que terá suas repercussões tanto em filosofia como em sociologia.

«O Expressionismo», diz elle, «é a generalização da vida baseada na influencia puramente espiritual. Trata-se de dar a todos os actos humanos uma significação superhumana, e mesmo uma tendencia para a divinização. O Expressionismo chega no momento em que as religiões decaem e em que decae o pantheismo dos poetas; em oposição a nossa época que é a mais materialista e a mais vil de todas, cada ser sen-



KANDINSKY — QUADRO COM FUNDO BRANCO

sitivo sente a necessidade de uma nova fé, de uma profunda emoção interior. E é justamente isso que lhe proporciona o Expressionismo».

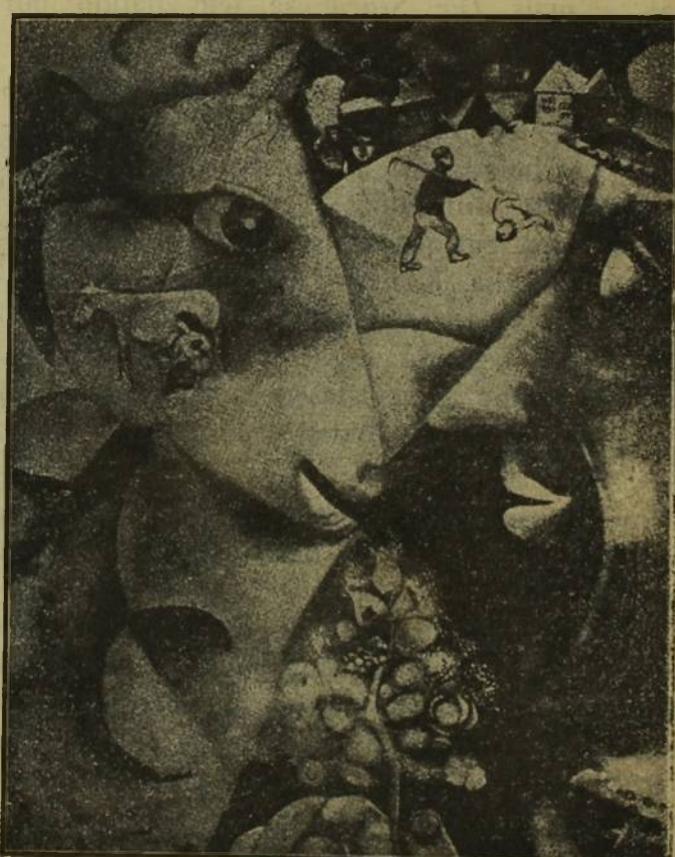
A tendência dos expressionistas para o irreal, o abstracto, o exótico resumiu-a Edschmid num simples epígrafe: «O mundo está aqui; seria absurdo repetil-o».

A literatura dos expressionistas está toda ella de acordo com essa teoria. Um critico norte-americano recentemente declarava que o problema do drama do futuro é fugir ao realismo sem voltar as costas ao mundo.

Esse preceito é seguido pelo proprio Edschmid em suas novelas publicadas em *Die Fürstin*, *Timur* e *Die Sechs Mundungen*. A literatura dramática expressionista é a que, no entanto, conserva maior numero de qualidades próprias. Leia-se por exemplo a peça de Georg Kaiser, *Von Morgens bis Mitternachts*. Difficilmente se imagina o mundo de sensações novas e imprevistas que o autor consegue nos transmitir através das cento e poucas páginas de que se compõe a sua peça. Publicada pela primeira vez em 1916 foi representada sucessivamente em Berlim e Londres e depois filmada na Alemanha. Kaiser tem muitas outras obras publicadas, como *Europa*, *Die Versuchung* e *Die Koralle*. Nenhum ao que me conste, alcançou o sucesso do *Von Morgens bis Mitternachts*. Paul Kornfeld outro dramaturgo de valor e

cheio de affinidades espirituais com Georg Kaiser é o autor das *Legende* e da tragedia *Die Verföhning* escripta há nove annos e de que ainda hoje se tiram novas edições. Fritz von Unruh dá-nos dois livros durante a guerra ambos sobre a vida das trincheiras, a novella *Opfergang* e o drama *Otziziere*. É um dos escriptores mais vigorosos da nova geração alema. O pintor Oskar Kokoschka, autor do celebre retrato de Rudolf Blümner é um poeta dramático de valor incontestável.

Entre os poetas lyricos um dos mais notáveis é August Stramm morto durante a guerra. Seus poemas caracterisam-se pelo espirito synthetic que denotam. Lembram até certo ponto os Tankas e Haikais japonezes. Edschmid compara-os aos instrumentos javanezes, ás danças de bar e ás canções africanas. Franz Werfel com o seu humanitarismo doloroso realiza na Alemanha, em ponto menor, um papel semelhante ao de Romain Rolland na França. Alfred Wolfenstein canta a vida moderna em todos os seus inumeros aspectos. As locomotivas, os automoveis, as cidades tentaculares, os aeroplanos, o steeple-chase, os cinemas são os seus motivos predilectos. Johannes Becher é hoje o poeta da revolução. Desde 9 de novembro, declarou-se comunista e hoje canta invariavelmente Lenine e a revolução russa.



MARC CHAGALL — EU E A ALDEIA

Em synthese o movimento expressionista alemão, hoje francamente vitorioso é uma das tendencias mais poderosas e mais legítimas da arte moderna.

SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA.



Livro...

Dario Vellozo — «Missão social do Brazil» — «Symbolos e Miragens». — Coritiba, 1922.

Do velho e querido Mestre da mocidade paranaense e illustre pensador patrício tivemos ultimamente mais dois livros de alto e generoso pensamento idealista. «Missão social do Brazil», é ligeiro opusculo contendo a conferencia realizada nos salões do Club Coritibano a 4 de Junho do corrente anno. É por demais conhecida a concepção de Dario Vellozo a respeito dos profundos destinos da patria brasileira, que elle visiona através de maravilhoso e confortador optimismo. «Semear a Paz», escreve o Mestre, é semear a vida. Ideal hiper-nacionalista: nosso, mui nosso; ideal da Terra Brazileira que a todos acolhe e abriga; ideal da alma brazileira que a todos conforta, ama e redime».

E adiante:

«Porque sejamos humanos, não deixaremos de ser Brazileiros. Melhor o seremos. O Orbe não annula a patria, como a patria não annula a familia. A familia integra-se na patria; as patrias integram-se no Orbe. Integração não é anniquilamento; é harmonia. A Harmonia é a excelsa maravilha do Kosmos. O Brazil é a patria da Humanidade. Sejamos Brazileiros! Mas, Brazileiros á altura da nossa directriz, do nosso ideal, da sublime capacidade de amar, — suprema significação do Homem na Terra e no Universo».

A palavra de Dario Vellozo é sempre como uma chamma clara de lareira, em meio á rúde invernia.

«Symbolos e Miragens» é um livro de arte, de meditação, de sofrimento e de saudade. Encerra algumas das mais bellas paginas de Dario Vellozo até hoje, e é, dos seus volumes de presa, talvez o que melhor revele a complexa psychologia do escriptor. Compõem-no dez trabalhos diferentes, com estes titulos suggestivos: Na vertigem do anniquilamento; A cabana fellah; Pagina antiga; Biblia da tortura; Regina cœli; Psykê; Pela flor do lotus; A luz do Nirvana; Mansão dos Amigos; Althair.

O livro todo é um Kosmorama de sonho.

Pelas suas paginas desfilam, numa teoria suave, os idéas do artista, os seus reconditos desejos de felicidade e de belleza espiritual, impressionantemente desenhados como se fossem viva realidade presente. Dario vive apartado da rúde realidade quotidiana, perdido no encantamento do seu próprio espirito; e é a historia de suas horas maravilhosas de recoñimento e solidão que elle nos transmitte nestas paginas, deliciosas e profundas — para os que as souberem sentir e comprehendêr.

Jackson de Figueiredo — «Pascal e a inquietação moderna». — Rio, 1922.

«Pascal e a inquietação moderna», de Jackson de Figueiredo, é um livro profundo e admirável, na mais ampla significação destes adjetivos. Em poucas paginas de literatura brazileira vibra tão altamente, como neste volume, o tumulto de nosso mundo interior, e poucas indicam tão claramente as possibilidades maiores de nosso joven espirito de povo. Jackson de Figueiredo é, hoje, a mais bella expressão do pensamento catholico brazileiro e, não obstante a sua orthodoxia doutrinaria, um dos leaders mais prestigiosos e escutados da nova geração. Seu alto dynamismo espiritual é força viva e fecunda no Brazil de nossos dias, e ao tumulto, á claridade e á belleza extrema de sua intelligencia já vae devendo muito e ainda mais deverá no futuro a mentalidade nacional.

Sei que a nova obra de Jackson de Figueiredo está sendo traduzida em francês, o que é motivo de profundo regozijo para nós; irá esta obra attestar lá fóra a profundeza e a complexidade que caracterizam o pensamento novo no Brazil.

Tristão de Athayde — «Affonso Arinos». — Rio, 1922.

Tristão de Athayde fez-se, pelas columnas de «O Jornal», um nome respeitado de critico antes de publicar a sua primeira obra, — esta que apparece agora irradiando tão pro-

funda sympathia e reaffirmando a forte capacidade de intelligencia do joven escriptor.

Os livros como este sobre Affonso Arinos são dos que melhores serviços prestam á nossa mentalidade. A falta de maior numero delles é que deveinos a inconsistencia de nossa tradição espiritual, cheia de bruscas interrupções e sem forte acção orientadora sobre as gerações intellectuaes que successivamente vão surgindo. Precisamos conhecer mais fundamente a historia de nosso espirito afim de melhor nos integrarmos no sentimento collectivo. Só assim poderemos fazer obra characteristicamente nossa, obra reveladora e diferenciadora que marcará nosso lugar no concerto dos povos.

O volume com que Tristão de Athayde nos presentea é valioso sob varios pontos de vista. Antes do mais porque fixa definitivamente o perfil espiritual de linhas tão limpidas e formosas do notavel escriptor sertanista que tão bellas paginas nos legou. Sabendo o que foi a individualidade viva de nossos artistas mortos é que poderemos integralmente amal-os e comprehendel-os. Tristão de Athayde põe-nos diante dos olhos a figura inquieta e admiravel de bondade e intelligencia de Affonso Arinos, explicando-nos a obra pelo homem e acordando-nos para a serena belleza de muitas de suas paginas.

Outra face preciosa do volume é a que diz respeito á historia do movimento sertanista em nossas letras, certamente dos mais significativos que tenhamos a registar. O quadro que Tristão de Athayde nos apresenta foi feito com notavel precisão de linhas e é trabalho tambem definitivo. Ha ainda a notar a clareza e simplicidade de estylo e a justeza de visão com que o joven autor expõe seu pensamento, dando-nos neste livro cheio de qualidades raras um attestado vigoroso de sua invejavel capacidade de critico e escriptor.

Galeão Coutinho — «O semeador de peccados». — Santos.

Galeão Coutinho parece-me, neste livro, um temperamento legitimo de escriptor de largas possibilidades, mas ainda não se tendo encontrado inteiramente consigo mesmo, isto é, ainda não tendo achado o seu caminho proprio. O trabalho inicial do volume e o que o encerra revelam pulso vigoroso, notavel capacidade de observação e evocação e muita força expressiva. São, no entanto, de generos tão diversos e patenteiam influencias tão oppostas que levam o leitor inevitavelmente áquella conclusão. O primeiro é filho quasi directo de lecturas de Fialho. A maneira é a mesma, o espirito geral do assumpto, o mesmo. Já no se-

gundo, o escriptor apparece transfigurado, mais puro no seu commovido sentimento e incomparavelmente mais nobre na sua attitude espiritual. Direi mesmo que esse trabalho final do volume, como realização artistica propriamente, e como indice da vida interior do joven belle-tista, é grandemente significativo. De entre as paginas de evocação de eras passadas, que coñecho em nossa literatura, é certamente das mais bellas e suggestivas.

Paulo Gonçalves — «Yára». — Santos, 1922.

Bastariam os sonetos que compõem o poema intitulado *Dirceu e Marilia*, deste livro, para consagrarem Paulo Gonçalves poeta dos mais finos e inspirados da geração que surge. É deliciosa a sua musica e são deliciosos os seus assumptos. Mas o melhor elogio que se possa fazer a um poeta como este é transcrever-lhe os versos. Leia-se esta pequenina obra prima, com que Paulo Gonçalves inicia aquelle poema:

O encontro

A nossa terra, então,inda é colonia lusa.
Villa Rica. Manhã esplendente e sonora.
De anquinhas e bandós, tal a moda que se usa,
Dorothéa demanda a capella de outróra.

Gonzaga é, nesse tempo, um trovador sem musa.
Vae passando, talvez a sonhal-a, nessa hora,
No milagre do encontro, ella pára, confusa;
Elle sorri, doneando; ella, sorrindo, córa.

Começa nesse instante, inspiradora e pura,
Uma historia de amor tão linda quanto triste,
Em que ha pouca ventura e muita desventura.

Não lamentes, Marilia, as angustias passadas,
Nem maldigas, Dirceu, o momento em que a viste:
A gloria immortaliza as paixões desgraçadas.

E mais este quartetto admiravel:

A velha Villa Rica oireja á luz do occaso.
Um sino, a badalar, melancoliza o poente...
De lá, da profundez do valle escuro e raso,
Vem subindo o sendal da névoa, lentamente.

O poema todo é neste tom e mereceria transcripção integral se não fôra a deficiencia de espaço. Paulo Gonçalves é uma das esperanças mais vivas de nossa poesia nova. Será amanhã, talvez, um mestre.

Heitor Stockler — «Ave, Lusitania!» — Coritiba, 1922.

É um dos muitos poemas commemorativos do arrojado feito dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Heitor Stocker, porém, foi mais feliz do que a maioria dos seus confrades que cantaram o mesmo assumpto. Con-

tem seu poema estrophes de inspiração larga e technica excellente, dignas, por certo, dos vultos que celebram.

Ranulpho Prata — «Dentro da Vida». — Rio, 1922.

O *Triumpho*, novella realista que Ranulpho Prata publicou ha dois ou tres annos atrás, ainda em piena adolescencia, foi a revelação de um escriptor e de um artista do qual tudo havia a esperar. *Dentro da Vida*, tambem novella, agora publicada, é a realização da promessa. Entre a primeira e a segunda dessas obras ha diferenças capitales, no entanto. Em *Dentro da Vida* desapparece o escriptor de these, ainda inexperiente, ingenuo muitas vezes, que conhecemos em *O Triumpho*, para dar lugar ao artista sereno e commovido, desbordante de verdadeiro sentimento e com cùtra mais nobre e alta concepção das coisas.

Ranulpho Prata é um temperamento definido de novellista, e a notavel capacidade de criação que este seu ultimo livro revela poderá desdobrar-se ainda em obras das mais admiraveis que no genero tenhamos produzido. Sua narração é clara, simples e suggestiva, prendendo o leitor de principio a fim num só encantamento. Typos e paisagens, o artista os desenha em traços nitidos e fortes, criando por suggestões successivas, em torno do leitor, o ambiente do seu proprio sentimento, de uma pureza rara.

Mesmo contando coisas simples, quotidianas, vulgares, Ranulpho Prata empolga. É o melhor atestado de sua capacidade criadora.

Alcides Munhoz — «Comedia Paranaense» (1.ª serie) — «Dom Luxo» (comedia) — «Idyllo do Tempo» e «Sabôr do Beijo» (poemas) — «A caridade» (conferencia) — «Trilogia precursora da Independencia Brasileira» (conferencia) — «O cerebro de um Duque» (polemica). — Coritiba, 1922.

São seis volumes differentes que o sr. Alcides Munhoz publica de uma só vez, sendo que o primeiro delles contém cinco comedias, formando alentado tomo de 370 paginas. Os demais são opusculos. Representam estes seis volumes sobre esforço e pertinácia, ainda mais admiraveis porque se exercem na obscura província, longe da comprehensão mais accessivel e dos aplausos estimuladores dos grandes centros cultos do paiz.

Alcides Munhoz, aliás, foi sempre um trabalhador infatigavel. Em sua já extensa bibliographia contam-se, afóra estes livros de ago-

ra, tres romances, dois volumes de polemica contra Sylvio Roméro e varias obras de propaganda do seu Estado natal, algumas das quaes escriptas em francês.

Não são vulgares as suas qualidades de comedigrapho. Percebe-se, contudo, em suas comedias, que o escriptor se resente da falta de um meio mais complexo em que sua observação se enriquecesse e a sua visão se fizesse mais aguda. Como poderia o autor realizar as suas mais altas possibilidades, se não dispõe, no meio em que labuta, desse elemento, para o seu genero essencialissimo, que é um theatro? Em Coritiba existem varias casas de diversões com este nome. Theatro, porém, não é apenas a casa, mas tambem o conjunto de artistas que encarnem as criações do dramaturgo e do comedigrapho, dando-lhes o sopro magico de vida e, assim, satisfazendo as ambições maiores do escriptor. Sem isso, não são possiveis as realizações immorredouras. Salvo a milagrosa exceção do genio.

Adelino Magalhães — «Inquietude». — Rio, 1922.

Mais um livro de contos deste artista bizarro, inquieto e inquietador, tumultuante e incomprehendido, que é Adelino Magalhães; deste artista sobretudo «novo», de notas ás vezes surprehendentes de belleza, ás vezes profundamente chocantes pelo amoralismo do escriptor. «Inquietude» acrescenta algumas linhas ao complexo perfil espiritual de Adelino Magalhães. Revela-nos grotões obscuros de pensamento e inquietações dolorosas de que os volumes anteriores nada nos tinham dito. A pagina intitulada *Hontem*, admirável «symphonia de uma metropole do seculo», pagina desorientadora, vertiginosa, ficará como uma das realizações mais intensas e estranhas de nossa literatura nova. Registe-se aqui, no entanto, mais uma vez, este pensamento que tem sido tantas vezes repetido a respeito de Adelino Magalhães: o joven autor absolutamente nada perderia se eliminasse de sua obra as paginas de franco e puro amoralismo, para não dizer immoralismo; pois a unica função de taes paginas, inuteis para a gloria do artista, é perturbar o sereno julgamento da critica, impedindo-a muitas vezes de perceber a rutila belleza de outras paginas afo-gadas e perdidas no mesmo turbilhão.

Autoriza-me a dizer taes coisas a minha definida admiração por Adelino Magalhães.

T. S.

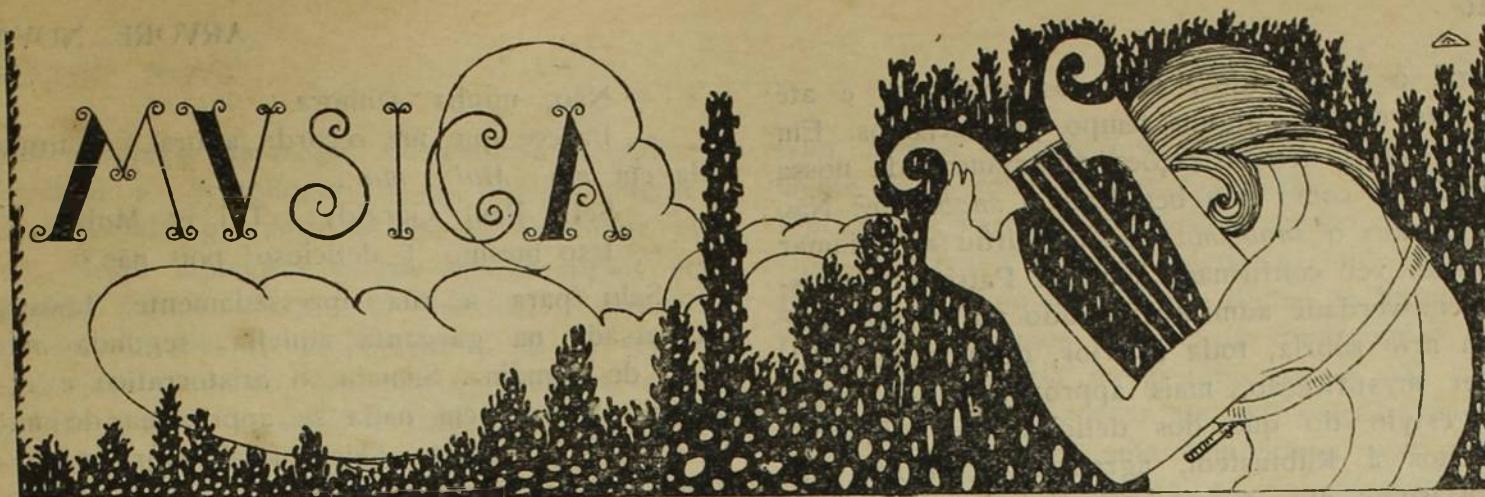
Esta modesta secção bibliographica é, e não poderia deixar de ser, puramente noticiosa. A

analyse demorada das mais importantes obras apparecidas será feita em artigos especiaes, por collaboradores varios de *Arvore Nova*. Não quer isto dizer que os conceitos uma ou outra vez aqui emitidos sejam formulados levianamente, sem profunda convicção. Embora de simples noticiario, esta secção vem firmada por quem assume toda a responsabilidade moral de taes conceitos. *Arvore Nova* não pactúa com a facilidade com que se fazem os mais desbragados elogios a livros e a autores de diminuto ou nenhum valor, quando se traçam noticias que, por não trazerem assignatura, não envolvem responsabilidade de ninguem.

Volumes recebidos:

Raul de Leoni — *Luz Mediterranea*; Hermes-Fontes — *A Lampada velada; Despertar!*; Wellington Brandão — *Deslumbramento de um Triste*; Rocha Pombo — *Historia do R. G. do Norte*; Octavio Sydney — *Tone! das Danaides*; Rodrigo Octavio Filho — *Alamêda Nocturna*; Honório Sylvestre — *Orographia Americana*; Durval de Moraes — *Lyra Franciscana*; Théo-Filho — *Uma viagem movimentada e A grande felicidade*; Gastão Franca Amaral — *As Bellas-Letras*; Saul de Navarro — *Prosas Rebeldes*; Agrippino Grieco — *Fet'ches e Fantoches*; Cesario Martins — *Sciencia do Criterio*; Jackson de Figueiredo — *O pensamento philosophico de Fidelino Figueiredo*.





O NOSSO MEIO MUSICAL E O «SNOBISMO»

Notarão os leitores que emprego nesta chronica muitas vezes a palavra *snobismo*. Ser-lhesá possivel tambem observar, se tiverem a pacien-
cia de ir até o fim, que nem por isso faço
nella jacobinismo, nativismo ou coisa semelhan-
te. Em materia musical, estas ultimas expre-
sões não têm sentido muito definido. Com re-
signação, e alguma intima ironia, talvez até
chegue, nella, a admittir o *snobismo* como um
mecanismo menos máo de importação. Num am-
biente de cultura rarefeito, como o nosso, poucos
importam os processos de adaptação. Em ul-
tima analyse, o problema é assim disposto: ou
ha já uma cultura nossa bastante poderosa para
resistir ás ondulações da moda alienigena em
qualquer terreno, só assimillando desta os ele-
mentos compatíveis com o espirito e a sensi-
bilidade nacionaes, ou essa nossa cultura está
em formação cu por se formar, e nesse caso
não ha desdenhar os alimentos que lhe se-
jam trazidos de fóra; aliás, nem mesmo po-
deremos impedir-lhes a entrada no paiz. De-
mais, o intercambio artistico é hoje, mais do
que nunca, quanto possivel universal, o da arte
musical principalmente. Meu nacionalismo brasi-
leiro não se sente inelindrado com o successo
de um Wagner ou de um Debussy, nem com
a boa acolhida ainda não realizada, mas mereci-
da, que venha a ter aqui Alberto Williams,
o illustre compositor argentino, por exemplo.
É facto auspicioso que, numa terra onde a opinião
geral em materia artistica anda quasi se-
mpre atrazada uns trinta ou quarenta annos, o
publico musical aceite com certa facilidade as
reformas musicaes mais ousadas. Verdade é que
esse publico musical alludido é, aqui como em
quasi toda parte, muito especial e caracteristico.
Compõe-se de profissionaes, de estudantes e de
mundanos, mais uma minoria de amadores e de
meiomanos. Desses, são os amadores e parte
dos profissionaes os que firmam a opinião e a
fazem avançar. Os melomanos e a outra par-
te dos profissionaes formam o elemento con-
servador. Os estudantes e os mundanos dão nu-

mero para a opinião avançada. É ahi que o *snobismo* intervem. A musica favorece o mun-
danismo, proporcionando-lhe oportunidades fre-
quentes e brilhantes de exhibição. Em com-
pensação, o munzano acrescenta, talvez por grati-
dâo, a musica á série das obrigações sociaes. É
de boa educação, melhor: é virtude necessaria
ao munzano interesse e opinião relativamente
á musica. O requinte indispensavel para com-
pletar o *ton*, para accentuar a distincção do
elegante, força-o a affectar requinte tambem em
materia musical, e isso, felizmente, tenho-o obser-
vado, em sentido mais seguro e util do que
nas outras artes. Basta observar a diferença.
Em literatura, o munzano lê Bourget, René
Bazin, Marcel Prévost, D'Annunzio, Gyp, thea-
tro de Kistemaeckers, Bataille ou Sacha Guitry,
poesia de Samain, de Paul Gerald, até alguma
coisa de Gourmont ou Maeterlinck. Tratando-
se de musica, affecta predilecções menos des-
iguaes: Beethoven, Wagner, Chopin, Schumann...
Concorda até, com ares entendidos, que a exe-
cução, logo no inicio do concerto, de algum
trecho de Bach não é desagradavel de se ou-
vir e pôde demonstrar a capacidade technica do
instrumentista. No theatro lyrico, o munzano
prefere ainda *I Pagliacci* e *Aida*, mas fala com
calor de *Werther* e de *Marouf*. Ainda nesse
terreno o *snobismo* salva nossos fóros de ci-
vilizados; ha dois annos o *Parsifal* teve repeti-
ções successivas, a pedido, e o que é si-
gnificativo é que esses pedidos não foram sim-
ples *truc* de emprezario: o publico as recla-
mou effectivamente.

Não ha duvida que de quando em vez a
mascara se despega e o barbaro apparece. Bas-
ta que nos lembremos dos abraços, beijos, em-
fim, da apotheose feita ao distinto e jovem
Rubinstein, pianista de temperamento, mas des-
igual e até descuidado, enquanto que o eminent-
e, mas deselegante Risler interessou unicamente
os amadores esclarecidos e os profissionaes. Foi
tambem o *barbaro* quem deu ás pallidas e vul-
gares composições do talentoso regente Mari-

nuzzi os descabidos, absurdos aplausos e até os *bis* que ha algum tempo presenciamos. Em face dessas demonstrações espontaneas de nossa incultura, como não bendizer o *snobismo*? Não teria sido o *snobismo* que permitiu a Guiomar Novaes ver confirmado em sua Patria o successo em verdade admiravel obtido no estrangeiro? Sua arte sóbria, toda interior, despida de qualquer mystificação, mais approximada do grande estylo do que dos deliciosos e brilhantes effeitos á Rubinstein, agradou totalmente, entusiasmou até, e isso porque, não só aquella interpretação superior por si mesma se impõe, como principalmente porque com tal renome, tão caro ao nosso patriotismo («A Europa curvou-se ante o Brasil, etc.»), a notavel belleza e o vigor da sua arte ficaram para nós mais evidentes e comprehensiveis.

Nunca pude esquecer o arrepiado horror com que escutei as explicações de certa senhora ao sympathico livreiro Briguiet, em elegante francez, a respeito de um livro que procurava. Não se recordava do nome do autor, não attinava com o titulo da obra.

— O senhor deve saber, Sr. Briguiet. É um poeta novo, muito interessante... encantador... está fazendo furor... Olhe: lembra a segunda maneira de Samain. É muito chic... Não percebeu ainda?

— Não, minha senhora.

— Parece que me recordo agora... O titulo fala em *moi. Moi... moi...*

— Será Paul Gerald: «Toi et Moi»?

— Isso mesmo. É delicioso! pois não?

Sahi para a rua apressadamente. Levava atravessada na garganta aquella «segunda maneira de Samain». Samain, o aristocratico e reservado Samain em nada se approxima do autor de «Toi et Moi». Quem falára fôra o *snobismo* e um torvo *snobismo*.

Quando, porém, vejo os dilettantes assistirem os dramas musicaes de Wagner de partitura aberta sobre os joelhos, citarem com autoriade Lavignac e Schuré, empregarem até termos technicos, não me arrepio, nem meu sorriso de ironia é mais ferino e cruel do que o caso requer. Parece-me que tanta affectação de competencia acabará engendrando competencia, e que de tanta applicação fingida rezultará interesse real.

O essencial, que é o contacto directo e constante da arte musical com o publico, já se realiza. Com as outras artes nem sequer isso acontece. Vantagens do *snobismo*...

ANDRADE MURICY.

JUIZOS CRITICOS SOBRE OS SIMPHONISTAS

Haydn

Assimila as sonatas de Felippe Emmanuel Bach, que são imagens mais livres e menos severas que as das suites do celebre João Sebastião Bach, e cria quadros similares para as capellas senhoriaes das quaes é director da musica.

De seu natural alegre, ingenuo e cheio de sol, brotam seductoras obras-primas, que viverão eternamente, sobrevivendo, como todas as producções do verdadeiro genio, ás orientações que se pretendam assignalar.

Mozart

Apparece mais fundamente commovido do que Haydn. Arrastado com maior dureza ao combate da vida, a ponto de seu debil organismo rapidamente resentir-se, mostra Mozart,

com frequencia, em suas composições, a gravidade que aureolou seus dias. A dôce melancolia da «Symphonia em sol menor», a austera severidade da «Symphonia em dó maior», a gravidade magestosa dos dois primeiros tempos da «Symphonia em mi bemol», são traços caracteristicos, estranhos ás obras instrumentaes de Haydn. O valor individual de Mozart, entretanto, manifesta-se sobretudo na opera.

Os accentos que faz resoar na ultima scena de *Don Juan* e em *A flauta magica*, as indicações altamente instructivas que proporciona para o manejo da orchestra em *Figaro*, não se encontram, de modo algum, em suas symphonias.

Beethoven

Em suas duas primeiras symphonias, Beethoven apoia-se tambem em seus predecessores. Se,

por desgraça, houvesse succumbido depois de terminar a «Symphonia em ré maior», ninguem teria podido presentir o que na realidade elle era. Nesse momento surgiu um prodigo: uma grande figura no mundo politico, o primeiro Consul da França enthusiasmou de tal maneira o jovem musico, que este quiz exaltar-o num grande poema musical, e como Athenéa surgiu da cabeça de Zeus, assim a «symphonia heroica» appareceu ante o mundo. Nenhum artista deu um passo de gigante similhante ao que Beethoven logrou, entre sua segunda e terceira symphonias.

Sentiu no fundo de sua alma, que a vida ideal libertada da impureza da humanidade, ou, em outros termos, que a verdadeira vida de um heróe e a completa apreciação de seu valor, não começam senão depois de sua morte. E, com effeito, somente o primeiro trecho de sua symphonia nos mostra o proprio heróe em sua luta e esforço poderoso, na plenitude de sua actividade victoriosa; o segundo trecho murmura, já, a queixa grandiosa sobre a morte do heróe, e no terceiro, *scherzzo* assombrosamente curto, apresenta-nos Beethoven a imagem desses homens que, dia a dia, só se ocupam de si-mesmos, e passam indiferentes e chacoteando, ao lado da grandeza e dos mais altos projectos. Então, no ultimo trecho, os povos acodem em massa de todos os cantos da terra e agglomeram as pedras para elevar ao heróe, bem conhecido agora, um monumento digno dele. Como ousadia de concepção e de execução polyphonica, é essa parte superior ás duas primeiras, e comparada a ella, a fuga final tão admirada da «Symphonia Jupiter», de Mozart, parece um brinquedo de creança. No momento, então, em que caem os andaimes do monumento, resoam os accentos de entusiasmo, os olhos ficam raios de agua e sentem-se calefrios á vista do idolo; os sons que escutamos, proclamam que com esta symphonia a arte musical se emancipou, se transformou numa linguagem que exprime sentimentos que antes parecia não poder traduzir.

Schubert

Recordae-vos da grande «Symphonia em do maior». É possivel que Schubert mesmo não a ouvisse nunca, e vemo-nos obrigados a pensar, cheios de horror, que a houvessemos ignorado por todo o sempre, se Roberto Schumann não a tivesse descoberto, em Vienna, largo tempo depois da morte de Schubert. Como se eleva ante nós com suas quatro partes magistraes! A primeira, cheia de vida, de força exhuberante; a segunda, de um romantismo gi-

tano, com a passagem de trompas maravilhosamente mysteriosa, a que Schumann, com tanta felicidade, chama — *hospede celestial*; o seductor *scherzzo* e o final plethorico de colossal fantasia. Não possue effeito algum de harmonia rebuscada, nenhuma especie de combinações polyphonicas desperta nosso interesse, e, não obstante, essa obra, apezar de ser extraordinariamente extensa para uma symphonia, pois dura uma hora sem interrupção, poude empolgar-nos e impor se á nossa admiração..

Os dois tempos que existem da symphonia em si menor, devem collocar-se, talvez, mais alto ainda que a symphonia em dó maior. Em geral, é uma desgraça, por certo, que um autor não possa concluir a sua obra; no caso desta symphonia, poderia quasi dizer ter sido uma felicidade que ficasse inacabada. O primeiro tempo é de uma grandeza tão tragica, que, excepto Beethoven, nenhum symphonista a alcançou; Schubert mesmo nunca se ergueu a tal altura, excepto em alguns de seus *liedes*. Considero o contra-canto que os violoncellos executam, como uma das inspirações mais magistras que a um musico tenha sido dado expressar. Os accentos, que no primeiro tempo nos produzem a impressão viva de um combate da alma, aparecem no segundo, marcados de uma docura ideal, como se o musico pairasse já na eterna morada. Segundo meu sentir, este final é tão apaziguador, que não experimentei nunca, depois deste segundo triumpho, o desejo de executar uma continuação da obra.

Mendelssohn

Deste se pode dizer que desmente o proverbio: «Nenhum maestro cárdo do céu». Quem compoz a ouverture do *Sonho de uma noite de verão* aos dezessete annos, edade em que os demais mal deixaram as faixas infantis, esse caíu realmente do céu já sendo mestre.

De suas symphonias, duas se mantiveram até hoje: as em «lá maior» e em «lá menor». Ambas devem sua origem ás impressões da natureza, ás quaes era Mendelssohn particularmente sensivel. Por isto é que possuem, sobre a fria symphonia da *Reforma* e sobre a symphonia cantata, a vantagem de haver brotado de um impulso vivaz, e por essa mesma razão produzem no publico effeito mais vivo do que as outras duas, conhecidas sobretudo de nome, hoje em dia, entre as obras que existem...

Das symphonias em questão, dou preferencia á em «lá menor», denominada *A escocesa*. O primeiro tempo, evidentemente da mesma familia da bella ouverture de *A gruta de Fingal*, é cheio de colorido, enquanto que nos outros

tres nunca me pude subtrahir ao sentimento de uma musica um tanto superficial, embora de bella sonoridade. Na symphonia em «lá maior», denominada *A italiana*, tambem prefiro o primeiro tempo, fresco e vívido. O ultimo tempo, intitulado Saltarello, deve pintar um episodio da vida popular italiana. Se se comparar com este trecho o Carnaval romano de Berlioz, que expressa a mesma coisa, resultará a comparação favoravel a este ultimo.

Schumann

Uma symphonia de Schumann, bem tocada a quatro mãos, produz, geralmente, maior efecto do que em concerto. A razão está num facto que os proprios admiradores absolutistas de Schumann não poderão recusar-se a reconhecer um dia, e que é o seguinte: Schumann não sabia manejar a orchestra, nem com a batuta nem com a penna. Quasi sempre emprega a orchestra completa, sem esforçar-se por

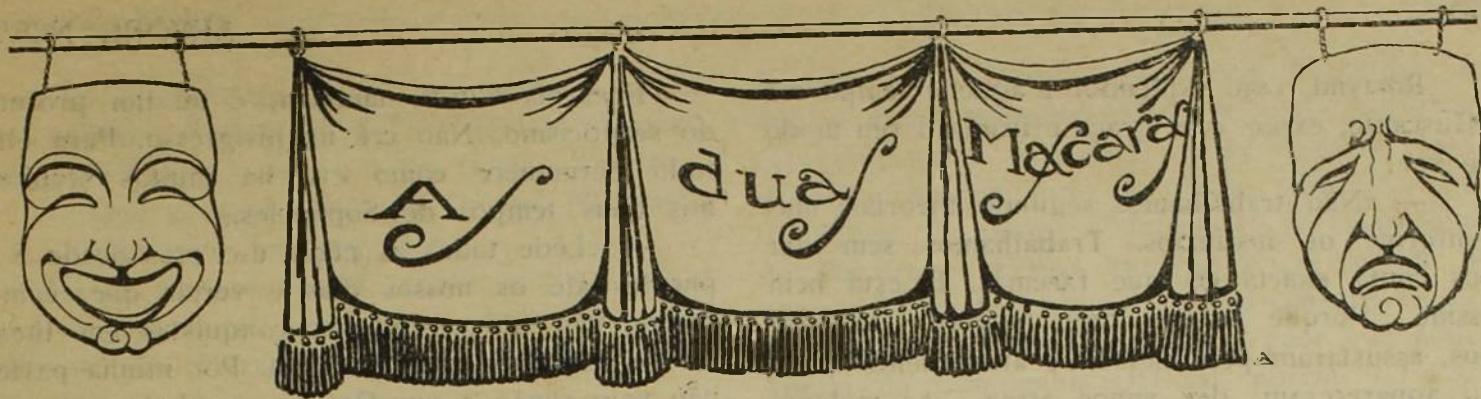
elaborar as diversas partes da orchestra conforme o caracter dos diferentes instrumentos isolados. Com debilidade quasi infantil, supõe alcançar a plenitude e a força do som duplicando as partes. Sua instrumentação torna-se por isto tão consistente e pesada, que se se executasse exactamente segundo sua disposição, na maioria dos casos, nada saharia expressivo do discurso orchestral. Podeis crer em minha experientia de director de orchestra: nada dá tanto trabalho como a execução de uma symphonia de Schumann...

Considero como o melhor trecho, das quatro symphonias de Schumann, o Adagio expressivo da symphonia em dó maior, com a phraze ideal dos violinos, phraze que parece levar um vôo, voltando a descer em seguida. As symphonias em mi bemol maior e em re menor são inferiores ás outras duas.

FELIX WEINGARTNER.

(Do livro «A symphonia depois de Beethoven», Berlim, 1898).





CONFIDENCIAS E OPINIÕES LITERARIAS

É particularmente grata á febril curiosidade do espirito moderno a indiscreção literaria desses deliciosos livros de confidencias, fragmentarios e dispersivos, que revelam ao mundo a vida dos grandes homens. E talvez comprehendendo a significação desse facto é que os escriptores contemporaneos, com tão symptomática semcerimonia, andam por ahi todos os dias a confessar, em livros, revistas e jornaes — as suas idéas, as suas opiniões, os seus sentimentos...

Os escriptores franceses, sobretudo, amam confessar-se em publico.

Elles todos gostam de conversar, em dôce intimidade, com os seus leitores, dizendo-lhes com encantadora franqueza — o que pensam, o que sentem, o que sonham... É raro o dia em que Paris não lê as confissões de um homem de letras. Diariamente, na França, aparecem dezenas de obras sobre Anatole, Loti, Faguet, Rostand, Bataille... Os franceses acompanham, com uma carinhosa curiosidade, todos os passos, todos os gestos, todos os movimentos dos seus escriptores, interessando-se até mesmo pelos seus mais secretos habitos e pelas suas mais intimas preferencias. É esse um genero de literatura, quiçá futil, mas sem duvida suggestivo, que floresce com especial encanto nas margens luminosas do Sena.

D'est'arte, nós que lemos o *vien de paraître*, parisiense sabemos episodios minuciosos da vida de Anatole France, conhecemos as preferencias de Pierre Loti, sabemos a historia de Paul Bourget... Do encanto das *matinées* da «Villa de Saïd», onde sorri a graça atheniense de M. de Bergeret, deu-nos noticias Paul Gsell. Do esplendor e da miseria de Wilde foi André Gilde quem nos falou com uma voz enternecedora e harmoniosa. Carrilho fez-nos revelações surprehendentes sobre a bohemia olympica de Moreas. Foi Paul Fort quem se encarregou de evocar, para o encanto da nossa saudade, a figura dolorosa e commovente de Verlaine. Conhecemos, minuciosamente, a vida literaria e a vida particular de Lemaitre, de Rostand, de Mallarmé. Sobre Hugo ha centenas de volumes. Ha outros tantos sobre Balzac. Flaubert e Mau-

passant, Zola e Daudet — todos elles deixaram confissões e tiveram historiadores... Só sobre esse dôce e enamorado Sainte Beuve — Deus do céo! — quanta coisa se tem escripto! Andam por ahi, lindas e fascinantes, em livros deliciosos, as dôces sombras das suas bellas amantes, das mulheres que perfumaram de suave ternura a sua vida ardente de amoroso!...

Os historiadores, os *enquêteurs*, os *reporters* literarios de Paris não deixam os escriptores em paz: vivem a atormental-os.

Perseguidos com a sua curiosidade, surprehendem-lhes os menores gestos, fixam-lhes as menores attitudes, guardam-lhes as menores phrases; narram os seus costumes, as suas preferencias, as suas idiosincrasias, as suas aventuras, as suas frequentes fraquezas e os seus deliciosos peccados... a actual literatura francesa está repleta desses livros documentaes de confidencias de intimidades, de indiscreções. E elles todos são, afinal, apesar das suas doiradas mentiras, optimos documentos de sensibilidade, depoimentos d'alma, que servem para o estudo da psychologia, não só de simples individualidades, mas tambem de epochas e gerações.

FALAM OS DRAMATURGOS FRANCEZES..

Ainda ha pouco, li as confissões dos grandes dramaturgos franceses, publicadas, vae isso para uma duzia de annos ou pouco menos, em Paris. Francamente, é um admiravel documento literario, que define uma geração. Falaram as mais altas figuras do Theatro Fransese, expondo as suas opiniões e theorias de arte, em entrevistas, artigos e cartas. E infinitamente interessantes são algumas dessas confissões literarias dos dramaturgos franceses.

Lavedan declarou, cathegorico, a um jornalista parisiense:

— «Não tenho nenhum systema, e admiro os escriptores que podem ter algum. Eu limito-me apenas a observar e a pôr em scena personagens tão reaes quanto é possivel, evitando as formulas muito usadas. E faço assim, porque assim comprehendo a minha arte, e sem ter nenhuma intenção revolucionaria. Tampouco me preoccupa a influencia que possam ter minhas comedias».

Rostand, cujo esplendor n'aquelle tempo era offuscante, expoz com graça e ironia o seu modo de ver:

— «Não trabalhamos segundo theorias, mas conforme os instintos. Trabalhamos sem dar vos conta exacta do que fazemos. E está bem assim... Porque os que hoje parecem retrogrados, assustaram pela audacia e atrevimento quando apareceram, dez annos atraz... As melenas revolucionarias de hoje, da mesma forma, serão as cabelleiras brancas de amanhã... Trabalhamos, pois, dominados pelo capricho, obedecendo á inspiração, deixando-nos levar pelo temperamento, sem tratar de saber como trabalhamos nem por que trabalhamos assim».

Já Brieux, ao contrario de Rostand e Lavedan, acreditava nas theorias e nos systemas...

— Sei que no theatro o que o publico prefeere é o spectaculo de uma vontade, e que, sem disso se dar conta, desejaria que o dramaturgo fosse um — «professor de energia».

E quando uma comedia tenha tal elemento de exito, sua factura estará assegurada. Tres peças me parecem, sob este ponto de vista, perfeitas: — «La maitre de forges», de George Ohnet; «Le tour du monde en 80 jours», de Julio Verne, e «La reine», de Capus.

Nosso dever — diz ainda o auctor de «Les Avariés» — consiste em vulgarisar os pensamentos dos sabios. Devemos traduzir ao publico o que pensam as intelligencias do seu tempo. Devemos reduzil-o, pondo ao seu alcance os magnificos ensinamentos dos philosophos e dos sabios, convertendo-nos assim em propagandistas da intellectualidade».

Alfredo Capus, procurado por um *reporter*, falou com a voz desencantada de um sceptico irreductivel:

— «Fala-se muito da situação da comedia de intriga... Haverá razão para isso? Os contemporaneos de Scribe, e o proprio Scribe, viam em suas comedias um reflexo dos costumes de sua epocha. Se a intriga se simplificou é porque o publico vê as peças com menos attenção. E, demais, estamos nós convencidos de que na comedia de intriga o que seduzia era mesmo a intriga?... O espectador vê o que succede, sem tentar esforço para attingir a uma idéa geral. Se a causa lhe agrada, aplaude. E isso é tudo.

Ha mil maneiras de casar uma moça; porém no fundo sempre é uma moça que se casa... A forma mesmo não muda senão porque os costumes mudam. O theatro representará sempre a mesma causa, porque os homens fazem sempre a mesma causa... Nossos filhos farão o mesmo que nós fazemos. Para que mude o theatro, seria necessario que mudasse o homem, e é facil de calcular que numero de seculos seria necessario para isso».

François Cirel, tambem, é de um profundo scepticismo. Não crê no progresso. Para elle tudo permanece como era ha muitos seculos, nos bons tempos de Sophocles...

— «Lêde todas as peças escriptas desde Sophocles até os nossos dias e vereis que, como forma, são iguaes. Nossas conquistas em theatro se reduzem a pouca cousa. Por minha parte, não vejo senão a questão das «unidades», e esta é uma conquista material, devida aos progressos da «mise-en-scene» e á arte da «maquillage». Como antigamente o actor conservava toda a noite o proprio rosto, era difficult ao publico aceitar que elle tivesse vinte annos no primeiro acto e sessenta no segundo. D'ahi nasceu a necessidade da «unidade de tempo». Hoje, porém, como a *maquillage* habilmente permite ver os personagens com multiplos aspectos, o publico se deixa enganar com prazer... D'est'arte, em *Niniche*, Judic poude, no espaço de tres horas, ser filha, mãe e avó, sem chocar a platéa. Depois disto, não conseguimos nada, nada».

Esse dôce Donnay cujos deliciosos sorrisos illuminam encantadoramente o contemporaneo Theatro Francez, assim se exprimiu em carta dirigida a uma revista:

— «Meu methodo? Evidentemente devo ter um, por isso que trabalho; ainda que não seja mais do que o de não ter nenhum. Assim, pois, escolho um ássumpto, quasi sempre uma historia de amôr, porque a grande, a unica preocupação do homem e da mulher é o amôr, como diz o senhor Izoulet. Penso na historia: as figuras se vão debuxando, os caracteres se vão precisando, a idéa das scenas me apparece com fragmentos de dialogos. O mais importante é o numero dos meus personagens. Já não se disse que numerar uma cousa era creal-a? Nunca faço o que se chama um scenario. E evito as falsas entradas, as falsas saídas, os monologos, as «tiradas».

QUE FALEM TAMBEM OS NOSSOS

Seria tambem por muitos titulos interessante conhecer as opiniões e as confidencias literarias dos nossos dramaturgos. Ainda é um genero pouco explorado entre nós, esse de obrigar os escriptores a dizer em publico o que pensam e o que sentem... Depois do «Momento literario» de João do Rio nada mais se fez aqui nesse sentido. A brillante tentativa do sr. Americo Facó fez sensação. Mas, diga-se de passagem, nessas recentes entrevistas quem mais falava era sempre o fino espirito do *enquêteur*... Por isso pensei em ouvir as confissões dos nossos dramaturgos. Imaginem que phrases brilhantes não diria o Sr. Coelho Netto!

ARVORE NOVA

E o Sr. Claudio de Souza, quanta coisa grave nos poderia contar! E o Sr. Renato Vianna, e o Sr. Viriato Corrêa, e o Sr. Gastão Tojeiro...

-- Que pensarão elles do Theatro Nacional?

— Dolorosa interrogação!...

Mas é sempre bom fazermos uma tentativa. Será opportuno e sensacional, neste momento brilhante de effervescencia, de trabalho, de subvenção...

Para principiar, pretendemos ouvir as confissões literarias da illustre Sra. Ruth Ribeiro, do brilhante Sr. Benjamin Lima e do recen-tissimo Sr. Raul Pedrosa — os estreantes do Theatro Official da Prefeitura.

Antes de ouvil-os, todavia, queremos dizer que nos foi grato ouvir as suas peças. Todos três, sem duvida, revelaram qualidades apreciaveis — talento, esforço, bôa vontade e, talvez, tambem, coragem.

A Sra. Ruth Ribeiro, cuja peça «E a vida continuou» foi representada no spectaculo inaugural do Theatro de Comedia Brasileira, é um espirito fino e scintilante. A sua alta comedia, apesar das hesitações e defeitos, de que se resente, deixa ver um talento forte e admiravel. Nesta peça não nos deu apenas a classica — «promessa», que se entrevê, fugidia e indecisa, nas obras bisonhas de todos os estreantes; deu-nos mais — deu-nos uma forte affirmação de intelligencia e de trabalho.

Do Sr. Benjamin Lima pode dizer-se que

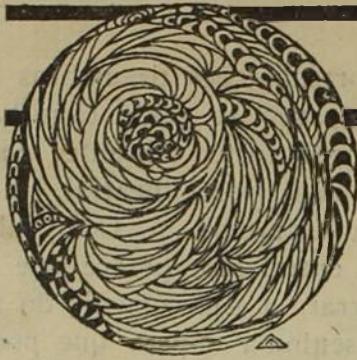
é uma das melhores organisações dramaticas de que o Brasil contemporaneo se pode orgulhar. «O carrasco» é uma peça forte, vibrante, emocionante. Mesmo que não fosse theatrical, seria dramatica. Commove e interessa. A Companhia do Theatro S. Pedro, entretanto, perece que tinha o intuito de «enterrar» a alta comedia do Sr. Benjamin Lima. Representou-a o peor que pôde. Apesar da Companhia Official, porém, «O Carrasco» revelou-nos uma organisação excellente de theatrologo.

O Sr. Raul Pedrosa... Mas é melhor não falar mais em theatre brasileiro. «Emfim... Cegos ao sol» é a mais fraca das peças representadas no S. Pedro. Hesitante, fragil, incolor. Posto isso, o Sr. Pedrosa mostra que tem possibilidades para nos dar cousa melhor.

Mas se estas peças não tiveram um exito mais completo e mais duradouro, isto se deve exclusivamente á Companhia de Comedia Brasileira. Apesar de figurarem n'ella um ou outro elemento de prestigio e talento, esta Companhia pode ser considerada, sem favor, um dos peores elencos dramaticos que temos visto no Rio. Mas ella teve a sua utilidade, como muito bem notou o meu brilhante collega Mironi, do «Rio-Jornal»: — serviu para confirmar o conceito criado pelo nosso contumaz pessimismo: — «não existe theatre nacional...»

PEREGRINO JUNIOR.





Os homens e as coisas...

REVOLVENDO UM ARCHIVO...

Continuamos hoje a publicação de interessantes documentos relativos á vida e á acção do grande Marechal de Ferro. Estamos certos de que por esta forma concorreremos em parte para o perfeito esclarecimento de factos históricos que são do maior relevo em nossa existencia de povo independente. A importancia dos documentos que estampamos no presente numero resalta por si mesma, sem necessidade de mais longos commentarios:

Telegramma

Porto Alegre, 9 de Junho de 1892.

Marechal Floriano

General Barreto Leite publicou manifesto renunciando cargo dando como motivos vacilações governo e constantes perturbações, que elle tem trasido funcionamento apparelho administrativo estado, adiando indefinidamente medidas importancia capital e confiando a um funcionalismo hostil á politica inaugurada revolução novembro. Cargos da maior relevância quanto manutenção ordem, apresenta scisão operada no partido revolucionario, que enfraquece reacções seo governo contra poder central, dificuldades creadas por autoridades estadoaes dissidentes e ameaças perturbação ordem por parte governo deposto revolução; diz seu governo entender pleito eleitoral viria occasionar provações perturbações ordem e como chefes politicos dissidentes afirmavam poder presidir eleições em plena calma, lhes caberá responsabilidade successos; diz ainda não ter com governo actual nem laço solidariedade politica. Visconde diz que retirado, sem ligação partidos politicos, assume governo a bem conservação ordem publica. Consta, porém, ter sido indicado por Gaspar em conferencia com Cassal. Ha desgostos entre partidarios Cassal proposito solução, principalmente escola, parecendo que essa crise facilitará muito união partido republicano.

(a) Major Faria.

Telegramma

Porto Alegre 10 de Junho de 1892.

General Moura

Permiti perguntar se é certo insistencia Visconde nomeação Commando militar. Corre isso aqui. Pessoa das que o cercam avisou-me que um emissario foi mandado acampamento dizer chefes partidarios Gaspar que Visconde assumiria comando, correndo insistentemente o boato de que eu seria deposto assumindo Visconde. Não acredito tão grande infamia parte Visconde, sendo certo que elle é mais um cadaver do que homem vivo e quem governa são o Gaspar e seus amigos. Foi organisada brigada policial de que é commandante general reformado Raphael Lima. Animos a'armados. Não tenho receio deposição que conseguiram depois de assassinar-me, mas convém dizer que estou só, não tenho auxiliares. Mandei Generaes. Commando fronteira toque a todos, grande sacrificio. Não tenho ao menos a quem nomeiar encarregado do pessoal. Medidas minha carta seriam proficuas. Da troca corpos pedida Coronel Pedra e Pantoja. Dizem que assumirá governo Brigadeiro Tavares. Jornaes partidarios publicam boatos inexactos sobre arsenal de guerra e intrigam o exercito com a Flotilha, disendo que o arsenal cessou movimento hostil contra o governo depois que a flotilha accendia morrões. É isto nōgonto espero auxiliares.

(a) General Vasques.

Porto Alegre 11 de Junho de 1892.

Nada mais tenho a dizer ao Marechal, sinão o que ficou dito; pedi conferencia a elle ou a vós; só preciso de auxiliares oppor energico governo. Minha energia mais que nunca necessaria só poderá ser proficua se fôr appoiada pela do governo. General Bacellar não é bastante respeitado, mas pode servir commando Uruguaya.

(a) General Vasques.

Bagé, 18 de Junho de 1892.

Marechal Floriano Peixoto

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.a que hoje assumi nesta Cidade o car-

go de Governador deste Estado cujo exercicio foi-me transmittido pelo 1.º vice governador.

(a) *General Tavares.*

Porto Alegre 18 de Junho de 1892.

Ao Sr. Marechal Floriano Peixoto

Acabo passar governo General Silva Tavares.

(a) *Visconde de Pelotas.*

Porto Alegre 19 de Junho de 1892.

Urgente. Marechal Floriano

Chefe flotilha deo parte dcente passando commando Cap.-Tenente Lara que passa por partidario exaltado Gaspar Martins.

(a) *Major Faria.*

Carta — Gabinete do Ministro da Agricultura

Rio 19 de Junho de 1892.

Ex.^{mo} Sr. Marechal

Derigi hontem uma carta a V. Ex.^a e outra ao Sr. General Ministro da Guerra, solicitando providencias urgentes no

sentido de que o official que guarda a estação de Porto Alegre e que ahi está, ao que parece, violando o sigillo da correspondencia telegraphicⁱ, não mais obstasse a transmissão de telegrammas que me fossem derigidos pelo Sr. Barros Cossal ou quaequer outras pessoas. Combinando o que hontem mesmo me foi revelado pelo mencionado Ministro com as communicações que recebo do sul, convenço-me de que haveis julgado correcto o procedimento do referido official.

Não discuto nem commento o acto de V. Ex.^a com o qual entretanto não devo nem posso conformar-me. Não quero assumir perante o Paiz a responsabilidade dos factos que se vão passar no Rio Grande, factos que em virtude da resolução de V. Ex.^a não poderei encaminhar, como desejava, para um accordo entre os grupos divergentes, unico meio, a meu ver, de evitar-se ali o deramamento de sangue.

Por isso não posso continuar no exercicio do cargo que me foi confiado, o que levo ao conhecimento de V. Ex.^a para os devidos effeitos.

Sou com o devido respeito
de V. Ex.^a Att.^o Cr.^o

(a) *Antão Gonçalves de Faria.*



Notas e Commentarios

PALAVRAS DE ROCHA POMBO

Para o presente numero de «Arvore Nova» escreveu Rocha Pombo, o Mestre illustre da Historia do Brasil, as linhas que se seguem:

Só desejo nestas linhas fazer aos jovens e operosos confrades da *Arvore Nova* uma sugestão que me vem neste momento á retentiva.

Como sabem, nós, americanos, somos herdeiros genuinos e directos da velha Grecia immortal e sempre nova. Pelo nosso espirito, pelo nosso culto d'bello, pelo nosso amor da terra, pelos nossos ideaes de justica, e sobretudo pelo modo como entendemos a liberdade, somos como a radiosa democracia hellenica transplantada para aqui através de vinte e cinco seculos de historia.

Esses vinte e cinco seculos de historia passaram, quasi como si não tivessem existido, entre nós e os dias mais gloriosos do mais espiritual de quantos povos já figuraram no scenario do mundo.

Reflictam os amigos no que somos, e sintam como andamos vivendo: e hão de ver como não arrisco nenhum dislate ou phantasia.

Avivou-se-me ha pouco esta impressão ao recordar, em rapida leitura, algumas daquellas commemorações que se faziam em Athenas: entre as quaes as que me parecem mais edificantes eram as visitações solennes ao templo de Minerva no alto da Acropole, e as apparatusas procissões a Eleusis.

E instinctivamente me apercebi de que, como verdadeiros filhos da civilização grega, somos ainda neste ponto fieis a essas que foram as mais grandiosas usanças e as manifestações mais brilhantes da alma da Grecia. Tambem nós, dir-se-ia que não podemos mais viver sem o conforto que nos vem do passado; e que, tanto por justica, como por necessidade de encorajar-nos na rota, sentimos grande ancia de rememorar os lances mais bellos da nossa historia.

Agora mesmo tudo o que se está fazendo para celebrar o nosso primeiro centenario de nação vai consistir especialmente em volver toda a nossa alma de povo para o momento inicial da nossa entrada na communhão do mundo.

Ora, si nas festas que se vão fazer ninguem esquece que é sobretudo o dia da independencia o facto culminante do seculo decorrido, pergunto: — por que não havíamos en-

tão de reservar, por certo a mais intensa das emoções de que vamos viver estes dias, para uma visita, que seria quasi uma ceremonia religiosa, áquelle pedaço de terra paulista onde ocorreu a scena de 1822?

Como seria original, tocante e significativa uma romaria da nossa mocidade á sagrada collina!

ROCHA POMBO.

CURSO DE LITERATURA BRASILEIRA

Cem enorme assistencia do que o Rio tem de mais distinto, iniciou-se á tarde do dia 21, o Curso de Literatura Brasileira que vae sendo effectivado por um grupo de intellectuaes da nova geração, tendo á sua frente Adelino Magalhães, o auctor de *Inquietude*.

Poucos movimentos tão sympatheticos e tão significativos quanto esse que encheu o elegante salão de conferencias do Centro Paulista! Tinha-se a impressão, antes da iniciativa de Adelino Magalhães e de seus companheiros, de que tudo se iria festejar no Centenario, tudo excepto... as bellas-lettras!

Industria, commercio, forças armadas, bellas-arts, theatro lá estavam representados officialmente nas festas commemorativas; e a literatura do Paiz teria permanecido em completo esquecimento no encantamento que tem sido as nossas festas patrióticas, se o grupo denodado dos «25» não principiasse de levar a effeito o magnifico certamen que, iniciado na abertura da Primavera, hade vencer por certo com a galhardia das obras moças.

Criticos literarios, poetas, jornalistas, autores de ficção e pensadores encarregar-se-hão do desempenho do Curso, tendo obtido muitos aplausos os conferencistas das sessões dos dias 21 e 28 do mez passado.

As principaes phases da nossa literatura serão tratadas especialmente pelos criticos da moderna geração; *a tout seigneur tout honneur!*

Os autores de ficção e os poetas tiveram a incumbencia de prelecionar sobre themes especializados, de acordo com o temperamento artistico de cada qual; aos jornalistas foram propostos themes relacionando-se com o *metier* e os pensadores novos discorrerão sobre philosophos brasileiros que foram, ao mesmo tempo,

escriptores recommendaveis pela pureza e pelo brilho de sua linguagem.

Num paiz, como o nosso, em que os trabalhos collectivos tanto custam devido á ansia de commodidade, de indolente retrahimento que caracterisa a tantos artistas novos e ao excessivo egotismo de não poucos, todos os louvores são poucos aos emprehendedores do *Curso de Literatura Brasileira*. Movimentos da natureza deste são imprescindiveis e ainda ha dias um joven publicista de merito, o Sr. Carlos Süsskind de Mendonça escrevia sobre a iniciativa de Adelino e de seus collegas mostrando, em frases rigorosas, o que ha de prejudicial á nossa cultura na inercia, na inefficiencia dos artistas moços.

Já o velho Sylvio Roméro commentava tal inaptidão practica no seu tempo...

Eis o programma das oito vesperaes, que irão até meados de Novembro:

1.^a Vespereal (21 de Setembro).

Os quinhentistas e os seiscentistas no Brasil — Austregesilo de Athayde.
Mathias Aires — Claudio Ganns.
Gregorio de Mattos — Agripino Grieco.

2.^a Vespereal (28 de Setembro).

A Escola Mineira. Basilio e Durão — Victor Vianna.
Marilia, Moema e Lindoya — Povina Cavalcanti.
Magalhães e Porto Alegre — Abel de Assumpção.

3.^a Vespereal (5 de Outubro).

Phase romantica (os maiores escriptores) — Brenno Arruda.
Manoel de Almeida — José Vieira.
Hypolito, Evaristo, Quintino e Patrocínio — José Guilherme.

4.^a Vespereal (12 de Outubro).

Phase romantica (os maiores poetas) — Pereira da Silva.
A literatura feminina no Brasil — Gilka Machado.
Alencar, Macedo e Machado de Assis chronicistas — Fenelon Lima,

5.^a Vespereal (19 de Outubro).

Phase naturalista — Viriato Corrêa.
Alberto Torres, o nacionalismo no Brasil — Porphyrio Soares Netto.
De Tobias a Farias Brito — Oswaldo Orico.

6.^a Vespereal (26 de Outubro).

Phase parnasiana — Andrade Muricy.
O espirito literario no jornalismo brasileiro — José Felix.
A literatura regionalista — Mario Hora.

7.^a Vespereal (3 de Novembro).

Phase symbolista — Tasso da Silveira.
Psycho pathologia dos personagens de Pompeia e Caminha — Henrique Roxo.
A chronica no ultimo trintennio — Horacio Cartier.

8.^a Vespereal (9 de Novembro).

O theatro no Brasil — Marques Pinheiro.
A literatura paulista — Mario Vilalva.
O moderno espirito da literatura brasileira — Murillo Araujo.

Cada uma dessas conferencias não deverá exceder de 15 minutos para os themas especializados e 30 para as phases literarias.

UMA CARTA INEDITA DE JOAQUIM NABUCO

É, certamente, do mais vivo interesse para todos o curioso documento que abaixo transcrevemos. Como em todas as paginas rutilantes de alta intelligencia que Joaquim Nabuco nos deixou, na carta inedita que hoje estampamos o grande abolicionista nos apparece em todo o esplendor de seu espirito magnanimo e na admiravel pureza do seu pensamento generoso.

Rio, Julho — 1888.

Meu caro José Marianno,

«Afinal, dirá v., o Nabuco me escreve!». Mas na guerra como na guerra, até hoje não tenho descansado e assim se não nos escrevemos é porque estamos trabalhando juntos pela mesma causa.

O Beltrão, entretanto, com quem v. se corresponde, disse-me hoje na Camara que v. havia lhe manifestado contentamento por ter-me eu declarado contra o ministerio. É preciso, á vista disto, que eu lhe escreva para v. conhecer bem a minha attitude. Essa não mudou. Eu estou hoje onde estava hontem. Combato o João Alfredo no terreno dos bancos hypothecarios como o sustentei no da abolição pelos mesmos motivos. Estou longe, porém, de o querer derribar de qualquer forma juntando-me com os reacionarios escravistas. Se elle quizer cahir, cáé com os ólhos abertos. A minha posição é especial, exactamente porque o João Alfredo está sendo atacado pela lei de 13 de maio, causa principal do ódio contra elle, e porque estou mais identificado com o abolicionismo do que com qualquer partido que me parecem todos igualmente plutocratas. Eu hoje lucto por ideas e não por partidos. Nas ideas sou intransigente, quanto aos partidos não me presto mais a galvanizar os. Estão mortos e bem mortos. Para fazer causa nova é preciso novos instrumentos. Os que nos vieram da escravidão são cabos de chicote e

pedaços de tronco que não servem para a reorganização do paiz.

Occupo assim na Camara uma posição solitaria, que corresponde ao meu ideal não direi politico, mas popular. V. tem a alma do povo, eu tenho a consciencia. Nós nos separamos apenas apparentemente — porque no fundo nos completamos. Hoje como hontem, amanhã como hoje. Deixe os partidarios desgostarem-se de mim: estou fazendo a unica politica verdadeiramente democratica que possa existir no paiz. Os partidos esmagam o povo. Ambos elles são expiatorios e mal começa o republicano já está adorando o bezerro de ouro. Eu opponho-me aos Bancos porque quero a pequena propriedade, a dignidade do lavrador, do morador, do liberto — a formação do povo que está ainda abaixo do nível dos partidos. Não considero o interesse de nenhum partido, mas somente o do povo que nada pode fazer por mim porque ainda nem sequer balbucia a linguagem de seus direitos.

Eu sei que a minha attitude tem ahi desagrado muito ao partidismo. Mas o que queria elle que eu fizesse! O Dantas está no mesmo ponto de vista que eu. Ainda hontem elle me dizia: «O constrangimento que nós teríamos em derribar o João Alfredo com os escravocratas devia ter o Andrade Figueira para não sustental-o depois da abolição». Eu sigo o meu caminho pela bussola que no deserto me mostra o norte tão seguramente como se em torno de mim todos me estivessem dizendo onde elle estava.

E deixe-me dizer-lhe, meu caro amigo, v. não está aqui, seu temperamento o terá feito muita vez explodir contra o ministerio, v. se terá sentido humilhado vendo o seu liberalismo suspeitado pela parte do partido que é organicamente conservadora e até reaccionaria, mas eu sinto que v. me comprehende e me aprova, ainda que v. talvez estivesse procedendo de outro modo.

Isto me consola, mas confesso-lhe que a retirada do Antonio Carlos da politica tirou-me a vontade de tambem continuar nella. Um homem em geral não leva a effeito mais de uma idea. Eu dediquei-me todo á abolição; feita ella, creio que estou autorizado a querer pelo menos refazer o meu cerebro que foi todo vasado naquelle molde durante dez annos. A Federação deve ser v. V. pode levantar um novo partido — tão forte como foi o abolicionista. Eu o sustentarei, mas eu mesmo não me sinto com forças para esse novo esforço, quero dizer, para por-me á frente delle, e elle requer um homem. Fallo do norte. Levante-se, meu caro amigo, e commande!

Eu hoje estou fora dos partidos pessoais e dentro das ideas ás quaes reconhei sempre circumferencia bastante larga para abranger todos os homens de boa vontade para servil-as

qualquer que fosse o seu baptismo politico. Por isso não serei mais candidato. Estou em uma verdadeira evolução na qual os partidos me causam o effeito de sombras impalpaveis e o povo de uma immensa chaga aberta em nosso territorio infeliz. A abolição desatou muitos laços, submergiu muitas posições, transformou tudo e abalou todos. Estou certo porem que ella não fez senão tornar-nos a nós dois ainda mais *unos* do que erámos.

Mil saudades e minhas recomendações a D. Olegarinha que nestes mezes pelo menos não terá tido ciumes de mim. Contanto que ella não venha a tel-os do Ulysses! Mas se vossêes não se deixassem, era o caso de mesmo fora da politica eu ir até o Recife divorcial-os.

Todo seu

Joaq. Nabuco.

«RONDA CREPUSCULAR»

O novo livro de Silveira Netto

Deverá aparecer, no proximo mês de Outubro, o novo livro de poemas de Silveira Netto. É-nos grato transcrever aqui o que a respeito publicou a conhecida e bem feita revista *O Norte*, desta capital, em seu numero de 22 de Julho de 1920:

«Silveira Netto não é dos nomes gloriosos em nossa poesia, no sentido de que não é dos acclamados triumphalmente. Um livro publicado em 1900 focalizou sobre o poeta a atenção do paiz inteiro, provocou mesmo á critica européa palavras de alto elogio. *Luar de Inverno* teve a edição esgotada em poucos mezes, embora vendidos os exemplares a preços caríssimos. Mas depois disto, o poeta se recolheu, absorvido pela existencia intima do lar. Vivendo num fundo de província, seu nome deixou de figurar nos reclamos diarios dos jornaes. E as novas gerações, que foram desabrochando no Rio e nos Estados, não aprenderam o nome que, por instantes, tivera a sua aureola de gloria pura e ardente admiração geral.

No entanto, a impressão deixada pelo *Luar de Inverno* fôra tão profunda nos espíritos, que ainda hoje, 20 annos passados, os que assistiram áquella estréa literaria evocam o nome de Silveira Netto como o de um dos mais legítimos e singulares poetas brasileiros, e lhe recitam versos de cór. Quando apareceu, ha seis annos, o opusculo do poeta sobre as maravilhosas cachoeiras do Iguassú, toda a imprensa carioca relembrô o passado volume de poemas, com palavras calorosas de admiração. Somente as novas gerações, absorvidas pelo dia de hoje, mal se puderam informar da obra desse poeta, e não lhe têm o nome aos labios,

como têm o dos que ficaram na liça e continuaram quotidianamente a exercer, sobre nossos meios literarios, o que se chama «ação de presença», factor indispensavel da nomeada que não morre.

Mas Silveira Netto entregou ao editor um novo livro de poemas, e prepara a segunda edição do seu *Luar*. Isto vale por dizer que vai retomar o posto que lhe compete. Serão apenas mais alguns meses de espera. Os novos terão, em breve, occasião de reparar a involuntaria injustiça.

Luar de Inverno apareceu na época da agitação symbolista, e foi, no Brasil, um dos primeiros livros vasados nos novos moldes. Distingue-se, porém, de tantos outros apparecidos na mesma época, e que uma ephemera vaidade adaptara á esthetic nascente. Tudo nesse volume indica um legitimo temperamento e uma invencivel vocação poetica. Na novidade dos ritmos, na estranheza das concepções, na tragic atmosphera que por todo o livro se respira, ha a revelação de uma alma que se define por si mesma como a de nobre e singular poeta.

Nascido de gente humilde, e fazendo-se precocemente homem na aspera luta dos desprotegidos da fortuna, Silveira Netto soffreu, ainda, a perda das mais caras affeções, e viu diluir-se nas dificuldades circumstantes todo um sonho de esplendor artistico. Viera para pintor, do que dera prova em plena meninice com seus desenhos e pasteis notaveis em quem nunca havia aprendido a arte difficult, causando o ingenuo assombro do meio provinciano em que vivia. Cem vezes tentara quebrar o grilhão da pobreza e seguir para a capital da Republica, afim de aperfeiçoar a innata habilidade. Cem vezes fôra desilludido e esmagado. E a dor que ficou de tudo isto operou na alma do artista como que uma transmutação de valores, e do pintor nasceu o poeta. Dahi constituir nota de relevo em *Luar de Inverno*, ao lado da visão subjectiva predominante, a visão pictural de seus poemas. Note-se que não nos referimos ao poder descriptivo dos parnasianos, habeis no colorido vivo e quente. Mas a uma visão pictural com um tanto de impressionista, com um tanto de Carrière nas suas telas ennevoadas.

Leia-se a seguinte estrophe do poema «A ruina», em meio da tempestade:

.

Os paredões abalam-se na terra
Como duendes colossaes, enquanto
A ruina toda meio que se eleva
Pela nevrose bárbara do espanto!

Só quem nunca tenha assistido a um espectáculo como o que o artista procura descrever poderá negar toda a belleza e força de suggestão destes versos. Mas á visão pictural

sobreleva a visão subjectiva, alimentada no profundo recolhimento dessa alma em si mesma, após as grandes amarguras moraes por que passou. A expressão do soffrimento, no livro, é de angustiosa eloquencia. Quem se não emocionará fortemente com o formoso soneto «A Filhinha Morta», que abaixo transcrevemos, tão cheio da humana convulsão dos soluços arrancados ao mais fundo do ser?

Morreste... e em ti levou-me a sepultura.
Do maior sonho o eterno reverbero,
Porque não ha nem mesmo na loucura,
Quem possa a alguém querer mais que eu te quero.

Morreste... e quanto a morte transfigura
em pás de terra o affecto mais sincero!
Ha no meu verso, feito de amargura,
Um funeral de pranto e desespero...

Fiz da minha alma, que a saudade estilha,
Nesta sagrada e torva penitencia,
Camara ardente do teu nome, filha;

Mas, Desespero, a lagrima não cessa...
Jorre-me o pranto na maior demencia,
Que a dor calada mata mais depressa!

Das continuas amarguras que o assediaram nasceu na alma do poeta a obcessão do soffrimento. Mas este soffrimento é sincero e profundo quanto o possa ser o soffrimento humano. Houvesse nelle um simples elemento de artificialidade, e não produziria notas de vibração tão nova, resoantes e sentidas, como as que cantam em quasi todos os poemas do volume. O artista viveu as magras de que falla, sentiu-lhes o amargo pungir, para poder fallar por esta forma:

. e a vida, fatigada
De no meu corpo ser tão desgraçada,
Foge-me toda para o teu olhar...

E noutra parte:

Porém mais alto minha dôr solução:
É mais sombro e maior dôr comporta
Ter como eu tenho o corpo carregando
Na cova da existencia um'a'ma morta...

Em certos olhos queridos o poeta vê:
... o silencio das praias desoladas
E esse vago martyrio das ausencias...

A obcessão da dôr leva o pensamento do poeta a indagar se ella persistirá para além do tumulo:

Então a tristeza humana
Passa a inorte, não tem fim?

Mas ahi, seu negro pessimismo pára, para dar lugar a uma longinqua esperança. E elle termina um de seus poemas com estes profundos versos suggestivos:

Ah! se não houvesse nesta leva
A sombra de uma vaga recompensa,
A vida rolaria numa treva
Extranamente immensa...

Assim é todo o livro, assim é a alma de poeta que o concebeu. Essa finura, essa subtilidade, e ao mesmo tempo essa vehemencia de impressões dolorosas, não poderiam deixar de vir de uma alma cristalina de poeta, ingenua na sua grande bondade, soffrendo mesmo, em grande parte, por ser ingenua e bondosa, pois sente mais a fundo os attritos da vida. Os que conhecem particularmente Silveira Netto, sabem que elle é a expressão viva dos poemas que compõe. Todos os seus gestos são graves e solemnies, como se elle estivesse a officiar num templo.

Torturam-lhe o espirito os menores attritos. Incapaz de atacar a quem quer que seja, causam-lhe magua e espanto, os ataques que por ventura se lhe dirijam. Dahi a necessidade de recolher-se ao seio carinhoso da familia, e absorver-se nesta de maneira tal que o impediua, não de continuar o sonho e a obra de arte mas de manter uma vida de relações e intrigas que lhe tornaria facil a nomeada persistente.

Depois de publicado «Luar de Hinverno» continuou o poeta a escrever, com maiores pausas porém, conforme lh'o permittiam os raros momentos de despreocupação da vida prática. E lentamente foi compondo o livro agora entregue ao editor, e a que deu o titulo de «Ronda crepuscular»!

A critica terá dentro em pouco a satisfação de tratar desse novo livro. Nelle Silveira Netto é o mesmo poeta, embora serenado, soffrendo ainda, porém, mais tomado pe'a ternura do que pela dôr. Apparecem, em o novo volume, cutras preoccupações. É elle mais complexo do que o primeiro, mais bem traçado e mais humano, embora talvez menos profundamente caracteristico em razão mesmo da sua complexidade.

Mas não nos queremos adiantar á opinião da critica. Basta, para o recommendarmos, que transcrevamos o bellissimo soneto abaixo, obtido das mãos de Silveira Netto depois de um longo trabalho de persuasão:

Ao meu lar

Amores... quem os tenha, pela vida,
Grandes e immensos (que saudade, Amor!)
Que os acarinhe até ao delirio e á dôr,-
Como o naufrago á taboa foragida...

Amor de Pae — a terra promettida;
Amor de Mãe — adoração em flôr.
Almas de noivos, — todo o céu do amor
Numa curva de beijos sobre a vida...

Amor de almas irmãs, amor de amigo,
Onde a bondade humana, doce abrigo,
Vae sua tenda de arabe assentar...

Amor de espôsa e filhos, graça pura!
De outro não sei que, de maior doçura,
Abra-me os braços para eu repousar...

«ARVORE NOVA» E A IMPRENSA CARIOLA

Somos imensamente gratos á generosa e brilhante imprensa patricia pela maneira altamente gentil por que recebeu o primeiro numero de «Arvore Nova». Consideramo-nos recompensados pelo esforço dispendido. E registando aqui nosso reconhecimento, é-nos extremamente honroso reproduzir algumas das palavras de estímulo e carinho que nos foram dirigidas, e que sobremaneira nos facilitaram a árdua caminhada em que nos empenhámos.

De «O Dia»:

«Como era de esperar, o successo da revista «Arvore Nova», de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, tem sido franco em nosso meio literario. De ha muito que nos resentiamos de uma publicação neste genero, onde o espirito da geração que está agora a despontar pudesse encontrar um veículo para expandir-se e revelar-se. O primeiro numero da «Arvore Nova», embora traga ainda collaboração dos nomes já feitos em nossas letras, apresenta uma forte contribuição dos novos, cujos nomes dão bem um juizo promissor da moderna esthetic brasileira.

Para dar uma demonstração do que seja a «Arvore Nova» basta a apresentação do seu magnifico summario:

«O Eleito», Cecilia Meirelles; «Nestor Victor», Tasso da Silveira; «A oração do homem», Mario Ferreira; «Felicidade», Ildefonso Falcão; «Noticia sobre a Illusão», Onestaldo Pennafort; «A literatura dramatica na America Pre-colombiana», Sergio Buarque de Hollanda; «A montanha de luz», Rubens de Ajax; «Téla original», Carlos de Vasconcellos; «Castellos na areia», Olegario Marianno; «America», Moacyr de Almeida; «O elogio da vida», Affonso de Carvalho; «Las Multitudes» (versão do E. B. y Ballivian), Tasso da Silveira; «A eterna anecdota», Alvaro Moreyra; «El mar» (versão de Angelica Ferreira), Faria Neves Sobrinho; «Um caso...», Gilberto de Andrade; «Ballada do poeta morto», Rodrigo Junior; «Por um silencio de lua...», Murillo Araujo; «O crime» (de uma novella), Julius Marcos; «Os varios modos de aprender» (traducção), E. Wasmann; «A pagina de dedicatoria», P. C.; «Confidencias...», Paulino de Brito Filho; «Um fusain notavel», Carlos Rubens; «Defesa moral», Horacio Fortes; «Livros...», A. M.; «Cidade das azas», Figueiredo Pimentel 3.º; «Offerenda a Murillo Araujo», Carlos Frederico; «Revolvendo um archive...», Sylvio Peixoto; «Wiener Philharmoniker», Andrade Muricy; «As tres adaptações», Pontes de Miranda; «Murmurio d'agua», Manoel Bandeira; «As duas mascaras», Peregrino Junior; «Idolos de barro...», Nilo Bruzzi; «Ultimo olhar», Ramiro Gonçalves, e varias notas e commentarios.»

Do «Rio-Jornal»:

«Está em circulação o primeiro numero dessa esplendida revista que obedece á direcção de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira.

O fim a que se propoz, o de representar o nosso belletrismo novo, conseguiu-o inteiramente.

Muito bem collaborada, com a materia redaccional escolhida, a «Arvore Nova» torna-se de uma leitura suggestiva e interessante.

Nomes dos mais representativos da mocidade literaria do Brasil, collaboraram nesse bello numero de então.

Entre os collaboradores estão os seguintes:

Olegario Marianno, Alvaro Moreyra, Ildefonso Falcão, Cecilia Meirelles, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Moacyr Almeida, Garcia Margiecco, Onestaldo Pennafort, Peregrino Junior, Carlos Rubens e outros.

«Arvore Nova» destina-se a victoria certa e longa vida. Veio preencher um claro ha muito existente, mas o fez com brilho. Á sua frente estão dois notaveis moços, dignos de todo o apreço e apoio de nosso publico letrado.»

De «A vida futil» (Rio-Jornal):

«Circulou hoje o primeiro numero da «Arvore Nova». É um facto de grande significação literaria o apparecimento desta brilhante revista, porque ella traz a palavra da gente moça do Brasil. É o orgão da ultima geração — desta geração forte, corajosa e culta, cheia de fé e de intelligencia, que surge para a vida como quem surge para o triumpho.

A «Arvore Nova», que obedece á direcção de Tasso da Silveira e Rocha Andrade, traz um summario excellente.»

Do «Imparcial»:

«Sob a direcção de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, acaba de aparecer o primeiro numero da «Arvore Nova», excelente revista collaborada fartamente pelos espiritos mais brilhantes da moderna geração.

O seu primeiro numero, que está cheio de coisas interessantes, traz um summario variadissimo. Cecilia Meirelles, Tasso da Silveira, Onestaldo Pennaforte, Ildefonso Falcão, Carlos de Vasconcellos, Olegario Marianno, Moacyr de Almeida, Alvaro Moreyra, Garcia Margiocco, Murrillo Araujo, Carlos Rubens, Peregrino Junior e Andrade Muricy, são as pennas leves, subtils, cheias de delicadeza, que emprestam ás paginas do numero inaugural de «Arvore Nova» o «frisson» de sua sensibilidade esthetica.

Ha ainda artigos e topicos de redacção. A feitura material da revista é bem cuidada.

Que ella vença, pois, e prospere — são os nossos votos.

Do «Fon-Fon»:

«Aos que trabalham nessa vida de imprensa, seja em jornal ou em revista, é sempre grato vêr, ao lado do progresso material das empresas, um incontestável incentivo intellectual ou uma preocupação generosa pelas cousas do espirito.

Por isso é com justificado jubilo, aos veteranos dessas lides nobres, como são sem dúvida as da factura de um grande orgão de publicidade ou de um *magazine*, vêr os que surgem, para o mesmo combate, armados dos melhores predicados para vencer, num terreno tão ingrato, mas ao mesmo tempo compensador de todos os sacrifícios, e onde ha lugar para todos...

Esses pensamentos de *sympathia* ocorrem-nos com o apparecimento da *Arvore Nova* — a esplendida iniciativa moça de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, os quaes, com ella, vêm dispostos a um combate desinteressado em favor da actividade intellectual das ultimas gerações.

Que a brilhante publicação afunde as suas raizes symbolicas no sólo magnanimo da Patria, tão fertil de bellas tradições, e estenda no futuro os seus ramos tutelares, para os céos azues. Aliás, da seiva de mocidade que a anima, só se fazem esperar os melhores fructos e as sombras magnificas!»

De «Caretta»:

«Está em circulação esta nova revista litteraria destinada a amparar todos os talentos prometedores da geração que surge.

Dirigem-na Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, dois artistas da penna, ambos cheios de ideias renovadoras, e já neste primeiro numero, cujo texto revela o espirito superior que os guia, apresentam um trabalho magnifico.

«Arvore Nova», que é uma publicação mensal, alcançou um verdadeiro successo nas rodas intellectuaes e vai marcar uma época, a abertura de uma Era redemptora nas letras.»

Da «Gazeta de Notícias»:

«Sob a direcção dos festejados intellectuaes patricios Tasso da Silveira e Rocha de Andrade, acaba de aparecer o primeiro numero da revista litteraria «Arvore Nova».

Esse numero traz um excellente summario em que se contam producções, não só de escriptores já consagrados, como dos mais apreciados literatos da moderna geração brasileira.

«Arvore Nova» veiu suprir uma sensivel lacuna, constituindo-se numa publicação meramente destinada a dar maior incremento ás nossas letras e á nossa propria cultura, visto como

as suas paginas encerrarão, de acordo com o seu programma desde a poesia e a prosa de ficção, até os trabalhos de valor scientifico e philosophico.»

De «A Folha»:

«Ansiosamente esperada appareceu hoje esta brilhante revista, sob a direcção de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira.

«Arvore Nova» é bem o repositorio das idéas e correntes da moderna mentalidade do Brasil, sendo os seus directores dois jovens, de representação fulgente na actualidade literaria do Rio.

Apresenta-se a novel revista com um programma deveras brilhante, do qual extraímos pela bizarria e encantamento dos seus conceitos os seguintes trechos: «Arvore Nova», entretanto, ahi está. O programma della, o nosso programma, se disso fazeis questão, é ella mesma, moça, cheia de esplendidas esperanças, pejada de bons fructos saborosos, tal como a vêdes. Dir-se-hia que, illudindo a vigilancia do dragão, a cuja guarda Hespero entregou o pomar encantado de suas filhas, d'ali a arrancamos para os seus maravilhosos fructos de ouro offerecermos aos que neste plano amargo, amam na belleza a harmonia universal.»

De «A Noite»:

«Circulou hoje o primeiro numero da revista literaria «Arvore Nova» publicada sob a direcção de Rocha de Andrade, Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Ha desenhos dos nossos melhores lapis. Do seu texto, destacamos paginas de valor de Tasso da Silveira, de Ildefonso Falcão, de Andrade Muricy, de Alvaro Moreyra, de Garcia Margiocco, de Olegario Marianno, de Cecilia Meirelles, de Carlos Rubens, de Mario Ferreira, de Sergio Buarque de Hollanda, de Carlos de Vasconcellos, etc.»

De «A Tribuna»:

«Sob a direcção dos jovens e applaudidos escriptores Rocha Andrade e Tasso da Silveira, surgiu a revista literaria, intitulada «Arvore Nova» e que se destina a levantar os idéas da mocidade brasileira.

«Arvore Nova» é uma revista primorosa, unica no seu genero, no Brasil.»

De «O Jornal»:

«Arvore Nova», é a revista do momento cultural brasileiro que vem de aparecer, sob a direcção dos srs. Rocha de Andrade e Tasso da Silveira.

O seu primeiro numero, numero correspondente ao mez de agosto, apresenta um sumario escolhido, entrecortado por varias notas e commentarios oportunos.

«Arvore Nova» não possue programma: — o programma é ella propria, cheia de esperanças, promettendo uma vida longa e proveitosa.»

De «A Patria»:

Arvore Nova — É este o titulo de uma linda revista literaria que os srs. Rocha de Andrade e Tasso da Silveira acabam de publicar.

Com uma suggestiva capa de Angelus, a «Arvore Nova» traz, nas suas muitas folhas, uma cuidada collaboração em prosa e em verso dos nossos mais festejados beletristas novos. A parte material da nova revista afina, perfeitamente, com a parte intellectual; agrada e impressiona bem. À «Arvore Nova» aguarda, certamente, um futuro brilhante.»

De «O Paiz»:

«Arvore Nova» — Sob a direcção de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, appareceu hontem mais uma bella publicação mensal com o titulo de *Arvore Nova*.

A sua primeira edição bem cuidada, de agradavel feição material e fina collaboração, contém entre outros trabalhos, os de Olegario Marianno, Ildefonso Falcão, Tasso da Silveira, Cecilia Meirelles, Carlos Vasconcellos e Alvaro Moreyra.

A novel revista, de gente nova, decerto fará carreira.»

Honrosa saudação

Respondendo ao telegramma de boas vindas que *Arvore Nova* lhe endereçou por occasião de sua chegada a esta capital, o Sr. Dr. Enrique Loudet, secretario da grande «Comisión Nacional de Homenaje a la Independencia del Brasil», e illustre intellectual argentino, escreveu-nos a seguinte carta gentilissima, com a qual nos sentimos extremamente honrados:

«Enrique Loudet, que le ha cabido la honra de volver a la incomparable Rio de Janeiro en hora de gloriosa rememoración histórica, ha recibido con íntima complacencia el telegramma que el digno Director de *Arvore Nova* se ha dignado dirigirle.

Enrique Loudet entre las multiples representaciones de que es portador trae una especial de «Nuestra América»: la de saludar cordialmente a *Arvore Nova* y a sus brillantes directores Rocha de Andrade y Tasso da Silveira en ocasión de la fecha centenaria que el mundo internacional hoy festeja alborozado de júbilo.

Acepte el amigo Rocha de Andrade mi saludo y simpatia personal y espiritual y quiera molestarse indicando-me lugar, dia y hora en que personalmente pueda expresarle estos sentimientos.

Rio de Janeiro, en el dia glorioso del Centenario del grande Brasil.»

«Arvore Nova» agradece a saudação fraternal de «Nuestra America» e a retribue cordialmente, tanto mais que foi enviada por intermedio do grande amigo do Brasil que é Enrique Loudet, representante legitimo da alma nova da America triumphante.

ARVORE NOVA

Das arvores novas

só se esperam fructos bons.

Assim tem succedido com a

Escola Remington
á rua 7 de Setembro, 67

Matriculem-se

A CARIDADE é a filha dilecta de Deus.

DEUS só abençoa aos que a praticam, espalhando o Bem pela terra, em socorro dos que soffrem.

Quantos séres infelizes, neste plano, muitos pagando a culpa dos que erraram!

Vós, que tendes filhos, e filhos pequeninos, e que amaeis ao proximo como a vós mesmos, não deixeis ao desamparo os pobres entezinhos internados no

Asylo de Nossa Senhora de Pompeia

Este pio estabelecimento é o refugio onde os filhos dos que cumprim pena no carcere encontram amparo.

Elles vos estendem suas mãozinhas supplices e innocentes. Olhae-os...

Dae aos pobresinhos: Deus vos abençôará.

Enviae donativos ao Asylo de Nossa Senhora de Pompeia

ALFANDEGA DO RIO DE JANEIRO

Arthur Miranda

Despachante Aduaneiro

Rua 1.^o de Março n. 116
1.^o andar

Telephone 172-Norte

Telegramma: THURRA

J. B. ALVES & C.^o

Matriz: Rio de Janeiro — Filial: Berlim
Agencias em todos os Estados do Brasil.
Engenharia — Importação — Representação de
Fabricas Allemãs — Installações completas
de Fabricas de Calçados.

Especialidade em Cósinhias a vapor para
grandes hoteis, casas de saude, asylos, vapores,
etc., assim como tambem Lavanderias a
vapor, simultaneamente installadas ou em
separado.

Machinas para padarias, laboratorios, e para
qualquer outra industria. Acidos para a industria
frigorifica, Azulejos, Ampollas de vidro
neutro e conta-gottas K. T.

Unicos importadores em todo Brasil do afamado
arado-motor allemão "HALLENSIA",
distinguido com o primeiro premio na Exposi-
ção de Agricultura de Magdeburgo.

Rua Buenos-Ayres, 47

Caixa Postal 743

Endereço Telegraphico Geral: JOBALVES

Codigos: Mascotte — ABC 5^a ed.

Rudolf Mosse — Galland Ingenieur
Code

ARVORE NOVA

Ao Grão Turco

Adelino Magalhães & C.

Casa especial de objectos de arte,
artigos de sport, leques, brinquedos,
jogos, etc.

96, Rua do Ouvidor

Tel. Norte 4034 Rio de Janeiro

Januario Basile

— Alfaiate —

18, Rua Rodrigo Silva, 18 - Sobr.

Esquina da Rua Assembléa

Teleph. 1058 Central—Rio de Janeiro

Motores, Lampadas e Material
Electrico.

Instalações Electricas, etc.

Haupt & Cia.

Telephones: Norte 2833 e 5238
RUA DE S. PEDRO, 50

RIO DE JANEIRO

WAR-GAS

O unico que extingue a formiga
saúva

Informações com

— Octavio Guimarães —
AVENIDA RIO BRANCO N. 9

Rio de Janeiro

Ribeiro Salgado & Cia.

Commissarios

Café, Manteigas, Queijos e mais
generos do Paiz

Consignações e Conta Própria
65, RUA DOS OURIVES, 65

Telephone Norte 1853

Caixa Postal 1424 — End. Teleg. "RISALDO"

RIO DE JANEIRO

Advogados

Drs. Arthur Vieira Peixoto
e Americo Ribeiro de Araujo
Escriptorio:

Rua do Rosario, 172 - 1.^o andar
Telephone Norte 4975

Acceitam-se causas no civel, no crime
e commercial

NESTA CAPITAL E NOS ESTADOS

Casa Mosciaro

Alfaiataria Civil e Militar

Ternos sob medida a dinheiro e a prazo,
confeccionados com todo o capricho no rigor
da moda e com tecidos superiores.

Jorge Mosciaro

Telephone Central 2249
6, Rua da Misericordia, 6

RIO DE JANEIRO

Alta Costura

Mme. Helène Thirouin

Rua dos Ourives, 37

1.^o andar

Telephone: Norte 4172

